



TENDÊNCIA

Número de abstenções deve ser menor que na eleição passada

*Acredita-se que maior acirramento político deva estimular a presença do eleitorado nas urnas. **Página 3***



Regularização fundiária na pauta da Empaer-PB

Presidente da empresa, Nivaldo Magalhães fala sobre a articulação com o Incra em busca de soluções para a questão da terra.

Página 4

Cresce exposição de crianças e adolescentes na internet

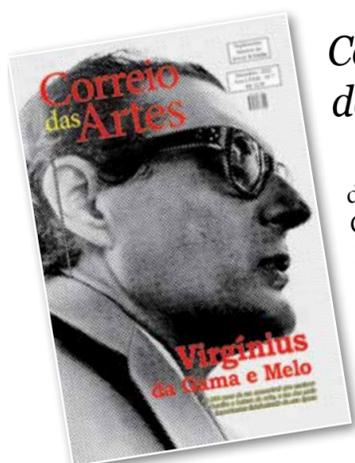
Relatório da IWF revela que, este ano, houve um aumento de 360% nas postagens de imagens de crianças com teor sexual.

Página 7

Litoral do estado possui três faróis com alcance de 10 milhas náuticas

Conheça a história e a função desses equipamentos construídos para orientar embarcações e evitar naufrágios.

Página 5



Correio das Artes

Os 100 anos de Virgínius da Gama e Melo são lembrados através de um perfil do professor e intelectual que fez história em João Pessoa.

Foto: Ortilio Antônio



Figurinhas da Copa 2022 viram febre em todas as idades

Colecionadores lotam bancas dispostos a pagar R\$ 4 por envelope, o dobro da Copa passada.

Página 6



Foto: Myles/BP&mb

Paraíba de olho no tráfico de animais silvestres

Ibama, Sudema e secretarias municipais trabalham em conjunto para resgatar bichos encontrados em cativeiro. **Página 20**

Foto: Ortilio Antônio



Gamela, há 42 anos expondo a arte da PB

A história da mais antiga galeria de arte em atividade da capital, fundada por Roseli (foto) e Altemir Garcia.

Página 18

Ângela Bezerra reflete sobre seus 80 anos: "Uma medalha de ouro"

Ex-presidente da Academia Paraibana de Letras celebra a nova idade com o lançamento de um livro em que vários escritores destacam a importância literária da professora e autora.

Página 9



Foto: Arquivo A União/Marcus Antonius

■ "Na salinha, sou o único homem a usar máscara. Na verdade, uma figura inusitada, elemento do sexo masculino manchando de azul o grupo cor de rosa, conforme a ideia sexista."

Fábio Mozart

Página 14

■ "Na prática, quando a taxa básica sobe, os juros cobrados em financiamentos, empréstimos e no cartão de crédito ficam mais altos e isso desencoraja o consumo, reduzindo a atividade econômica".

Amadeu Fonseca

Página 17



Editorial

Urnas à vista

O Brasil entra hoje na reta final para as eleições de 2 de outubro. Espera-se que não haja uma escalada de violência e que a campanha, em todas as regiões do país, tanto para o Executivo como para o Legislativo, transcorra sem incidentes graves. A preocupação é pertinente, tendo em vista as agressões sofridas por postulantes e sufragistas, nos últimos dias, em várias cidades, e o acirramento de discursos nos meios de comunicação.

Democracia, em resumo, é apresentação de propostas para que o povo escolha, pelo voto direto e secreto, aquelas que melhor representam os seus interesses. Querer virar a mesa por medo de perder o jogo é a pior alternativa. Os candidatos e candidatas, e suas respectivas estruturas políticas, devem obedecer às regras da competição, demarcadas pela Justiça Eleitoral. Infringir a lei descredencia partidos e suplicantes.

Há uma Constituição em vigor, e esta deve ser respeitada. Atacá-la, na forma de afrontas a princípios e pessoas, é o mesmo que tornar o país uma terra sem lei, onde apenas sobrevive quem é mais forte. Ora, se não se respeita as normas elementares de comportamento, não há lastro para o soerguimento de um estado que tenha por finalidade a justiça social. Violência gera violência, verdade que a História ratifica.

Tratar opositores como inimigos figadais, e não como adversários políticos, é uma conduta perigosa não só para quem faz uso desse expediente, mas, principalmente, para o país. A exaltação da violência não ajuda a construir nada, a não ser o império da barbárie. A paz deve ser o objetivo maior a ser perseguido, para que se dê início a um processo efetivo de desmonte de tudo que dá suporte às desigualdades sociais.

O discurso pode e deve ser duro, quando o que está em jogo é o destino da nação, mas não pode ultrapassar o limite da coerência, da razão, para evitar que os choques de opinião se transformem em brigas de rua, com o risco de desaguarem nos inaceitáveis e imprevisíveis conflitos armados. Bater ideias, não os corpos. Ressalte-se que o diálogo ainda é o instrumento mais precioso para a construção da paz.

É preciso entender que lançar mão de brutalidades e mentiras para insuflar pessoas contra determinados postulantes a cargos eletivos é um expediente que compromete a qualidade de vida, portanto, desqualifica o futuro do país, vez que deteriora as relações sociais, tornando o convívio insuportável. Sem um mínimo de entendimento, de compromisso com a verdade, aonde se espera que chegue um projeto de nação?

Artigo

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com | Colaborador

Qual caminho seguir?

Estamos próximos de decidir o caminho que queremos ver o país trilhar nos próximos anos: daqui a oito dias vamos às urnas. Nenhuma novidade nisso, uma obviedade prevista em calendário aprovado com um ano de antecedência. Vamos votar!

O que exige a reflexão de todos é: até onde a gente quer ir? Pode-se argumentar que a escolha não é fácil, até porque eleição rima com paixão, como muitos alegam. Mas a hora não exige paixão, exige razão, objetividade. A finalidade deve ser clara, não deixar margem a dúvidas.

Esse é um dos poucos momentos em que o futuro está nas nossas mãos e depende apenas de uma decisão. Há outros instantes de nossas vidas em que o futuro depende de iniciativas, mas, às vezes, apesar de fazermos a opção certa, como estudar, o futuro parece distante e a exigir muito esforço, denodo, dedicação e, sobretudo, mérito.

E a expectativa que temos em relação ao futuro pode demorar a se concretizar. No caso da eleição, não. Votamos hoje e já sabemos que a resposta até onde a gente quer ir será respondida no mesmo dia e assim teremos clareza para o amanhã próximo que decidimos querer hoje.

Eleição exige responsabilidades que vão além da que devemos ter para com nós mesmos. Exige cuidado com os outros, com quem estuda, com quem trabalha, com quem precisa de saúde, de investimentos, enfim, com o próximo. Não decidimos como egoístas. Fazemos uma opção, mas essa escolha chegará aos outros, daí a responsabilidade maior que o momento requer.

E essa responsabilidade é tão imensa, que é solitária, indevassável, única: o eleitor e sua consciência na cabine de votação. Ali consultando o que há de mais genuíno em sua essência, fazendo ponderações de toda sorte e até mesmo com emotividade, tentando encontrar motivos para simpatia com algum candidato ele decide que número digitar transferindo sua confiança e sua expectativa a alguém que possa representá-lo.

Não tento aqui convencer alguém a votar em um candidato especificamente, nem mesmo em um partido. Apenas apelo para a reflexão de cada um, porque não podemos nem devemos permitir que o Brasil perca mais uma década, aliás, um dia sequer de sua busca pelo desenvolvimento econômico e social para proporcionar a seus filhos vida digna.

Luiz Carlos Sousa

Foto Legenda

Marcos Russo



Fome e desolação

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Hipólita Teixeira - a inconfidente mineira

Filha de portugueses, Hipólita Jacinta Teixeira de Melo foi uma das mais ricas proprietárias rurais da região dos Montes, em Minas Gerais. Foi batizada com o nome de Theodózia, retificado posteriormente pelo Vigário Manoel Martins de Carvalho. Entrou para a História nacional como a única mulher a participar da Inconfidência Mineira, revolta separatista organizada no final do século 18 por uma elite socioeconômica. A Fazenda Ponto do Morro, onde morava, tornou-se uma célula dos inconfidentes, em razão da sua localização estratégica, próxima às cidades de São João Del Rey, Prados e a capital da província, Vila Rica, facilitando a comunicação entre os conjurados.

De temperamento independente para os padrões da época, Hipólita era casada com um dos inconfidentes, de nome Francisco Antônio de Oliveira Lopes. Em sua fazenda foram realizadas várias reuniões do movimento também conhecido como Conjuração Mineira. Quando da prisão de Tiradentes atuou como elemento facilitador de comunicação entre os insurgentes, distribuindo cartas e comunicados. Foi a responsável pela ordem que deflagrou o levante militar após a prisão de Tiradentes e do delator Joaquim Silvério dos Reis. Depois que o seu cônjuge foi expatriado, chegou a ser punida pela Coroa Portuguesa, tendo todos os seus bens confiscados.

Essa rebelião tinha como lema “Liberdade ainda que tardia”. Reagia contra a pressão dos portugueses em cima das grandes jazidas de ouro que obrigava os mineradores a mandar a Portugal um quinto do que extraíam. Ela participaram mais de sessenta homens, entre coronéis, advogados, poetas e sacerdotes. No entanto, uma figura feminina se destacou pela coragem em proteger e custear parte do movimento: Hipólita Jacinta. Assumiu, então, uma posição de vanguarda, sendo a primeira mulher a participar das lutas por causas sociais que demandavam justiça.

Em carta endereçada ao Padre Rolim Toledo, acusava a covardia de Joaquim Silvério dos Reis, delatando o movimento ao Visconde de Barbacena, porque o traidor tinha grande dívida a pagar à Coroa Portuguesa, oportu-

nidade em que também comunicava a prisão de Tiradentes. Relatando a insurreição escreveu em uma de suas cartas: “Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos no Rio, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirvam e ponha em cautela, e quem não é capaz para as coisas não se meta nelas, porque mais vale morrer com honra do que viver em desonra”.

Impediu o marido de entregar ao então governador de Minas uma carta-denúncia em que delatava o movimento, com o objetivo de tentar diminuir sua pena pela participação na Conjuração Mineira. Além de queimar a carta, destruiu outros documentos que pudessem incriminar os revolucionários. Mesmo assim, tentou de todas as formas salvar o marido, que fora preso e enviado ao Rio de Janeiro, junto com outros inconfidentes, todos eles sendo posteriormente degredados para a África, à exceção de Tiradentes, o único a receber a pena de morte.

Com a ajuda de amigos conseguiu reaver seus bens, em 1808. Antes de falecer, em 1828, deixou, em testamento, toda a sua fortuna para os pobres.

Foi, portanto, uma das mulheres notáveis que fizeram a diferença na História do Brasil.

“

Quem não é capaz para as coisas não se meta nelas, porque mais vale morrer com honra do que viver em desonra

Hipólita Jacinta Teixeira

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

MENOS APATIA POLÍTICA

Número de abstenções deve ser menor do que em 2020

Polarização incentiva eleitores a irem às urnas e registrar suas escolhas

Ana Flávia Nóbrega
 ana8flavianobreg@gmail.com

■ Na última eleição municipal, abstenções foram altas, chegando a 29,5%

No próximo domingo, todo o Brasil irá às urnas para definir o futuro do país nas eleições gerais. Os cidadãos escolherão quem assumirá os mandatos à presidência da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Com maior acirramento político em busca dos eleitores que ainda não decidiram em quem votar, e com o controle da pandemia, a expectativa é que a presença de eleitores seja superior ao que foi visto nas últimas eleições, para cargos municipais, em 2020, chegando a 29,5% do não comparecimento de eleitores habilitados no segundo turno.

Já em 2018, as eleições gerais tiveram a abstenção de 20,3% do eleitorado, em um país em que o voto é obrigatório. Apesar da não participação de um ator tão importante na constituição da democracia no país, a abstenção é um fenômeno natural em diversos países, como aponta Clóvis Alberto Vieira de Melo, doutor em Ciência Política e professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

“A função principal do sistema eleitoral é converter voto em cargos eletivos. A eleição é esse momento e é pensada a partir da participação de três atores principais: as instituições eleitorais, os partidos políticos e o eleitor. Todos são figuras-chaves no processo eleitoral. É importante ter em mente que a abstenção do eleitor é um fenômeno em qualquer eleição e em qualquer democracia. Na última eleição na França e Argentina esse número chegou a 28% e 25%, respectivamente”, relembra o professor.

Mesmo com 20,3% de abstenções em 2018, a marca histórica atingida ocorreu em 1994, com 29,3% de não comparecimento, enquanto o menor ocorreu em 2006, com 16,8%. Na Paraíba, analisando apenas as eleições gerais, o número de abstenções foi reduzido em comparativo entre 2014 e 2018. No primeiro escopo analisado, mais de 500 mil eleitores não compareceram às urnas no primeiro turno, representando 17,65% dos votos. No segundo turno, o número subiu para 18%, totalizando 510.208 eleitores. As abstenções são historicamente maiores no segundo turno, “isso se dá, em especial, pelo desinteresse dos eleitores que votaram nos demais candidatos. As abstenções, em média, aumentam de um turno para outro entre um e dois por cento”, explicou Clóvis Alberto Vieira de Melo.



Para especialista, os eleitores brasileiros estão, neste ano, mais engajados nas campanhas

Desinteresse pela política é motivo principal para não comparecimento

■ Clóvis Alberto Vieira de Melo, doutor em ciência política, defende mais educação política como incentivo

Já em 2018, com turno único, o número de comparecimento caiu para 15,04%, com 431.016 pessoas caracterizadas como abstenções.

As motivações para o não comparecimento são diversas. Ainda de acordo com o cientista político, um dos fatores relacionados é o crescente desinteresse da população em geral pela política, impactando nos processos de decisão.

“A abstenção ocorre por vários motivos, desde contingência pessoal até desinteresse pela política. Esse último, ao meu ver, é o maior problema. Isso expressa a apatia do eleitor em relação à política. Democracia pressupõe escolha. Quando o eleitor opta por não escolher, perde-se algum grau de legitimidade. No entanto, é importante ter em mente que a grande maioria do eleitorado participa. No Brasil, costume dizer, que as eleições ocorrem em muitos lugares quase que em clima de festa. A população se envolve e define suas preferências. Isso é democracia”, ressaltou Clóvis Alberto Vieira de Melo.

A desmotivação política tem sido constantemente debatida e utilizada, inclusive por diversos candidatos, como munição para aumentar os ataques ao chamado processo de polarização,

pauta de debate no país. O acirramento, no entanto, pode motivar o sentido contrário: a motivação da população em prol da eleição e dos votos.

“Na minha opinião uma externalidade positiva do acirramento político é que os eleitores buscam marcar posição e se definir com maior antecedência. E mais, se engajam no processo, o que é muito salutar. Se somarmos a intenção de votos a partir das pesquisas divulgadas para presidente entre os principais candidatos (Lula, Bolsonaro, Ciro Gomes e Simone Tebet), observa-se que esse valor tem oscilado entre 85% e 90%. Esse pode ser o indicativo de que o eleitor pode estar mais engajado na eleição”, afirma o Doutor em Ciência Política.

Alguns especialistas apontam ainda que o volume de votos nas eleições gerais pode acabar atrapalhando alguns eleitores, entre eles idosos, para que não compareçam às urnas no próximo domingo. Nos últimos sete dias, a pergunta “como votar nas eleições?” foi a mais pesquisada no Google nos últimos sete dias, segundo aponta o relatório da seção Eleições 2022 da plataforma Google Trends, que analisa as buscas dos brasileiros sobre o pleito e perfis dos candidatos. O buscador é o mais utilizado no Brasil e auxilia a população na busca de informações e serviços.

O questionamento evidencia a atenção da população pelo pleito eleitoral, por tudo que representa e a sua importância na constituição da vida dos cidadãos. Ainda de acordo com Clóvis Alberto Vieira de Melo, o brasileiro não apresenta grandes dificuldades para manusear a urna eletrônica, e mesmo eventuais dificuldades não

devem implicar de forma direta em abstenções.

“Creio que o brasileiro não apresenta grandes dificuldades no momento da escolha. A urna eletrônica, inclusive, facilita esse processo. Se comparado com as antigas cédulas eleitorais, o voto eletrônico é infinitamente mais simples. O número de candidatos pode dificultar um pouco o processo, afetando no máximo o tempo médio de votação. Caso alguém apresente alguma dificuldade na hora do voto, o que pode ocorrer é optar por votar em branco, já que é mais fácil, uma vez que há uma tecla específica na urna para essa opção. Mas, não afeta a abstenção. O eleitor já estará na seção”, descreveu o professor.

Para reduzir gradualmente o número de abstenções a longo prazo, porém, é necessário que a população passe por um processo de educação política, com o entendimento da importância de participar efetivamente da democracia no país.

“Educação política é uma das principais formas de mostrar a importância do eleitor nos pleitos eleitorais. Além do sistema de ensino, as instituições eleitorais e os partidos políticos em democracias possuem essa função. Ou seja, convencer o eleitor que é sempre melhor participar do pleito do que não participar”, finalizou o doutor em Ciência Política.

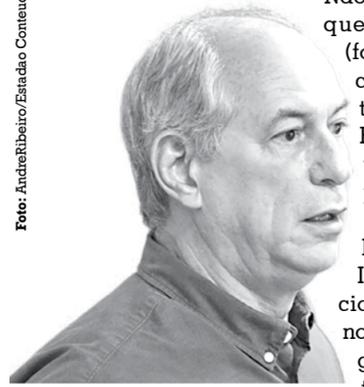
Há ainda a ideia de que a não participação efetiva na escolha dos candidatos, com abstenções, votos brancos e nulos, possam anular as eleições. Mas isso não ocorre. Mesmo com ausências, a presença de eleitores nas urnas e a escolha de seus candidatos implicará na existência de votos válidos, que dão números finais ao pleito.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

SEM CHANCES DE CHEGAR AO SEGUNDO TURNO, CIRO GOMES FAZ ATAQUES CONTRA LULA

Foto: Andre Ribeiro/Estado Conteúdo



Não há dúvida de que Ciro Gomes (foto) tem capacidade intelectual invulgar. É um dos políticos mais preparados de sua geração. Foi ministro da Integração Nacional no governo de Lula, e sua gestão à frente do governo do Ceará ainda

hoje é referenciada como uma das mais relevantes, sobretudo no que diz respeito à educação. Mas apesar dos seus predicados, o candidato a presidente pelo PDT não tem chances de chegar ao segundo turno, se é que haverá a segunda etapa do pleito – de acordo com o Datafolha, Lula atingiu 50% dos votos válidos, o que lhe daria vitória em primeiro turno, com apenas mais um voto. Ciro é suficientemente inteligente para compreender que, com 7% na pesquisa Datafolha, e a oito dias da eleição, sua candidatura não avançará mais. E sendo assim, lhe restaria ficar ao lado da democracia que tanto defende, e junto às forças progressistas. Mas, com seu estilo falastrão, mira sua artilharia contra Lula e o PT, em movimento desagregador e beligerante. Há dois dias, disse que Lula era “fascista” e chamou integrantes do PT de “nazistas”. Tornou-se um sujeito rancoroso.

O MENOS COMPROMETIDO

Levantamento feito pela plataforma ‘Farol Verde’, do Instituto Democracia e Sustentabilidade, que afere o comprometimento com pautas ambientais de políticos com mandato e que são candidatos nesta eleição, mostra que o deputado Efraim Filho (União Brasil) tem o pior desempenho nesse quesito. Quanto mais próximo de 100%, mais comprometido é o candidato. O paraibano chegou a apenas 10%.

OS MAIS ENGAJADOS À CAUSA

Entre os deputados que são candidatos a senador este ano, o que aparece com melhor índice de comprometimento com a pauta ambiental é Rafael Motta (PSB-RN), com 84%, seguido por Alessandro Molon (PSB-RJ), com 82%. PSB, com 75%, é o partido com mais candidatos comprometidos com a causa. O menor é o Podemos, com 30%.

PERDE EM TODOS OS CENÁRIOS

Nilvan Ferreira, que há dois dias afirmou que as pesquisas eleitorais são fraudulentas, sem apresentar provas, deve ter ficado mais aborrecido após a divulgação da nova pesquisa Ipec. A amostragem o coloca em quarto lugar. E pior: na simulação de segundo turno, ele perde para todos os outros candidatos à sua frente: João, Veneziano e Pedro.

A PESQUISA CONFIRMOU

Dias atrás, em áudio que vazou para a imprensa, Cássio Cunha Lima (PSDB) disse a militantes que Nilvan Ferreira (PL) é o candidato mais fraco para disputar um segundo turno contra João Azevêdo (PSB). Coincidência ou não, a nova pesquisa Ipec atesta isso: contra o radialista, João teria o maior percentual: 54% a 26%. Na amostragem, o governador vence também Pedro (44% a 36%) e Veneziano (49% a 29%).

CÂMARA: MAIOR CONCORRÊNCIA

Dados da Justiça Eleitoral mostram que 654 candidatos da Paraíba estão aptos a participar da eleição do dia 2 de outubro, enquanto que outros 98 tiveram o registro indeferido. A maior concorrência é para deputado federal: 251 candidatos para 12 vagas, ou 20,92 candidatos para cada uma delas. Para deputado estadual, são 461 candidatos disputando 36 vagas, ou 12,81 candidatos por vaga.

VOTO ÚTIL: ELEITORES DE CIRO E TEBET ADMITEM MUDAR VOTO ATÉ A ELEIÇÃO

Eleitores de Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) admitem mudar voto para apoiar o candidato que estiver à frente nas pesquisas, atesta o Datafolha. É o chamado ‘voto útil’, que está na mira da cúpula do PT. De acordo com o levantamento, um em cada cinco eleitores do pedetista e da emedebista consideraram tomar essa atitude até o dia da eleição.

Nivaldo Magalhães

Presidente da Empaer-PB

“Regularização fundiária significa resgate da cidadania”



Foto: Evandro Pereira

Na Paraíba, cerca de 140 mil hectares de terra já foram regularizados através de programa dirigido pela Empaer

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

Na Paraíba, a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer/PB) administra o Programa Nacional de Regularização Fundiária, iniciativa que entrega títulos de terra aos agricultores familiares e, assim, esses pequenos produtores se tornam legalmente proprietários de imóveis rurais. A Empaer-PB é vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento da Agropecuária e da Pesca (Sedap) e, na Paraíba, o programa é realizado a partir de um convênio firmado com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). De acordo com o presidente da Empaer e da Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Asbraer), Nivaldo Magalhães, desde 2019, a Empaer-PB vem se articulando com o Incra, a fim de solucionar questões relacionadas à regularização fundiária na Paraíba. Neste sentido, o cadastro e georreferenciamento de imóveis rurais contemplam os municípios do território da Borborema - Lagoa Seca, Remígio, Alagoa Nova, Areal, Esperança, Montadas, Queimadas, São Sebastião de Lagoa de Roça, Borborema e Matinhas. Todos esses estão com suas propriedades rurais 100% medidas. Arara, Algodão de Jandaíra, Campina Grande, Casserengue, Massaranduba, Puxinanã, Serra Redonda, Solânea, Areia, Pilões e Serraria são os municípios da Borborema com 25% de seus territórios georreferenciados. Conforme o presidente, esse é um trabalho de grande importância social para os pequenos agricultores, pois a regularização fundiária - com o registro dos títulos nos cartórios e o reconhecimento do domínio pleno - é uma forma de resgate da cidadania das populações de baixa renda no campo, facilitando o acesso aos serviços agrícolas, como crédito rural e assistência técnica.

Entrevista

■ *O que é o Programa de Regularização Fundiária?*

O Programa de Regularização Fundiária foi criado pela Lei Federal 10.267/2001, que determina que todas as propriedades rurais do Brasil terão que ser georreferenciadas por satélite, certificadas no Incra e registradas em cartório. Em 2021, essas propriedades deveriam ser acima de 1.500 hectares e até o ano passado todas teriam que ser medidas. Mas, esse prazo foi prorrogado para 2025. Ao longo do tempo, o tamanho das propriedades foi reduzida. Inicialmente era acima de 1.500 hectares, mas estamos agora com propriedades acima de 100 hectares. A partir de novembro de 2023, será a vez das propriedades acima de 25 hectares. Em novembro de 2025, todas terão que ser georreferenciadas e legalizadas por essa lei. Antes, todas as terras eram medidas por uma corda ou outros meios, mas agora são medidas por satélite, onde a margem de erro é de apenas 9 centímetros. Assim, nas propriedades de agricultura familiar, a responsabilidade pela regularização não será do agricultor, mas do ente público. Município, Estado, Governo Federal ou os três juntos podem bancar essa conta. Através do convênio do Governo do Estado com o Governo Federal, através do Mapa/ Incra, estamos fazendo a legalização/titulação de terras no território da Borborema.

■ *Pela legislação, quem é considerado agricultor familiar?*

É aquele que possui uma área rural de até quatro módulos fiscais. Ele trabalha junto com a sua família para a própria sobrevivência. O módulo fiscal é uma unidade de medida agrária que vale para cada mun-

cípio. Na cidade de Esperança, por exemplo, o módulo fiscal são 12 hectares, então um agricultor familiar lá não pode ter mais do que 48 hectares (4 X 12) para se encaixar nos requisitos.

■ *Quantas famílias já tiveram a terra titulada através do programa?*

São mais de 22 mil famílias e quase 10 mil títulos de imóveis rurais entregues. Cerca de 140 mil hectares de terra já foram regularizados. Se o agricultor fosse legalizar uma terra de 10 hectares por conta própria, seriam aproximadamente R\$ 5 mil, e em terras maiores esse valor é mais alto. É emocionante ver o sentimento dessas pessoas que há mais de 60 anos não tinham o documento da sua terra.

■ *Quais os benefícios para essas famílias?*

O agricultor recebe o título da terra, registrado em cartório. Entre os principais benefícios está o custo financeiro, já que o agricultor não paga nada pela legalização. Com a comprovação de que é dona da terra, a família passa a ter direito a aposentadoria do INSS (pelo trabalho na agricultura), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e todas as políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal. Além do módulo fiscal, existe ainda o módulo de referência do município. Se o módulo de referência da cidade for quatro hectares, por exemplo, o cartório não pode escriturar uma terra que seja fracionada para menos do que isso. Com o programa de regularização fundiária, se a pessoa tiver uma terra bem menor (menos de meio hectare, inclusive), é possível a Empaer titular,

independentemente do módulo de referência da cidade. Antes, quando a pessoa vivia em uma terra sem título, quando morria, não deixava herança. Mas, quando a gente titula não está dando apenas dignidade a uma única pessoa, mas a toda a família, porque quando os pais falecerem, a terra está documentada.

■ *Essa regularização vale apenas se a propriedade tiver casa ou para qualquer tipo de terreno rural?*

Todos os terrenos. Dentro do programa, qualquer área é titulada. Em Lagoa Seca, por exemplo, tinha 22 escolas. Algumas pessoas davam terrenos para construir escolas e nunca documentaram. A Empaer legalizou essa situação.

■ *Existe alguma exceção entre as áreas que podem ser regularizadas pelo programa?*

O programa vale apenas para as áreas rurais. As áreas urbanas podem ser regularizadas por iniciativa da Prefeitura. Além disso, também existem terras quilombolas e assentamentos que são locais onde o Incra é quem faz a regularização. Então, na Paraíba, o Governo do Estado se responsabiliza pelas demais terras, pois as terras federais não são nossa responsabilidade. Lembrando que todas as regiões paraibanas necessitam dessa regularização, porque a ilegalidade atinge pequenas e grandes terras e muitos dos que estão ilegais não sabem.

■ *Aqueles que já tinham escritura terão que fazer alguma mudança?*

Aqueles que já tinham escritura precisam fazer correção, pelo programa, para que sejam adequadas à Lei Federal 10.267/2001. Assim, o agricultor vai no cartório apenas fazer a averbação da escritura. E assim, a escritura passa a ser legalizada.

■ *Como é a atuação do Governo do Estado nesse processo de legalização?*

A Empaer representa o Governo do Estado nessa legalização e o Incra representa o Governo Federal. O Incra faz a fiscalização e certificação. Nós instalamos na região um advogado, um agrônomo, um técnico e uma secretária. Temos também uma equipe fiscalizadora. Assim, é publicado no Diário Oficial, que toda terra devoluta do município passa a ser do Estado da Paraíba. Se o dono não aparecer no período de 90 a 120 dias da publicação, a terra é de quem está lá. Então, a gente titula em nome do Estado e passa para aquela família. Ela passa a ser a proprietária legítima da terra.

■ *Qual o valor do investimento?*

Foram R\$ 700 mil do Governo do Estado investidos nesse programa. Inclusive, no território da Borborema, temos 30 servidores, 12 veículos envolvidos e todos os sindicatos rurais, escritórios da Empaer, além de materiais de trabalho, equipamentos, veículos, gasolina etc. Nem todos os municípios tiveram suas medições concluídas por falta de recursos. Dos 21 municípios

da Borborema, 10 estão 100% georreferenciados e 11 estão com 25% regularizados. Por isso, uma emenda parlamentar é muito importante para avançar bastante nesses municípios.

■ *Quais as etapas dessa regularização?*

Primeiramente, ocorre a audiência pública. Convocamos o juiz, o padre, sindicatos, pastores, presidentes de associações do município, agricultores, ou seja, todas as entidades e associações para explicar o que é o programa. A outra etapa vai ser a empresa fazendo o cadastro: o agricultor vai no sindicato, leva os documentos e cadastra. Com o cadastro, uma empresa faz a medição da terra. Por licitação, uma empresa de georreferenciamento é definida para a medição e identificação das áreas e cadastro dos agricultores. A empresa pega o cadastro e a medição e entrega a Empaer, que acompanha e fiscaliza se a medição está correta e, após aprovada, passa a emitir o título. O Incra vai dizer se essa terra realmente existe do jeito que foi apontado e vai validar. Aqueles que já tinham escritura, vão ao Cartório apenas averbar, mas quando não tem, a Empaer então faz o título e manda para o Cartório registrar. Estamos contando com a Corregedoria do Estado da Paraíba e a compreensão de todos os Cartórios. Todas as etapas acontecem com muita transparência. Atendemos quem tem mil hectares do mesmo jeito quem tem só um ou meio hectare de terra.

■ *Como está sendo a receptividade das prefeituras e da população da região com o Programa?*

As prefeituras estão com a mesma visão que a Empaer e a população rural já compreende o processo. Eles estão muito interessados. Alguns agricultores acompanham de perto com os técnicos a situação da escritura. Quero destacar também que, sem os sindicatos no território da Borborema, ficaria difícil fazer esse trabalho, porque são eles quem conhecem os agricultores.

■ *Quando começou essa iniciativa na Paraíba?*

Começamos em 2015 e intensificamos nos últimos três anos na região da Borborema. Iniciamos em Lagoa Seca e Remígio, que já estão 100% legalizados, e estamos concluindo agora mais 19 municípios, completando os 21 do território da Borborema. Até o dia 30 de setembro concluiremos a medição da área de mais de 22 mil hectares e vamos finalizar a titulação de 20 mil propriedades.

■ *Quais as dificuldades para esse procedimento?*

Primeiramente, a questão dos recursos para finalizar a medição em todos os 223 municípios do Estado. Estamos fazendo um trabalho pioneiro em São Domingos do Cariri, onde os próprios agricultores estão fazendo parcerias com instituições privadas, sindicato rural e a Prefeitura. A Empaer está entran-

do como um órgão fiscalizador para certificar e assumir o pagamento da emissão dos primeiros títulos. Eles fazem o georreferenciamento com a equipe, certificam e mandam o material para a gente titular. O projeto está avançado e vamos em breve, assim que a documentação tiver em ordem, entregar os 10 primeiros títulos. Estamos centrados só no território da Borborema com o convênio federal e em São Domingos do Cariri com o projeto piloto. Então, é importante que os prefeitos observem isso e peçam emendas parlamentares para regularização fundiária. A legalização da terra traz dignidade e cidadania. Sem recursos, as terras podem ficar irregulares ou, então, o agricultor familiar vai ter que assumir os altos custos. Outra questão é que identificamos que, dessas 20 mil propriedades, três mil donos não nos procuraram em busca desses terrenos. Assim, quando a medição for encerrada no dia 30 de setembro, eles só poderão ter a terra regularizada se custearem por conta própria.

■ *Após essa iniciativa na Borborema, quais serão as próximas etapas?*

Iremos continuar com São Domingos do Cariri. Quando entrarem recursos para essa regularização (por meio das emendas parlamentares, por exemplo), iremos expandir o projeto pelo Estado.

■ *Que outros projetos da Empaer para apoiar estes trabalhadores rurais podem ser destacados?*

A Empaer tem a sede em Cabedelo, a sub-sede em João Pessoa e está presente nos 223 municípios. São 15 coordenadorias regionais e nove estações de pesquisa. Outro projeto tão importante quanto a regularização fundiária, é o Programa Nacional de Crédito Fundiário - Terra Brasil, que oferece condições para que os agricultores sem acesso à terra possam comprar imóvel rural por financiamento. A Empaer faz a elaboração e encaminhamento dos projetos técnicos de financiamento. O agricultor que trabalhou nos últimos cinco anos já tem direito. Anteriormente, ele tinha 14 etapas, hoje são seis, o que desburocratiza o processo. Além disso, foi estendido para 25 anos o tempo de financiamento, com três de carência. Se durante os três anos tiver seca, por exemplo, o agricultor pode pedir duas prorrogações de mais um ano cada. Não precisa avalista e os juros são de meio por cento ao ano, além do bônus de adimplência (menor pagamento das parcelas, caso paguem em dia).

O vendedor e o comprador devem procurar qualquer escritório da Empaer. A gente intermedia essa operação e nossos técnicos orientam sobre os detalhes, avaliam a terra, fazem o projeto e quando começa a avaliação, o agricultor vai acompanhar pelo celular todos os passos sobre o seu negócio. Hoje em dia, em até seis meses após a proposta, a pessoa passa a ser proprietária daquela terra.

FARÓIS DA PARAÍBA

Luz para os olhos dos navegantes

Estado tem três desses equipamentos, além de faroletes, que têm como função orientar as embarcações

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Criados para orientar as embarcações rumo à costa e auxiliar os navegantes na correção de suas posições geográficas, os faróis são construções muitas vezes usadas como pontos turísticos, pois contam parte da história de uma região. Na Paraíba existem três faróis: Farol do Cabo Branco, em João Pessoa, Farol da Pedra Seca, em Cabedelo; e Farol da Baía da Traição. Segundo a Capitania dos Portos, todos têm um alcance luminoso superior a 10 milhas náuticas, o que corresponde a mais de 18 quilômetros.

Além dos faróis, o estado ainda possui três faroletes que são o Cabedelo (em Cabedelo); o Pitimbu (em Pitimbu), e o Faroete Pedra da Galé (em Acaú, Distrito de Pitimbu). Esses têm alcance luminoso abaixo de 10 milhas náuticas e também estão em pleno funcionamento.

Do total de faróis e faroletes existentes no Estado, cinco têm manutenção feita pela Capitania dos Portos da Paraíba. Apenas o sinal de Cabedelo recebe esse serviço da Companhia Docas do Estado. A manutenção, que ocorre a cada trimestre, inclui práticas como inspeção de baterias, do aparelho luminoso, do aparelho lenticular e da pintura, quando necessário.

Segundo a Capitania dos Portos na Paraíba, os sinais localizados na área de João Pessoa e Cabedelo são monitorados por militares do próprio órgão. Os que estão situados na Baía da Traição, Acaú e em Pitimbu recebem o auxílio das colônias de pescadores locais, que ao constatarem alguma alteração no funcionamento de um deles, informam à Capitania. A imediata comunicação é importante, já que a falta de orientação marítima da embarcação, mesmo para aquelas que têm a bordo equipamentos eletrônicos, pode ocasionar colisão em rochas, comprometer a segurança da navegação, trazer risco à vida dos tripulantes e até de naufrágio.

Segundo o capitão de fragata Erijansen de Souza Maciel, da Capitania dos Portos da Paraíba, não há registro de práticas de vandalismo nesses equipamentos, mas ele alertou que a preservação desses sinais é bastante relevante para a prática da navegação. “A depredação deles pode custar a perda de vidas humanas ou trazer sérios danos a pessoas e também às embarcações”.

A história dos equipamentos construídos para evitar naufrágios

Farol do Cabo Branco: o Castiçal dos Mares

Erguido sobre a falésia do bairro do Cabo Branco, o farol de mesmo nome é o mais famoso da Paraíba, e um importante ponto de visitação. Foi fundado em 21 de abril de 1972, portanto completa 50 anos este ano. Na época em que foi implantado, era sinônimo de modernidade, porque segundo o arqueólogo Ticiano Alves, a construção dispunha de uma lanterna “AGA”, com um alcance de 25 milhas náuticas, sendo o primeiro no Brasil que funcionaria com “energia comercial e mediante controle eletrônico”. Um dos diferenciais deste farol é o seu formato: apresenta o tronco piramidal triangular, tendo no terço médio uma estrela de três pontas.

De acordo com o capitão de Fragata Erijansen de Souza Maciel, da Capitania dos Portos da Paraíba, o projeto do Farol do Cabo Branco é assinado pelo engenheiro Pedro Abrahão Dieb, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que teria ganho um concurso público na época da idealização da obra. A ideia era construir uma torre de concreto que, ao longe, lembrasse ao navegante um castiçal encimado por uma vela. “Quando visto do topo, mostrava ao observador uma original rosa dos ventos, formada pela projeção de sua marquise triangular sobre um passeio de concreto, também da mesma forma”.

Outra atribuição feita ao monumento é que ele faz uma referência simbólica ao sisal, planta que durante muitas décadas foi um relevante produto de exportação da Paraíba. Em 1972, o sisal chegou a alcançar 44,72% do total das exportações paraibanas, sendo um produto decisivo para geração de receitas tributárias para o Tesouro do Estado naqueles anos. No final dos anos de 1970, essa participação no comércio exterior chegou a 80,46%.

Farol da Pedra Seca

Criado no século 19, as peças que seriam adotadas no Pharol (como era grafado antigamente) da Pedra Seca se encontravam guardadas na alfândega de Parahyba do Norte em 1872. A pedido do presidente da província, o material foi enviado para uma casa que

pertencia ao governo, em Cabedelo, para que ficasse melhor preservada. Em 1873, o Pharol da Pedra Seca, já estava em atividade.

A construção foi erguida na entrada da “barra” de Cabedelo. Segundo o arqueólogo Ticiano Alves, especialista em Arqueologia Subaquática e diretor-geral do Museu Marítimo Exea – era preciso dois faroleiros para cuidar do funcionamento e manutenção do farol, que alternavam os turnos de serviços.

Na década de 1880, os faroleiros estavam instalados em uma casa que, segundo registros em publicações, estavam situadas na praia de “Ponta de Matto”. Nesta edificação ficava guardado todo o material utilizado na manutenção do Farol da Pedra Seca. A casa deixou de ser utilizada em 1889, por motivos não especificados, fazendo com que o presidente da província disponibilizasse um valor para o aluguel de uma outra casa, até que fosse construída a nova residência dos faroleiros.

Farol da Baía da Traição

A construção do Farol da Baía da Traição, em 1923, veio atender uma constante reivindicação dos pescadores da região. Para que essa obra se concretizasse, o arqueólogo Ticiano Alves contou que um velho pescador chamado Manoel Ignácio, presidente da Colônia de Pescadores da Baía da Traição, teria ido ao Rio de Janeiro solicitar o equipamento à Diretoria de Navegação.

Em contrapartida, como uma forma de ajuda, o pescador disponibilizaria um grupo composto por 40 homens. Assim, o novo poste de luz foi colocado no extremo do recife que corre ao longo da costa da região, dando uma abertura para a Baía da Traição. O farol viria prestar dois principais serviços: evitar os constantes desastres da navegação de barcaças e pequena cabotagem, além de orientar a navegação em alto-mar.

Segundo o arqueólogo Ticiano Alves, publicações apontam que naquela época o poste apresentava o alcance de 11 milhas e estava situado a meia distância, entre os “pharóes de Bacopary e Pedra Seca”, facilitando a entrada ao “porto da Parahyba”.

Breve história das navegações na Paraíba

Com 138 quilômetros de costa e localizado no extremo oriental da América, a Paraíba é um dos estados do Nordeste que tem uma posição geográfica privilegiada para a atividade marítima. Durante muitos séculos o estado foi um porto de escala para grandes embarcações de longo curso, e para volumosa navegação de cabotagem.

As informações estão na tese de mestrado do arqueólogo Ticiano Alves, especialista em Arqueologia Subaquática e diretor-geral do Museu Marítimo Exea: Navegações Marítimas Mercantes no Extremo Oriental das Américas - 1850-1950. Da década de 1860 até o século 20, o algodão, produto considerado “ouro branco” do estado, atraiu navios de vários países, sobretudo da Inglaterra, que precisava desta matéria-prima para manter a produção de suas máquinas.

Inicialmente, os barcos movidos pela força dos ventos eram os que navegavam pelas águas paraibanas, mas a Revolução Industrial trouxe uma série de transformações tecnológicas que alterou o uso desse meio de transporte. Chegou a ascensão dos vapores, que reinaram na costa do estado no final do século 19. Mais tarde, as ferrovias foram implantadas, acelerando o transporte de mercadorias entre áreas produtivas e os portos, bem como diminuindo custos. Mesmo com toda tecnologia ocorrida nos transportes marítimos, os faróis se mantiveram ao longo do tempo e até hoje cumprem seu papel de nortear as embarcações e contribuir para a segurança dos tripulantes.

“

A depredação deles pode custar a perda de vidas humanas ou trazer sérios danos a pessoas e também às embarcações

Erijansen de Souza Maciel

■ Litoral paraibano possui os faróis da Pedra Seca (ao lado), em Cabedelo, do Cabo Branco, em João Pessoa, e da Baía da Traição, no município do mesmo nome



COPA DO MUNDO

Colecionar figurinhas está na moda

Hábito fez crescer o movimento nas bancas de revistas da cidade, que chegam a enfrentar desabastecimento

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.brThadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

A Copa do Mundo de Futebol ainda nem começou, mas a coleção das figurinhas dos jogadores das seleções que irão participar da competição virou febre. Crianças, jovens e adultos colecionam o álbum. O cenário animou os proprietários de bancas de revistas que contam com um público bem variado envolvendo crianças, adolescentes, adultos e também idosos apaixonados por futebol. Para completá-lo, porém, é preciso desembolsar um bom dinheiro. No Brasil, um pacote de figurinha sai por R\$ 4, o dobro do que era cobrado há quatro anos. Completar o álbum custa R\$ 3.865, segundo o site da Bloomberg. O valor corresponde a uma vez e meia a renda média mensal do país, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O desejo de preencher todos os espaços do álbum faz com que os colecionadores marquem até encontros organizados para troca de figurinhas – algumas raras e que não compõem o álbum – o que ajuda a economizar e a completar a coleção. Eles se reúnem nas bancas ou em shoppings da cidade e têm bom retorno porque sempre encontram outros fãs do futebol que têm figurinhas para trocar.

Reginaldo Araújo é proprietário de banca de revista e diz que, por lá, além de ser intensa a procura pelas figurinhas, também é local de encontro dos colecionadores para fazer trocas de figurinhas. O problema, conforme explicou, é que a produção delas e do álbum foi muito limitada. “A gente tem figurinha, mas não tem o álbum. De qualquer forma, a procura está muito grande”, espera. O álbum tipo cartão custa R\$ 12,90, o capa dura sai por um preço mais salgado, R\$ 44,90. Um pacote com cinco figurinhas sai por R\$ 4. Para completar, conforme calcula o comerciante, é preciso desembolsar mais de R\$ 600.



Foto: Roberto Guedes



Foto: Ortílio Antônio



Foto: Ortílio Antônio

Colecionadores costumam se reunir em shoppings da cidade para trocar as figurinhas repetidas, o que reduz os gastos para completar o álbum da Copa do Mundo e acaba se tornando um momento de interação e lazer

■ O álbum tipo cartão custa R\$ 12,90, enquanto o capa dura é R\$ 44,90. Já cada pacote com cinco figuras sai por R\$ 4

Pedro Vieira, dono da Banca Bonfim, também está comemorando as boas vendas de figurinhas da Copa da Copa do Mundo. “A banca começou a ter movimento de novo”, disse. Na verdade, segundo ele, em todas as Copas, a venda dos álbuns e figurinhas é

boa, mas agora surpreendeu. As boas vendas são atribuídas também à redução do número de bancas na cidade. Na praia, turistas estão entre os que procuram.

“A editora não pensava em ter essa quantidade de vendas. Nas outras Copas, não faltava álbum, mas dessa vez, todo mundo resolveu comprar. Então, quando chega, acaba rápido. Semana passada, tínhamos figurinhas, mas não o álbum. Em Recife (PE), tinha álbum, mas não tinha figurinha. Já em Natal (RN), não tinha nem álbum e nem figurinha. Essa falta é em quase todos os estados e também na Argentina e outros países”, comentou.

Os colecionadores

Um dos encontros que tem reunido muitos colecionadores

acontece diariamente no Mag Shopping, na orla de João Pessoa. Também há grande movimentação em pontos de troca nos Shoppings Manaíra e Mangabeira.

Arthur Filho, nove anos, que está no 3º ano, foi até o Mag Shopping com os pais para trocar algumas figurinhas de seu primeiro álbum da Copa do Mundo. Ele já comprou várias e comemora que, para completar a seleção da Argentina, faltam apenas três figurinhas.

O menino também está batalhando para conseguir todas as figurinhas da Seleção do Brasil, mas, nesse caso, ainda faltam seis. A que ele mais quer é do jogador Neymar, do qual é fã. “Ele é o jogador que eu mais gosto”, confidenciou. De acordo com Arthur, seus amigos também estão colecionando

do. “E eu vim hoje para tentar completar as seleções”, relatou.

José Roberto, mais conhecido como Manoel das Figurinhas, disse que tem mais de 500 delas. “As mais difíceis são exatamente aquelas que a gente não tem. Estou aqui todos os dias e já tenho cinco álbuns completos”, disse.

Ele contou também que, dos álbuns completos, já vendeu alguns e também fez trocas. Um álbum completo vendido por Manoel das Figurinhas custa R\$ 800. Ele diz que muita gente não quer gastar muito e prefere comprar o álbum já com todas as seleções completas. De acordo com o colecionador, se o interessado for comprar para completar o álbum, vem muita figurinha repetida, o que aumenta os custos. Então, por isso, tem muitos colecionadores

que preferem comprar o álbum completo.

O estudante do 3º ano do Ensino Médio, Gabriel Fiúza, disse que em todas as Copas do Mundo compra o álbum e sempre tem algum lucro com isso. “Tenho o de 2014, 2018 e já estou com o desse ano completo e vendendo”, observou.

Fiúza afirmou que conseguiu completar trocando e comprando figurinhas de outros colecionadores. “Para isso, gastei cerca de R\$ 800”, contabilizou. Ele também está vendendo as figurinhas repetidas que sobram. Cada uma sai por R\$ 1. Gabriel afirmou que os encontros no shopping são diários. Além disso, segundo ele, nos finais de semana, o movimento é maior, principalmente nos períodos da tarde e da noite, o que permite fazer melhores negociações.

AMEAÇA DE EXTINÇÃO

Bancas de revistas diversificam produtos para sobreviver

Foto: Roberto Guedes



Compro cruzadas para meus filhos, mas não é com muita frequência. Antes, as bancas eram mais procuradas

Hernani Bezerra da Silva

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Houve um tempo em que existia uma banca de revista em cada esquina. Jornais locais, nacionais e até do exterior ficavam expostos. Havia também uma série de revistas voltadas para públicos diversos. Tinha também as de palavras cruzadas, sem contar com as histórias em quadrinhos. Mas, a tecnologia avançou e mudou esse cenário. A chegada da internet, acessível a todos, com informações instantâneas foi, aos poucos, fazendo com que as bancas fechassem as portas. Hoje são poucas as que restam e, mesmo assim, para sobreviver, vendem uma série de outros objetos.

Pedro Vieira da Silva é dono da Banca Bonfim, no bairro de Tambaú. Ele tinha outra banca no centro da cidade, mas fechou há quatro anos. “Se estivesse

aberta hoje, estaria completando 30 anos, mas fechei a outra banca porque, em todo o país, a internet foi tomando conta da fatia do bolo que nós tínhamos, não só na minha área de jornaleiro, mas em outras”, constatou.

Segundo ele, a crise econômica também obrigou as editoras a fecharem seus negócios. “Em João Pessoa, restaram poucas bancas. A minha que existe hoje é na Praia de Tambaú e tem 16 anos”, disse. Ele relatou que, quando abriu a banca atual, comercializava jornais do Brasil e do mundo. Até hoje, segundo Pedro, alguns clientes procuram os jornais. “Tinha cliente que comprava todos os jornais. Hoje, o Jornal A União é o único que ainda vendo. Vendi todas as edições do domingo”, contou.

A pandemia também contribuiu para reduzir ainda mais os lucros de donos de bancas. Durante dois anos, ele relatou que

sobreviveu vendendo palavras cruzadas. Também fazia entrega de revistas e jornais de alguns clientes.

Há 25 anos, Reginaldo Araújo é proprietário da Banca Central, na avenida Dom Pedro II, no Mercado Central de João Pessoa. Ele conta que as pessoas ainda procuram muito revistas em quadrinhos e palavras cruzadas. “Com certeza diminuiu muito a venda de revistas depois da chegada da internet. Trabalhamos ainda a parte de cruzadas, quadrinhos, porque muita gente gosta do papel”, constatou. Para tentar incrementar as vendas, ele também comercializa brinquedos, utilitários, balas e chocolates.

A maior parte da clientela é composta por idosos que buscam palavras cruzadas e jornais. Já as crianças querem os gibis. “Compro cruzadas para meus filhos, mas não é com



Foto: Roberto Guedes

Número de bancas de revistas tem diminuído nos últimos anos

muita frequência. Hoje, o povo deixou de ler por conta da internet”, relatou o motorista Hernani Bezerra da Silva.

Tem de tudo

Os proprietários da Banca Planalto, instalada há 26 anos no bairro de Oitizeiro, comercializam de tudo um pouco. Além

das revistas, cruzadas, gibis, é possível encontrar no espaço unhas postizas, maquiagem infantil, calculadoras, carteiras, miniaturas de automóveis, entre outros objetos. Por lá, é possível até pagar contas. “Foi o jeito que nós encontramos para poder manter o negócio”, declarou a proprietária Maria Oliveira.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Cresce exposição na internet

De janeiro a junho, foram publicadas mais de 19 mil fotos com teor sexual envolvendo menores de sete a 10 anos

Ítalo Arruda
Especial para A União

Considerada uma ferramenta indispensável hoje em dia, a internet atrai a atenção e o interesse de crianças, jovens e adultos de todas as idades. O seu uso, no entanto, exige cautela e determinados cuidados, sobretudo, em se tratando dos mais novos, já que o mundo virtual pode oferecer risco à proteção e à integridade das crianças e adolescentes que nele navegam. Para se ter uma ideia, de janeiro a junho deste ano, mais de 19 mil fotos de crianças, com idade entre sete e 10 anos, com teor de nudez ou sexual foram publicadas na internet. Os dados constam do Relatório Anual da instituição Internet Watch Foundation (IWF), divulgados recentemente, e mostram um crescimento de 360% em relação ao mesmo período de 2020.

Entre pré-adolescentes, com faixa etária entre 11 e 13 anos, o número também cresceu, somando 56 mil publicações – o que equivale a um aumento de 107% em comparação com o primeiro semestre de 2020. De acordo com a 32ª promotora de Justiça de Defesa da Criança e do Adolescente de João Pessoa e membro do grupo de trabalho nacional sobre violência contra crianças e adolescentes, do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), Soraya Soares da Nóbrega, a falta de diálogo entre pais e filhos e a falta de fiscalização com relação ao uso da internet são alguns dos principais fatores que provocam o crescimento destes números tão alarmantes.

Ela explica que a falta de monitoramento das redes sociais do filho, bem como os conteúdos que eles acessam, “tem contribuído, ao longo dos anos, para o aumento expressivo” de postagens e compartilhamento de imagens inadequadas, popularmente conhecidas como “nudes”. Para a magistrada, a não imposição de limites corrobora a exposição da população infantojuvenil a conteúdos inapropriados na internet. “Com essas lacunas, muitas crianças e adolescentes terminam conhecendo e se relacionando com pessoas mais velhas, por meio das redes sociais, sem desconfiar que podem estar sendo enganadas com perfis falsos, criados muitas vezes por pedófilos e redes mundiais de pedofilia”, afirma Soraya Nóbrega.

Além disso, a questão da pandemia, conforme acrescenta a promotora de Justiça, também ajudou a acentuar a situação, de modo que o uso de computadores e celulares era mais exigido, em razão de tais ferramentas serem utilizadas em substituição às atividades presenciais, por exemplo. O problema, segundo ela, é que o avanço

“

Muitas terminam conhecendo e se relacionando com pessoas mais velhas sem desconfiar que podem estar sendo enganadas

Soraya Nóbrega

da tecnologia, assim como a noção da gravidade e dos riscos da falta de alerta e da exposição dos menores à internet, ainda são desconhecidos tanto pelos filhos quanto pelos pais.

“E o que vemos na prática é uma verdadeira onda entre os menores de idade, que se fotografam com pouca roupa ou até mesmo sem roupa (nudes) e inocentemente enviam as fotos a terceiros, por meio de aplicativos de envio de imagens ou mensagens”. É exatamente aí, acrescenta Soraya Nóbrega, a maior preocupação, porque, em alguns casos, aquela pessoa que recebe as imagens, salva as fotos e as repassa para a rede, com o objetivo de divulgá-las. Isto acaba ganhando “domínio público e se perdendo completamente o controle sobre elas”, destaca.

Em 2021, 361.062 relatórios foram analisados pela equipe da IWF. Deste total, sete em cada 10 continham imagens de crianças sendo abusadas sexualmente. O número corresponde a 252.194 relatórios com conteúdo deste tipo.

Como estratégia, a promotora Soraya Nóbrega defende a implementação de um programa de educação digital eficaz, com a participação de diversas instituições, como a família, a escola, o poder público, além de profissionais de diversas áreas do conhecimento, inclusive jurídica, com o objetivo de conscientizar os usuários para uma navegação segura, alertando-os sobre as consequências da falta de controle com relação àquilo que é postado. “Somente através do trabalho de prevenção isso será possível”, completou a magistrada.

Além disso, como as crianças são vulneráveis a esses episódios, Soraya reforça que cabe aos pais garantir a segurança dos filhos, como consequência do poder familiar, conforme o artigo 1.630 do Código Civil, e da proteção integral prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).



Foto: Pchere

Relatório da IWF revela que houve um aumento de 360% nas postagens de imagens de crianças

Promotoria da Infância e Juventude realiza ações de prevenção na PB

Uma série de ações voltadas ao combate dessa prática criminosa que consiste no compartilhamento de imagens de crianças e adolescentes vem sendo realizada pela Promotoria da Infância e Juventude. A principal delas, explica Soraya Nóbrega, é a parceria com a Safernet Brasil – uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, que desenvolve trabalhos, projetos e pesquisas para combater a pornografia

infantil na internet brasileira.

“Outra atuação importante da Promotoria é o diálogo constante com o poder público, relativamente ao melhoramento das ações governamentais e não governamentais relacionadas a crianças e adolescentes na internet. Isto porque, na era virtual, crianças e adolescentes estão muito propícios à realização do sexting, que, por sua vez, consiste na troca de mensagens eróticas, imagens e vídeos ínti-

mos, o conhecido “manda nudes”, pontua a 32ª promotora da Infância e Juventude da Capital.

A Promotoria também se destaca pela elaboração e distribuição de cartilhas, abordando o bullying e o cyberbullying, e pela realização de palestras e seminários nas escolas, com o intuito de refletir sobre a temática, e alertar que o compartilhamento de imagens de nudez, sem o consentimento de outrem, é crime.



Foto: Pchere

Santa Cruz



PEQUENA E ALEGRE

Uma cidade festeira no Sertão da PB

Após um período sofrível, município volta a movimentar seu comércio, que teve seu apogeu nos anos 1970

Laura Luna
lauraluna.epc.gov.br

A igreja matriz do Sagrado Coração de Jesus parece brilhar quando é tocada pelos raios de sol do fim de tarde. Do céu limpo do Sertão é possível ver uma pequena e charmosa cidade cujo nome homenageia o próprio país em uma de suas primeiras denominações. Santa Cruz, distante 445 quilômetros da capital paraibana, é terra de gente acolhedora e alegre. São cerca de 6.500 moradores ocupando uma área de 217,677 km², segundo dados do IBGE do ano de 2010. O município faz divisa com Lastro, Lagoa, Sousa, São Francisco e Pombal e está ao lado do Rio Grande do Norte, onde a divisa é com as cidades Tenente Ananias e Alexandria.

Na frente da matriz, a Praça Francisco Jovino é ponto de encontro. A foto no coreto mostra o paisa-

Economia

Agricultura familiar e criação de gado formam, hoje, a principal vocação econômica do município, com apenas 6.500 habitantes

gismo com árvores e gramado muito bem cuidados. Na rua José Vital de Oliveira, a principal da cidade, acontece a feira livre todas as sextas. O comércio semanal, que teve destaque nos anos de 1970, quando a cidade era impulsionada pela produção do algodão, ficou alguns anos sem acontecer, tendo sido retomada recentemente. Confecções, calçados, frutas e verduras são uma amostra dos produtos comercializados. Nos

meses de agosto e setembro os engenhos trabalham na moenda da cana-de-açúcar, produzindo rapadura, mel e outros derivados. Mas são a agricultura familiar e a criação de gado a base da economia de Santa Cruz.

Fundada em 1921, Santa Cruz tem como responsável por esse feito o fazendeiro Nestor Antunes, responsável por doar as terras que viriam a ser o município. Foi em 1949, que o então povoado foi elevado à categoria de distrito pertencente ao município de Sousa. O desenvolvimento de Santa Cruz começou no início da década de 1950, beneficiada com a construção da estrada de ferro que ligava Mossoró -RN a Sousa. A emancipação política veio alguns anos mais tarde, em 1961. A estação ferroviária foi extinta em 2002.

Como uma boa cidade sertaneja, temperaturas são elevadas durante o

dia, mas amenizam à noite, com variações anuais de 23°C a 30°C, com ocasionais picos mais elevados, principalmente durante a estação seca.

A vegetação é de pequeno porte, típica de caatinga xerofítica, com presença de cactáceas, arbustos e árvores. A cidade está inserida na bacia hidrográfica do Rio Piranhas, sub-bacia do Rio do Peixe. Seus principais rios são os riachos: Moralinho, do Sabiá, Serrote e da Cachoeirinha. Todos os cursos d'água têm regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico.

Os santa-cruzesenses são animados. Comemoraram os festejos juninos, a emancipação política do município, em 29 de dezembro, e o Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade, em 15 de junho, quando acontece a quermesse, prestigiada por moradores e visitan-

tes. E se tem visitante, bom aproveitar para conhecer um dos lugares mais especiais de Santa Cruz, a Serra do Comissário. A mais de 800 metros acima do nível do mar, a serra, além de vista privilegiada, guarda a histórica Igreja de Nossa Senhora da Conceição, herança portuguesa construída em 1691. Na região, onde acontece a festa da padroeira, no final de novembro e início de dezembro com novenário e cavalgada, vivem remanescentes indígenas e quilombolas.

Santa Cruz é uma cidade que zela pela educação. São cinco escolas municipais e duas estaduais. O complexo onde está inserida a Escola Cidadã Integral Técnica Valdemiro Vanderlei foi construído e entregue pelo Governo do Estado em 2019, investimento de pouco mais de R\$ 4 milhões.

“Bastante importante, pois melhorou o Ensino

Médio na nossa cidade”, afirma Joana Darc Ferreira, secretária de Educação do município.

O esporte também tem lugar de destaque com os torneios de futebol de campo e salão movimentando a cidade, além dos jogos escolares que costumam ser festa entre os estudantes. “É muito animado. Os alunos se envolvem, participam. Realmente movimentam muito o nosso município”.

Pelo saber

Santa Cruz é uma cidade que zela pela educação: são cinco escolas municipais e duas estaduais, revela a secretária de Educação Joana Darc

Foto: Paraíba Criativa



Clima nem sempre é favorável a atividades econômicas diversificadas. Vale a criatividade

Foto: Mapio.net



O município é pequeno, ocupa área de 217,667 km² e faz divisa com o Rio Grande do Norte



Foto: Acquivo A. União/Marcus Antonius

Ângela foi a primeira mulher a ocupar a presidência da Academia Paraibana de Letras (APL), um feito histórico ao longo das oito décadas de existência da entidade, e é uma ferrenha defensora da educação e da literatura

COMEMORAÇÃO

No alto do pódio das letras

Na corrida de obstáculos da vida, escritora, professora e imortal paraibana Ângela Bezerra de Castro celebrará 80 anos como uma “medalha de ouro”

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Primeira mulher a ter ocupado a presidência da Academia Paraibana de Letras (APL), um feito histórico ao longo das oito décadas de existência da entidade, a escritora Ângela Bezerra de Castro é um nome respeitado na área da crítica literária, mas prefere ser chamada de professora. Na próxima sexta-feira (dia 30), ela lançará a coletânea *Ao sabor do diálogo* durante festa íntima para 110 amigos e familiares convidados, que ocorrerá a partir das 19h, na Sonho Doce, localizada na cidade de João Pessoa, cujo intuito é celebrar antecipadamente seu aniversário de 80 anos de idade que completará na data seguinte, 1º de outubro. Depois, a autora realizará o lançamento aberto ao público da obra na Livraria do Luiz, situada na capital, porém ainda sem data.

Na ocasião festiva, o presidente da APL, Ramalho Leite, é quem fará a apresentação da obra, coletânea editada pelo poeta Juca Pontes que reúne, em 340 páginas, 96 textos – entre crônicas, ensaios e prefácios – escritos sobre Ângela Bezerra de Castro, ao longo da vida, o que resultou num importante registro de sua trajetória profissional e humana. O livro tem prefácio do professor Sales Gaudêncio e posfácio do cronista Gonzaga Rodrigues e a capa foi elaborada com base na tela *O balanço da saudade*, do artista plástico Flávio Tavares.

Ao se referir à data que considera simbólica de poder completar oito décadas de vida, Ângela Bezerra fez um balanço positivo. “No texto *Presente da vida*, que escrevi para essa coletânea, digo o significado dos meus 80 anos, que é uma medalha de ouro na corrida de obstáculos. Segundo minha grande amiga Solange Ribeiro Coutinho, nas Escrituras consta que o homem foi feito para viver 70 anos e os mais fortes chegam aos 80. É a última encruzilhada, onde temos que tomar atitudes e não teremos mais tempo”, disse ela.

A imortal da APL resume que *Ao sabor do diálogo* traça o seu perfil humano e profissional. “O que mais caracteriza a minha trajetória foi ter sido professora, minha vocação que considero elevada e que expressa o fato de poder contribuir para mudar as pessoas para melhor e acho que muda. Gosto de ser chamada de professora porque ser escritora foi decorrência da minha cátedra”, observou a autora, que nasceu no município de Bananeiras, no Brejo paraibano.

Ângela Bezerra de Castro não quis apontar a sua obra preferida entre as que já lançou. “Quando escrevo, o melhor que posso é ser sempre original e não copiar, ou seja, ter sempre uma descoberta a respeito do texto que interpreto. Minha paixão preferida é José Lins do Rego, porque a vida dele se parece muito com a minha. Ele foi menino de engenho e eu sou menina de engenho; ele viveu na casa do avô e eu também, e isso causa empatia. Frutuoso Chaves, num texto para a coletânea, diz que eu nunca perdi o jeito de moça do interior. José Lins do Rego é um autor que parece simples, mas a simplicidade dele tem um grau muito elevado. Ele é tão pungente, tão tocante que não consigo ler sem chorar. Escrever um ensaio significativo sobre Zé Lins ainda é um sonho para ser por mim realizado”, confessou ela.

Quem substituiu Ângela Bezerra de Castro na presidência da APL foi o então vice-presidente, Ramalho Leite. Ela, que é membro da entidade desde 1999, foi eleita no dia 14 de setembro de 2020, com 22 dos 28 votos dos que participaram do pleito, mas, em 14 de outubro de 2021, oficializou sua saída definitiva em carta-renúncia, alegando ter de tratar de problemas pessoais, depois de haver se licenciado por 180 dias. “Ângela desenvolveu um bom trabalho na Academia e iniciou os entendimentos para que a APL formasse convênio com a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia para o projeto de levar a Academia para as escolas, que já está sendo realizado, e outro convê-

nio, através da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), com apoio de um vereador, para aplicar recursos na área da infraestrutura física da Academia”, enumerou Ramalho Leite, que foi reeleito para o cargo. “Ângela Bezerra foi eleita por consenso para a presidência da Academia, sem outros candidatos na disputa, e essa é uma prova do conceito que ela desfruta nos meios culturais, pela contribuição que tem dado nessa área. Foi uma conquista inusitada, por ter sido a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da APL”, afirmou.

Sobre o aniversário da amiga, Gonzaga Rodrigues apontou que a data simboliza “o coroamento aos seus anos de frutuoso e consequente diálogo literário e intelectual com seus parceiros de sempre, confrades de hoje e alunos de toda a vida”, aponta o cronista. “É que subsiste na argúcia e na substância humana da mulher que deixou de ser e fazer o que bem quisesse, no magistério da vida, só para ser professora (começar pela criança do Sólon de Lucena, do colégio de Cruz das Armas, sem precisar mudar de tom tratando com um velho de 89 anos) subsiste um fundo socrático que transcende às teorias particulares, ao instrumental de análise, para, com franqueza, manter-se fiel à verdade, ao que a ela se impõe justo. Quer me parecer que o título do livro, reunindo parte de sua fortuna crítica, quer reiterar essa tendência dialógica de tratar a obra ou o *mister* literário, principalmente dos autores de repercussão circunscrita à Paraíba, hoje um meio literário feliz com a sua autonomia”, disse Gonzaga.

A escritora Neide Medeiros também ressaltou a importância da amiga para o segmento da cultura, em especial das letras. “É muito competente como crítica literária e ganhou, em 1987, o Prêmio José Américo de Literatura por sua *Releitura da Bagaceira: Uma Aprendizagem de Desaprender*, obra publicada pela Editora José Olympio. É autora do livro de crítica literária *Modos de ler*, que gosto muito,

pois avalia várias obras com acuidade crítica. Ela é uma das críticas literárias de renome da Paraíba e com reconhecimento nacional”, disse a autora, acrescentando que conheceu a amiga quando ingressou como professora de literatura brasileira na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no ano de 1985, em João Pessoa.

A escritora Socorro Aragão também elogiou Ângela Bezerra, a quem atribuiu a capacidade de realizar “um trabalho muito sério e acurado de análise crítica”.

Autor da obra que ilustra a capa do novo livro de Ângela, Flávio Tavares lembrou que ele e sua família a conhecem desde os anos 1970. “A mãe de Ângela, dona Miriam, estudou com minha mãe, dona Otaviana Tavares. Ângela é uma professora inteligente, muito culta, com um papel de vanguarda entre as mulheres paraibanas. É uma pessoa plural, pois também gosta de cinema e teatro e ouvi-la é ouvir a própria cultura, por causa de sua verve. Ela foi importante para a minha formação, inclusive na parte artística. Quando ingressei na APL, foi ela quem fez o discurso de apresentação; quando fiz o quadro

A Bagaceira, um painel que mede 8m por 2m, durante a gestão do então reitor da UFPB, Rômulo Polari, foi Ângela quem fez toda a pesquisa iconográfica, e a sua releitura do livro é uma obra-prima, importante para todas as gerações”, frisou ele.

Tavares lembrou que o quadro *O balanço da saudade* se baseia na pintura *A colheita do caju*, que ele produziu aos 22 anos, em 1972, para a agência do Banco do Brasil na Praça 1817, no centro de João Pessoa. “Quando Ângela olhava o quadro, ela se lembrava da sua infância no interior. Então, quando comemorou 70 anos, fiz a releitura daquele quadro e incluí uma menina vestida de azul para representar Ângela Bezerra de Castro, dando uma visão romântica para que se lembrasse dos seus tempos de infância e foi esse quadro que ela escolheu para a capa do livro”, explicou ele.

O editor Juca Pontes ressaltou a importância da escritora no seu texto do livro, quando descreve a posse da amiga na APL: “A mestra das letras e nossa terna fada madrinha não escondia o aceno máximo de contentamento, sobre encantado olhar de serenidade. E, assim, terminaria o dia, com a luz do seu esplêndido interior, a refletir diante de nossas cativadas fisionomias. Porque, também, assim, infinitamente, se vestem os formidáveis caminhos que exercem e enxergam a vida com os olhos do coração”.



‘Ao sabor do diálogo’ reúne 96 textos – entre crônicas, ensaios e prefácios – escritos sobre Ângela Bezerra de Castro, traçando o seu perfil humano e profissional

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O “triunfo do fracasso do futuro”

Pensadores sociais como Fredric Jameson e Mark Fisher (1968-2017) viram na sociedade capitalista contemporânea o “triunfo do fracasso do futuro”.

Estamos presos ao mundo em que vivemos, sem alternativas, devendo assim nos resignar. O fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) aprofundou o domínio global do capital e do imperialismo estadunidense.

As crenças coletivas de transformação do mundo foram se enfraquecendo. Uma a uma.

O socialismo passou a ser visto como uma ideia arcaica, idealista, sem fulcro na realidade concreta.

O que nos restaria, comentava Mark Fisher, é o capitalismo. Nu e cru. Ácido. Com sua lógica de exploração e consumo.

A ideologia dominante faz com que achemos que o capitalismo é um mal necessário e que as tentativas de superá-lo seriam uma luta vã.

Reconhecemos, em parte, as suas desigualdades, mas elas são atenuadas com a ideia de que esse sistema é o melhor que já produzimos.



Mark Fisher atuou como escritor, crítico, teórico cultural e filósofo marxista

O socialismo é geralmente retratado ora como utópico, ora como injusto, criminoso, cerceador das liberdades.

O “triunfo do fracasso do futuro” tem efeitos em diferentes áreas das nossas vidas. Ele atingiu em cheio a arte, a estética e a cultura pós-moderna. Todas elas domina-

das pelo pastiche e a releitura.

O “triunfo do fracasso do futuro” enferrujou nossos sonhos.

O “triunfo do fracasso do futuro” é a prisão do aqui e agora.

O “triunfo do fracasso do futuro” nos faz acreditar que “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo.”

Estética e Existência

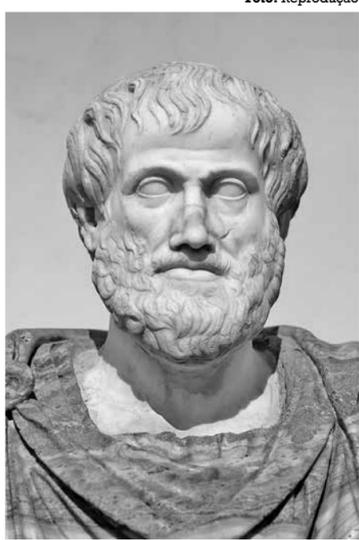
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Aristóteles e a poética

O filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), no seu livro *Poética* (335 a.C. e 323 a.C.), apresenta o tema da poesia e da arte. Nessa obra, define a poesia como imitação (*mimesis*). No caso da tragédia, o objeto a ser imitado é a ação de homens de bom caráter. Em sua concepção, a imitação é um fenômeno constante à natureza humana. Noutro conceito, a representação, que nos apresenta homens imitados de acordo com as leis da veracidade e da necessidade, poderá provocar nos espectadores a catarse, que é o terror e a piedade. Esse filósofo afirma que a tragédia foi com o tempo adquirindo sua forma natural, e suas inovações tiveram importância no aperfeiçoamento deste gênero. Considerava seis princípios na composição da tragédia: o mito; o caráter; a elocução; o pensamento; o espetáculo; e a melopéia (parte musical). Entretanto, o mais importante seria o mito, isto é, a trama dos fatos, que, mais do que apresentar características das personagens, mostram ações de vida, pois é por meio destas que os homens encontram seu destino.

A dissertação do professor Dr. Guilherme Gomes Moerbeck, que é adjunto da área Teoria da História, Historiografia e Ensino de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, afirma que Aristóteles se refere à autenticidade que a tragédia deve apresentar, quer dizer que o poeta constrói sua obra num campo das possibilidades, pois a poesia remete-se ao universal. Para isso, alguns elementos que compõem a estrutura narrativa da tragédia são estes: a peripécia; o reconhecimento; o nó; o desenlace e a veracidade. Assim, *Poética* apresenta a peripécia dando como exemplo a tragédia *Édipo Rei*, escrita pelo dramaturgo grego Sófocles (497 ou 496 a.C.-406 ou 405 a.C.). Segundo Aristóteles: “Peripécia é a mutação dos sucessos no contrário, efetuada do modo como dissemos; e esta inversão deve produzir-se também o dissemos aceitável e necessariamente. Assim, no Édipo o mensageiro que viera no propósito de tranquilizar o rei e libertá-lo do terror que sentia nas suas relações com a mãe, descobrindo quem ele era, causou efeito contrário...”. Isso quer dizer que acontece uma mudança na trama. Outro elemento é o reconhecimento, que pode acontecer de várias formas.



Filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.)

O filósofo grego hierarquiza os tipos de reconhecimento de acordo com suas qualidades artísticas. Considera o menos inventivo aquele que se dá por meio de sinais; outro, que nem artístico, seria aquele que extrapola o mito; há outros que apresentam um raciocínio dedutivo ou falácia/enganação. Entretanto, os melhores tipos de reconhecimento são aqueles que emergem da própria intriga, de modo natural, como é o caso em *Édipo Rei*. Noutra situação, viriam os que provêm de um argumento lógico. Apesar disso, diz o filósofo: “A mais bela forma de reconhecimento é a que acontece simultaneamente à peripécia”. As estruturas desta tragédia, como a peripécia e o reconhecimento, se integram no seu sistema misterioso. Porque há na trama uma mudança de planos, embora, desde o início, Édipo seja, de fato, a causa das enfermidades pelas quais Tebas está passando.

A última fala do quarto episódio da tragédia *Édipo Rei*, na qual, numa reação à informação do pastor, ocorrem a peripécia e o reconhecimento: “Édipo (ao servo) – Tristeza! Tudo agora transparece! Recebe, luz, meu derradeiro olhar! De quem, com quem, a quem – sou triplo equívoco: ao nascer, ao desposar-me, assassinar”. Esse é o momento no qual ocorre o reconhecimento por Édipo de que Jocasta é a sua mãe e de que ele é o assassino de seu pai (Laio), é o momento do desenlace da tragédia, situação em que Édipo caminha em direção às trevas da cegueira.

O nó é aquilo que vem do início da tragédia até este momento. Isto quer dizer que a tragédia deve manter-se coerente com a estrutura do mito, tendo em vista ser ela imitação de ações, realizadas por meio de personagens que possuem certo caráter e pensamentos. O aceitável é o que demarca o mito, e não pode contradizer a opinião comum, pois estaria perdendo assim sua eficácia, pondo em risco o efeito catártico.

Segundo Aristóteles, há três formas de uma ação ser praticada. A primeira delas é cometida por aquelas personagens que sabem o que estão fazendo, como, por exemplo, a tragédia grega de Sófocles, *Antígona* (442 a.C.), que, à revelia do decreto de Creonte, realiza os ritos fúnebres para seu irmão Polinice, na tragédia homônima. Ainda, há aqueles que cometem maus atos sem perceberem a arrogância dos mesmos, assim como há igualmente, os que estão para cometer algo terrível e o reconhecem pouco antes de agir, como no caso de Hémon para com Creonte. A segunda forma é a que acontece na tragédia *Édipo Rei*, na qual, Édipo não sabe o que está fazendo tanto quando mata seu pai quanto ao desposar sua mãe, pois desconhece seu passado. Édipo tratara de escapar ao oráculo para evitar assim, a morte de seu pai, que, naquele momento, pensava ser Políbio.

A catarse/purificação é considerada um dos elementos precursoros de dimensões analíticas atuais, como a estética da recepção. Percebe-se que a tragédia, enquanto imitação de ações de vida, resulta em fortunas ou desgraças, e suas ações causam mais terror e piedade, quando ocorrem entre mãe e filho, irmãos e amigos. Na medida em que a piedade aumenta e o terror diminui acontece a depuração dos sentimentos. Diante disso, é possível viver a tragédia de forma “terapêutica”, pois, é possível conviver com a desgraça de outrem sem ter de se defender contra ela.

Sinta-se convidado à audição do 387º Domingo Sinfônico, deste dia 25, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças e a vida-catártica do russo Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O Clarão de Clarice

Todo clarão nos leva a Clarice. No ano devastador da pandemia de 2020, Clarice Lispector teria completado um século de vida. Clarice está em nós, desde que nos deu seu *Coração Selvagem* e deixou que chegássemos perto.

Os artistas Moreno Veloso e Beatriz Azevedo são do bando de Clarice. Os dois se esmeraram no disco *Clarice Clarão* (selo do Sesc), que traz a escritora de todas as vidas, vida que muda a vida toda.

No disco *Clarice Clarão*, as vozes de Beatriz e Moreno se casam. São faróis focados nos desejados efeitos pulsantes e na mais visceral composição.

Eles cantam em homenagem a obra emoldurada, da capa ao miolo, a Clarice que despertou, desperta e se estica por outros séculos.

Beatriz e Moreno se “monalizam” e nos “tarcilam” e isso já é verbo. Texto sem verbo não é texto, é rascunho.

Abrem o disco com ‘Canto’ e logo cantamos juntos, porque é a arte que nos alimenta, a arte do tempo dos cancioneiros, dos sonhos e da dança, das cantorias, dos versos de muitas línguas. Está nessa canção: ‘Eu quero, esperto transformar esse momento, na arte revelo, eu sou Hélio e me Tarcilo, Monaliso e Botticello’, algo transformador do tempo sombrio que passamos.

A terceira faixa, ‘Deusa do Amor’, é um tratado continental da Bahia e do mundo, que nos leva à beleza, no espanto original do Carnaval, do bloco Olodum descendo a avenida. Isso de dizer que ao chegar perto, arrepiava e nos leva ao delírio entre beijos ardentes, é muito bom o disco de Moreno e Beatriz.

Cheio de signos esculpidos nos versos, que nos levam para outros lugares – Nova Iorque ou o Sertão de todos nós. A canção ‘Bis’, pede bis, para toda atriz. A atriz de Beatriz e Moreno dança no palco sobre o Clarão que vem da luz de Clarice.

É um disco falado, como no cinema – quando os dois cantam ‘Clarice Clarão’, a 7ª faixa, e ao final, se agarram na saia de Lispector e vão até o amém: ‘Faíscas no palco, cabeça no chão, Faíscas, faíscas, Clarice, Clarão, mãe Menininha, minha oração’.

A presença de Jaques Morelenbaum, o som do sim, do violoncelo e o silêncio diante do poema ‘Onde Estivestes de Noite’, na voz de Maria Bethânia, que declama também ‘Água Viva’, amor e trevas, de CL, é luxo só. Quer um disco melhor que esse? Não tem. Um mundo de coisas nossas, um mundo que volta para nós, depois de longa temporada escondidos e amedrontados.

Da linha com que se cose tudo, a canção ‘Circo’ (4ª faixa) lembra um clássico antigo: “Seu coração de ió ió vai e volta, girando na corda”. ‘Rede’ (a nova faixa) balança a rede da paixão, quando a pessoa acorda já apaixonada e pede beijos. Nessa canção, o eterno existe.

Eles cantam ‘Três da Madrugada’, de Torquato Neto e Carlos Pinto, gravada por Gal Costa num compacto há anos, que conta a história de uma cidade abandonada, em plena madrugada: “Dessa rua da cidade que não tem mais fim”.

‘Escapulário’, a última faixa, de Caetano e Oswald de Andrade, é um convite para saraus de todos os dias. Será que Moreno está no pão de açúcar, Beatriz? Não, ele está no canto de Afonex para o Bloco do Ilê. E como é bonito de cantar.

Kapetadas

1 - Seja a boa notícia na vida de alguém.

2 - Falta um dia pra amanhã. E faltam oito dias para a virada.

3 - Com certeza amar é um deserto e seus temores.

Foto: Divulgação



Beatriz Azevedo (E) e Moreno Veloso (D), juntos em disco

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Usuais evasivas sobre o cinema paraibano

O que é o cinema, realmente? O que o cinema foi e continua sendo, se não uma arte para representar os nossos sonhos, visando o entretenimento? E numa coisa o saudoso Wills Leal tinha razão: “O nosso cinema é espiritual”. Sentença essa que está, com sua viva voz, no curta-metragem *Cinema Inacabado* (1980), que realizei com imagens de Wills na Lagoa, local da antiga Churrascaria Bambu.

A verdade é que o cinema paraibano jamais foi um cinema comercial, na real expressão do termo. Hoje, menos ainda, por não possuímos uma genética nesse sentido. Contudo, explicações teremos ao buscarmos nas suas origens os motivos reais das dificuldades de realização, a partir das experiências de um dos pioneiros que foi Walfredo Rodrigues. Um cinema que, dentre outros segmentos, jamais fez parte da economia cultural do seu próprio estado, segundo estudos referendando essa triste constatação, não só na Paraíba. O que vem sendo inversamente provado em relação a outros países, onde cultura e arte têm sido fortes economicamente.

O nosso cinema tem sido, sempre, em razão das dificuldades de recursos de produção, as mais variadas; menos da falta de capacidade na sua criação. Daí a sua verdadeira tradição documental, abonando aquilo sobejamente sabido, até criativo, que é a realização de um “cinema independente”, conferindo a ideia de “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”. Óbvio!

Visto isso, então, atribuir-se “um fracasso de bilheteria” a uma única produção paraibana de longa-metragem, em 1970, que foi *O Salário da Morte*, deixando de contextualizá-la como fato às razões do cinema nacional daquela época, o que contribuiu para a não aceitação co-



Foto: Arquivo Pessoal

Filmagem de ‘O Salário da Morte’, com Linduarte Noronha (C) orientando atores

mercial do filme, seria ignorar a real história do cinema brasileiro. Sendo ainda pior, quando se taxa de “incapacidade de realização de ficções” ao cineasta paraibano Linduarte Noronha.

O insucesso comercial de *O Salário da Morte* não foi falta de capacidade (não confundir com competência) de direção na ficção. Se buscarmos os reais motivos do malogro mercantil de muitas produções brasileiras de longa-metragem daquela época – jamais só a paraibana –, as razões seriam outras, ou na falta de uma melhor exceção desenvolvimentista e tecnológica por parte das produções dos filmes. Não vejo também, nenhum demérito a utilização do preto & branco naquela época, em se comparando ao neorealismo italiano ou o cinema de vanguarda (*avant-garde*) francês, ciclos que fizeram tanto sucesso com uma filmografia não colorida...

A questão comercial do filme de Linduarte Noronha, realmente, foi a produção ter subestimado os interesses dos espectadores pela imagem colorida no cinema de então, quando esse recurso era primazia naquele momento, e com a televisão “domesticando” as famílias e o público em geral com a nova resolução vi-

sual. Falta de capacidade na direção do filme e de atores, ainda, na condução narrativa, mesmo transcrita de uma obra literária (*Fogo*), não foi a causada malogro comercial de *O Salário da Morte*. Mas, sua extemporaneidade à cor; proposta de um novo cinema.

Verdade é que o cinema paraibano nunca teve um lume para produção comercial. Daí a razão pela qual jamais tive olhos para isso, mesmo quando filmava (em película) nossos curtas-metragens e tendo que finalizá-los nos laboratórios da Líder. Daí, aquela velha dependência ao famoso “eixo Rio-São Paulo”. Também, por sermos ainda considerados bons documentaristas, jamais acreditei que nos tenha faltado a capacidade de realizar obras de ficção. Eu mesmo, hoje gravo minhas ficções sem nenhum problema... Que se veja *Antomarchi*, ou *Américo: Falcão Peregrino*, respectivamente, um média e um longa-metragem, ambos premiados...

O que se deve entender, portanto, é que existem hoje evasivas quase sempre (intencionais ou não) em algumas alegações feitas sobre o cinema paraibano. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Dor e melodia

Um buquê de rosas abandonado na calçada; uns feirantes que passam; uma coruja que adentra a casa de repente; uma carta ao filho; a saudade de um bairro; os episódios da infância na terra natal; os cuidados maternos e a morte do pai, entre outros acontecimentos e vivências que habitam o receptáculo da memória afetiva, compõem o tecido translúcido das crônicas que João Trindade reúne neste *O estranho professor de violão*.

Não descartando o ingrediente ficcional que pode atravessar a matéria concreta e factual da crônica, naquilo que ela possui de real e imaginário, sem elidir, no entanto, a componente imaginária que lhe é intrínseca, o autor recorta certos tópicos do passado vivido, dentro de uma chave subjetiva caracterizada, sobretudo, pelo fervor da emoção e pelo selo da empatia com que apreende certos detalhes que o ato de existir exhibe e oferta na magia inesperada e surpreendente do cotidiano.

A crônica de Trindade, cujo arco temporal se distende entre 1978 e 2022, procura privilegiar o tom narrativo, bem próximo do conto ou “causo”, em que pesem vótores referências que transpassam o critério artístico da verossimilhança, para incidir sobre a palpabilidade do real, com seu repertório de dados simultaneamente ordinários e extraordinários. A bem dizer, suas crônicas abordam motivos temáticos que constituem pequenos relatos de situações e episódios de que ele, na qualidade de observador e intérprete, sensível principalmente à riqueza dos detalhes, participou, ou, na distância possível, intenta reelaborar por meio da transfiguração literária que o gênero exige na tessitura das palavras. Aqui e ali, ao sabor do ritmo narrativo, o mundo do dia a dia, as pequeninas aventuras da rotina, a vida como ela é, para lembrar Nelson Rodrigues, como que se desvenda sob espátulas estéticas que o ele aciona, a lhe realçar singularidade, calor lírico, traço jocoso, nota trágica, ao mesmo tempo em que o seu olhar se impõe na modulação que reflete, descreve e pensa. Isto é, narrando, o autor também observa e medita.

Dois aspectos, entre outros, parecem-me essenciais na ordem de suas prioridades semânticas. São eles a figura do pai e o sentimento de amor à música. Lá, a evocação dolorida de uma morte traumática que, em seu contexto de violência e injustiça, marcou para sempre o cristal da memória do narrador; aqui, as diversas alusões, por dentro das malhas textuais, a nomes, vozes, composições e letras do nosso cancionário popular.

Lembranças da morte e *Em nome do pai* recuperam, em timbre elegíaco e dramático, a experiência radical do assassinato da figura paterna, estranhamento previsto, em sonho, pelo então menino de 5 anos. Em *Lembranças da morte*, reflete: “(...) Ele foi assassinado, é certo; mas morrer no mesmo dia, na mesma manhã da minha previsão?... Fico me perguntando como uma criança que nunca ahouvera visto um revólver teria visto em sonho. E a mulher? Seria uma metáfora da morte?”. Não houvesse pai, talvez não existisse literatura, sugere Roland Barthes num de seus textos teóricos. Pense, aqui, sobremaneira no pai enquanto patrimônio existencial, ético e psicológico, configurando toda uma herança de sentimentos, modos de ser, maneiras de agir, escolher e avaliar que nos formam e conduzem perante os enredos da vida. Por isto mesmo, esse legado humano faz parte decisiva da experiência do homem João Trindade, do professor e do cronista. O elemento emocional, a palavra sincera, o vigor de certas posições, recorrentes em seu estilo simples, coloquial e direto, conformam seu paradigma textual no diálogo que mantém com a doce banalidade das coisas, das criaturas e dos acontecimentos.

As implicações com a música, por sua vez, já se deixam entrever a partir mesmo do título, sugestivo e cheio de ressonâncias simbólicas. Lupicínio Rodrigues é referido em *Carta ao filho*; Cartola aparece em *As rosas no chão*; *A lenda do beijo* traz *The Pop's*; *O tarol* sinaliza o gosto da percussão; a jovem guarda é repassada em duas crônicas, e a famosa composição de Ataulfo Alves e Mário Lago é lembrada em *Minha mulher é Amélia*.

Quero crer que o destino trágico do pai, por um lado, e, por outro, esta identificação com a tradição melódica da música popular brasileira, em especial a música de índole romântica que, a seu modo também conta histórias de amor, perdas e sofrimento, ditam a organização sensível e intelectual do cronista João Trindade. Estão por trás de seu esquema expressivo e pontuam os ângulos abertos de sua visão de mundo.

Mesmo no compasso de outros assuntos (futebol, livro, poeta, amor, animais etc.), é esta fusão de dor e melodia que imprime a marca estilística fundamental de seu labor com as palavras. Um labor, em tudo precavido e consciente, uma vez que, paralelo ao apelo de natureza artística que a crônica reivindica no trato dos vocábulos, mormente na possibilidade de se converter a prosa num vasto estuário de poesia, João Trindade, o cronista de *O estranho professor de violão*, é mestre notável da “última flor do Lácio”. Se na crônica, cuida dos desenredos da vida, daquela vida ao “rés do chão”, como diz Antonio Candido, no idioma, cuida de sua correção e clareza, propriedade e precisão.

APC se programa para Dia Mundial do Cinema

A Academia Paraibana de Cinema deve se reunir ainda este mês, ou em outubro, para definir com bastante antecedência a programação do Dia Mundial do Cinema, que acontece em 28 de dezembro. A informação é do vice-presidente da entidade, o professor João de Lima Gomes, ocupante da cadeira 14 da APC, cujo patrono é o fotógrafo e cineasta João Córdula, que foi diretor também do antigo Cinema Educativo da Paraíba.

Segundo ainda João de Lima, deverá fazer parte da programação da APC a criação e aposição de placas e retratos dos ex-presidentes da entidade, em ambientes da Academia Paraibana de Cinema.



EM cartaz

ESTREIAS

AVATAR (EUA. Dir: James Cameron. Ficção científica. 12 anos). Reexibição do filme de 2009. **CENTERPLEX MAG 3**: 17h (dub.) - 20h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANÁIRA 9 - MacroXE (3D)**: 14h30 (dub.) - 18h (leg.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub., 3D): 14h30 - 18h - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub., 3D): 17h - 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub., 3D): 17h - 20h.

DESTERRO (Brasil. Dir: Maria Clara Escobar. Drama. 12 anos). Mulheres contam histórias de perda, morte e luta. 18h (dia 25/9) - 20h30 (28/9).

EIKE - TUDO OU NADA (Brasil. Dir: Andradiana Azevedo e Dida Andrade. Biografia. 12 anos). A vida do ex-bilionário Eike Batista (Nelson Freitas). **CINÉPOLIS MANÁIRA 1**: 14h15 (exceto sáb. e dom.) - 16h45 - 19h15 - 21h45.

A MULHER REI (The Woman King. EUA. Dir: Gina Prince-Bythewood. Drama. 16 anos). Nansica (Viola Davis) foi comandante do exército de um dos mais poderosos da África nos séculos 18 e 19. **CINÉPOLIS MANÁIRA 2** (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h15; **CINÉPOLIS MANÁIRA 10 - VIP** (leg.): 13h (sáb. e dom.) - 16h - 19h - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h45 - 18h45 - 21h45; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 15h10 - 17h50 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (leg.): 19h30.

NÃO SE PREOCUPE, QUERIDA (Don't Worry Darling. EUA. Dir: Olivia Wilde. Suspense. 16 anos). Nos anos 1950, segredos da cidade experimental que abriga os trabalhadores do ultrassecreto Projeto Victory. **CINÉPOLIS MANÁIRA 11 - VIP** (leg.): 15h - 17h45 - 20h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 17h30 - 20h15; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 17h30 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 17h30 - 20h15.

CONTINUAÇÃO

IL BUCO (França, Itália e Alemanha. Dir: Michelangelo Frammartino. Drama. Livre). Jovens espeleólogos exploram a caverna mais profunda da Europa. **CINE BANGUÊ**: 16h (25/9) - 20h30 (27/9).

HOMEM-ARANHA SEM VOLTA PARA CASA (VERSÃO ESTENDIDA) (Spider-Man: No Way Home. EUA. Dir: Jon Watts. Fantasia. 12 anos). Peter Parker (Tom Holland) precisará lidar com as consequências da sua identidade como o herói. **CINÉPOLIS MANÁIRA 2** (dub.): 18h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 14h.

INGRESSO PARA O PARAÍSO (Ticket To Paradise. EUA. Dir: Ol Parker. Comédia. 12 anos). Casal divorciado (George Clooney e Julia Roberts) vão tentar impedir que a filha cometa o mesmo erro que eles cometeram, quando se casaram 25 anos atrás. **CINÉPOLIS MANÁIRA 3** (leg.): 16h15 - 22h10; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 16h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 15h30.

O LENDÁRIO CÃO GUERREIRO (Paws Of Fury: The Legend Of Hank. EUA. Dir: Rob Minkoff e Mark Koetsier. Animação. Livre). Cachorro que sonha em ser um samurai. **CINÉPOLIS MANÁIRA 1** (dub.): 14h 15 (sáb. e dom.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 13h45 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 15h (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 15h (sáb. e dom.).

MINIONS: A ORIGEM DE GRU (Minions: The Rise of Gru. EUA. Dir: Kyle Balda. Animação. Livre). Continuação da franquia de animação 'Minions', do 'Meu Malvado Favorito'. **CINÉPOLIS MANÁIRA 8** (dub.): 13h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 15h; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h40; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 15h40.

NÃO! NÃO OLHE! (Nope. EUA. Dir: Jordan Peele. Terror. 14 anos). Residentes em uma ravina solitária do interior da Califórnia testemunham uma descoberta assustadora. **CINÉPOLIS MANÁIRA 8**: 15h45 (dub.) - 21h (leg.).

ORFÃO 2 - A ORIGEM (Orphan: First Kill. EUA. Dir: William Brent Bell. Suspense. 16 anos). A pequena Leena Klammer/Esther Albright (Isabelle Fuhrman) está de volta para nos mostrar sua mente perversa e instável. Depois de orquestrar uma fuga da clínica psiquiátrica da Estônia, ela viaja para os EUA se passando pela filha desaparecida de uma família rica. Prequela do filme 'A Orfã', de 2009. **CINÉPOLIS MANÁIRA 6** (dub.): 15h30 - 18h10 - 20h45; **CINÉPOLIS MANÁIRA 7**: 14h45 (dub.) - 17h15 (leg.) - 19h45 (dub.) - 22h15 (leg., exceto qua.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 19h30 - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 16h - 18h30 - 21h; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h45 - 17h45 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h45 - 17h45 - 20h45.

PINOCCHIO - O MENINO DE MADEIRA (Pinocchio - A True Story. Rússia. Dir: Vasily Rovenskiy. Animação. Livre). O jovem Pinóquio foge de seu criador Jepetto acompanhado de seu cavalo Tibalt. **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 14h30; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h.

UMA PITADA DE SORTE (Brasil. Dir: Pedro Antônio Paes. Comédia. 10 anos). Pérola (Fabiana Karla) é uma animadora de festa infantil que sonha em se tornar uma chef renomada. **CINÉPOLIS MANÁIRA 3**: 14h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4**: 17h15; **CINE SERCLA TAMBIA 3**: 18h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5**: 17h30.

PREDESTINADO (Brasil. Dir: Gustavo Fernandez. Drama. 14 anos). A história do espírito Zé Arigó (Daltón Mello). **CINÉPOLIS MANÁIRA 8**: 18h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypito [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

AÇÃO FORMATIVA

Sertão recebe espetáculos de dança

Hoje, em Cajazeiras, Fundação Espaço Cultural da PB realiza oficina e apresentações com artistas do Coletivo Tanz

Da Redação

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) realiza hoje uma oficina de dança ministrada pelos dançarinos do Coletivo Tanz. A atividade gratuita acontece no Teatro Íracles Brocos Pires (ICA), em Cajazeiras, a partir das 15h. A ação formativa é dirigida a dançarinos, atores e demais interessados na pesquisa do corpo expressivo.

A ação formativa será dividida em duas partes: 'Corpo da Rua', com Erik Breno, e 'Corpo Fumaça', com Edigar Palmeira. Cada parte do *workshop* terá duração de 90 minutos. Após as aulas, a partir das 19h, serão apresentados os solos *Corpo Emprestado*, de Breno, e *Fervo*, de Palmeira, uma ode ao corpo popular brasileiro e sua capacidade de transformação e adaptabilidade. Ambos têm 30 minutos de duração e a classificação indicativa é livre.

Em 'Corpo da Rua', o exercício consiste numa vivência de princípios básicos de técnicas contemporâneas de dança, utilizados como referência no cotidiano e no comportamento do dia a dia. Estes fundamentos de técnicas básicas e criativas de movimento, irão dialogar com a linguagem de corpos midiáticos que por vezes estão imersos numa conexão entre ambientes reais e virtuais.

Já 'Corpo Fumaça' trabalha com a preparação do corpo, criação de estados físico-emocionais e produção de personagens-figuras inspiradas pela imagética da cultura popular, mas baseada nas memórias pessoais de cada

intérprete. Esse corpo ativo, múltiplo e plástico que surge é suporte para as criações do Coletivo há 16 anos e é uma espécie de "corpo de código aberto", o qual se relaciona e recebe informações de todo e qualquer temática.

desdobrando-se em si como uma nuvem de fumaça, que ocupa o espaço, mas ao mesmo tempo "não permanece" em lugar nenhum.

Sobre o grupo
O Coletivo Tanz cria-

na esteira do teatro-dança, teatro físico e teatro de forma animadas. Tenta caminhos e formas de construção de uma linguagem própria, buscando de alguma forma uma dramaturgia corporal mais elabora-

de 20 anos e durante sua vivência nas danças populares, no teatro e na dança contemporânea o artista reuniu um rico repertório de técnicas corporais e metodologias diversas criando assim um método próprio

que se baseia no desdobramento do próprio corpo utilizando em conjunto, as articulações das memórias pessoais e as técnicas oriundas do folgado do cavalo marinho, do caboclinho e do frevo.

Erik Breno começou no ano de 1999 um curso não-formal de iniciação teatral. Posteriormente, buscou outras formações em oficinas até ingressar na graduação em Arte e Mídia na UFCG, onde concluiu no ano de 2005. Nesse ínterim criou performances solo e duos em Dança e Teatro. Fez a especialização em Representação Teatral em 2009 na UFPB. Na mesma época, participou de espetáculos de Teatro e de Dança e depois criou, junto com Edigar Palmeira, o Coletivo Tanz. Ganhou prêmios de melhor espetáculo de dança com o Experimento Raiz. Participou do Fenart em 2010.



Foto: Rondinelle De Paula/Divulgação

Atrações solos 'Fervo', de Edigar Palmeira (acima), e 'Corpo Emprestado', de Erik Breno (ao lado)

Durante a oficina, a memória enquanto suporte emocional/imagético é um dos elementos base do Corpo fumaça, criando formas, resignificando estas mesmas formas e posteriormente

do em 2006 por Edigar Palmeira e Erik Breno tem se dedicado à criação interartes, produzindo espetáculos teatrais, de dança e performances, concebendo uma linguagem cênica híbrida

da a partir das referências necessitadas para cada tempo que for preciso num processo de construção de uma obra cênica.

Edigar Palmeira é bailarino e pesquisador há mais

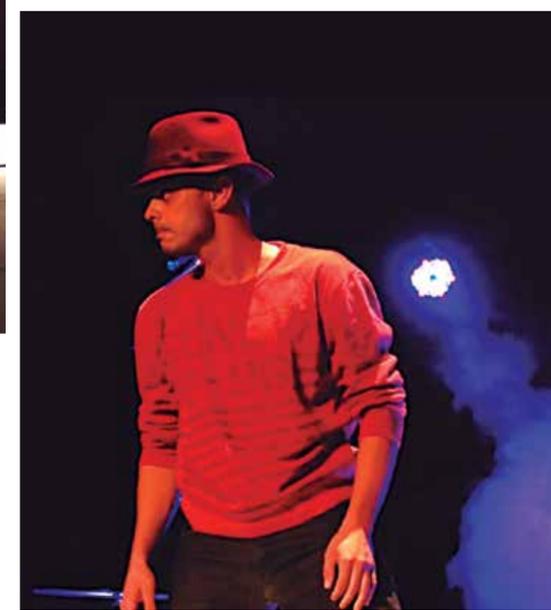


Foto: Funesc/Divulgação

'A MULHER REI'

"É a chance de nós, mulheres negras, sermos vistas"

Matheus Mans
Agência Estado

Mesmo acompanhando a coletiva de imprensa de forma digital, na última segunda-feira (19), a presença de Viola Davis foi sentida como um arripio quando ela entrou na sala de conferências – mesmo com a distância de 450 quilômetros entre a atriz norte-americana e a reportagem. Ela veio ao país para divulgar *A Mulher Rei*, longa-metragem que chegou recentemente aos cinemas. Um filme que, acima de tudo, celebra uma cultura e um povo tão invisibilizado nos cinemas.

A Mulher Rei acompanha a história das Agojie, uma unidade de guerreiras do Reino do Daomé, um dos estados mais poderosos da África nos séculos 18 e 19. Davis é Nanisca, a líder dessas mulheres que leva tudo com uma garra e habilidade inspiradoras. Ao seu lado, ainda estão personagens tão poderosas quanto, como a jovem Nawi (Thuso Mbedu), a empolgante Izogie (Lashana Lynch) e, ainda, a sábia Amenza (Sheila Atim).

"[Com o filme], é a chance de nós sermos vistas", contex-

tualizou Viola Davis, durante a coletiva. "Nós não estamos presentes em filmes de grandes cineastas, de grandes filmes. Nós não somos vistas na vida. Nem nossa beleza, nossa cultura. Não somos vistos como valiosos. Nós somos in-

visíveis. Agora, a vida dessas mulheres negras, durante duas horas e seis minutos, é finalmente vista. As pessoas ficam mais interessadas em nossas vidas".

Indo além, Viola, que também é produtora do longa-me-

tragem, explica a importância do filme chegar aos cinemas agora – e como ela simplesmente cansou da mesmice dos personagens. "Como mulheres negras, estamos no fim da lista", disse a atriz. "Pode até ver métricas, advogadas negras sem

nomes nos filmes. Você vê a pessoa na tela e depois fica procurando quem é, nos créditos, e não encontra. Estou farta disso. Eu sei quem são essas pessoas São nossas mães, nossas tias. Eu sei quem são. Por isso é um filme importante".

Na coletiva, Viola foi questionada sobre sua preparação para viver Nanisca. A história do filme, que nasceu a partir de uma ideia da também atriz Maria Bello em 2015, exige muito da atriz – segundo ela, eram cinco horas de treino por dia para conseguir fazer tudo que a personagem exige. No entanto, ela refuta que *A Mulher Rei* é um filme de ação. "É um drama histórico. É reduzir demais dizer que este é um filme de cinema de ação", diz.

E qual o motivo do título *A Mulher Rei*? Por que não "rainha" ou algo do tipo? "Ela é uma general que mereceu isso, que mereceu esse título. Essa mulher merece estar no topo. Não como uma parceira, não como uma segunda em comando. Mas uma líder. Nós, geralmente, somos secundárias. Mulheres, mulheres negras. Ver alguém como eu em um pôster com a palavra 'rei' significa algo incrivelmente poderoso", contextualiza Viola Davis. Julius Tennon, marido da atriz e também produtor, complementa na coletiva: "Esse filme pode criar uma mudança que todos nós queremos. Afinal, tudo começa com algo espetacular".



Foto: Divulgação

No filme que está em cartaz na Paraíba, Viola Davis comanda guerreiras de um dos estados mais poderosos da África nos séculos 18 e 19

SEGREDO DO BOM VOTO

Conhecer candidatos para não errar

Corregedoria Eleitoral incentiva a busca por mais informações sobre as propostas de quem está na disputa

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Como escolher bem os nossos representantes? É possível conhecê-los em apenas 45 dias de campanha? E que critérios utilizar na hora dessa escolha? São muitos questionamentos ainda existentes e apenas uma semana separa o eleitor da escolha do voto. Já as consequências disso durarão pelos próximos quatro anos e podem ser irreversíveis.

De acordo com a secretária da Corregedoria Regional Eleitoral, Vanessa Melo do Egypto, é papel do eleitor perceber como são importantes as missões de cada cargo. “Neste ano vamos eleger cinco cargos. É importante que você, eleitor, tenha buscado ver a vida pregressa desses candidatos e a atuação daqueles que já são parlamentares, ou exercem algum cargo, procurar ver as propostas, os planos de atuação se eleitos forem”, disse.

Ela enfatizou ainda a responsabilidade que está por trás da escolha do voto. “Não

De olho
Eleitores também devem conhecer como funciona a eleição para os cargos majoritários e proporcionais e que tipo de atividades exercem ocupantes dos poderes

haja de forma aleatória, mas haja com responsabilidade, procure consultar mídias, TV, o horário eleitoral gratuito, destine um pouco do seu tempo para se inteirar mais sobre os candidatos. Não vamos com a ideia de que todos são isso ou aquilo, os dedos nas mãos não são iguais, existem pessoas boas, comprometidas com políticas públicas. Vamos em busca dessas pessoas que o cidadão entende que está apto a governar o país ou o estado”, alertou.

O primeiro passo para que essa avaliação seja bem sucedida é conhecer o que deve ser avaliado em cada candi-



Vanessa do Egypto: conhecer os partidos também é importante

dato. Para isso, é preciso saber a função de cada cargo e como eles são eleitos. Neste pleito, a escolha será para deputados federais e estaduais, senador, governador do Estado e presidente da República.

A contabilização dos votos é dividida em dois sistemas: o majoritário e o proporcional. No caso do majoritário, estão os cargos de senador, governador e presidente da República. Os votos são contabilizados de maneira mais simples, são eleitos os que obtiverem o maior número de votos válidos.

Já no caso do sistema proporcional, a forma de contabilizar os votos de deputados estaduais e federais para se chegar ao resultado final da eleição, é preciso aplicar o quociente eleitoral e o quociente partidário. O quociente eleitoral é definido pela soma do número de votos válidos (votos de legenda e votos nominais, excluindo-se os brancos e os nulos), dividida pelo número de cadeiras em disputa. Apenas partidos isolados que atinjam o quociente eleitoral

têm direito a alguma vaga.

Em outras palavras, para conhecer os deputados que vão compor o Poder Legislativo é necessário saber, primeiramente, quais foram os partidos políticos vitoriosos para, depois, dentro de cada agremiação que obteve um número mínimo de votos, verificar quais foram as candidatas e candidatos mais votados. Esse é um dos motivos de se atribuir, nas eleições proporcionais, o mandato ao partido, e não a quem foi eleito.

De acordo com a secretária da Corregedoria Regional Eleitoral, Vanessa Melo do Egypto, é importante compreender que o eleitor está votando não apenas em um político, mas nas propostas do partido por completo. “O mandato não é do candidato e sim do partido. Porque no Brasil não existe candidatura própria, ninguém pode ser candidato sem estar filiado. No sistema proporcional, não são os votos individuais que contam, e sim o que aquela federação ou partido recebeu”, ressaltou.

Qual a função de cada cargo?

Na Câmara Federal

As deputadas e os deputados federais são os representantes do povo no âmbito federal. Compete a eles elaborar leis de abrangência nacional e fiscalizar os atos da pessoa que exerce a Presidência da República. Cabe aos parlamentares apresentar projetos de leis ordinárias e complementares, de decreto legislativo, de resolução e emendas à Constituição, bem como discutir e votar medidas provisórias editadas pelo Executivo e criar Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs).

Já as senadoras e os senadores são os representantes dos estados e do Distrito Federal no Congresso Nacional. Assim como os integrantes da Câmara dos Deputados, têm a prerrogativa constitucional de fazer leis e de fiscalizar os atos do Poder Executivo.

Além disso, a Constituição Federal prevê como competência privativa do Senado processar e julgar, nos crimes de responsabilidade, os que ocupam os cargos de presidente e vice-presidente, os ministros de Estado e os comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), os membros do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e do Conselho Nacional do Ministério Público, o procurador-geral da República e o advogado-geral da União.

Segundo explicou a secretária da Corregedoria Regional Eleitoral, Vanessa do Egypto, a principal diferença entre os senadores e os deputados federais é que os primeiros representam o Estado por completo, enquanto na Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas seus ocupantes representam o povo.

“Tanto é que os senadores são três para cada Estado, independentemente do tamanho dessa unidade federativa, enquanto os deputados federais de cada Estado tem o número de vagas proporcional à quantidade da população que ele representa”.

Nas Assembleias Legislativas

As deputadas e deputados estaduais ou distritais representam o povo na esfera estadual (Assembleia Legislativa) ou distrital (Câmara Legislativa do Distrito Federal). Compete a esses parlamentares legislar, propor, emendar, alterar e revogar leis estaduais. Eles também fiscalizam as contas do Poder Executivo estadual, entre outras atribuições. Na Paraíba, são 36 cadeiras que deverão ser ocupadas.

No Poder Executivo

1) Governadores
A governadora ou o governador exerce o Poder Executivo no Estado e no Distrito Federal. Cabe a quem ocupa o cargo representar, no âmbito interno, a respectiva Unidade da Federação nas relações jurídicas, políticas e administrativas.

Na chefia da administração estadual, o ocupante é auxiliado pelas secretárias e secretários de Estado. Também participa do processo

legislativo e responde pela segurança pública. Nesse caso, os governos estaduais e do DF contam com as Polícias Civil e Militar e com o Corpo de Bombeiros.

Em razão da autonomia dos Estados e do Distrito Federal, cada Constituição Estadual e a Lei Orgânica do Distrito Federal estipula as competências e responsabilidades do cargo.

2) Presidente da República

A pessoa eleita para a Presidência da República governa e administra os interesses públicos da União. Tem o dever de manter a integridade e a independência do país, bem como apresentar um plano de governo com programas prioritários, projetos de lei de diretrizes orçamentárias e propostas de orçamento. Exerce também atribuições administrativas e legislativas.

Entre as diversas atribuições administrativas do cargo estão nomear os titulares dos ministérios, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), dos tribunais superiores e o advogado-geral da União.

Com relação à política externa, compete ao presidente da República decidir sobre as relações com outros países, sobre o credenciamento de representantes diplomáticos e sobre a celebração de convenções, tratados e atos internacionais, sujeitos a referendo do Congresso.

Tire Dúvidas

Passo a passo do sistema proporcional:

1. O sistema proporcional acontece na contabilização dos votos de deputados estaduais e federais, além de vereadores, no caso de eleições municipais;
2. Primeiro é calculado o quociente eleitoral. O número total de votos para aquele cargo, a quantidade de cadeiras disponíveis mais um. Por exemplo, se a Paraíba tem 12 vagas na Câmara dos Deputados, o valor calculado é 13. Os votos nulos e brancos não são validados;
3. Logo em seguida, é feito o quociente partidário. É preciso saber quais partidos atingiram o quociente eleitoral, e apenas esses poderão eleger candidatos;
4. Após a definição dos partidos ou federações que conseguiram atingir o quociente, acontece a escolha dos candidatos de cada legenda. Os primeiros mais votados vão ser escolhidos para ocupar as cadeiras disponíveis para cada Estado na Câmara Federal.
5. Mesmo após a escolha dos primeiros lugares de cada partido mais votado, caso ainda tenha vagas, essa mesma lógica é usada para os que ficaram em segundo lugar e, assim, sucessivamente, até que todas as cadeiras sejam preenchidas.

O que é o sistema majoritário?

O sistema majori-

tário é mais simples, já que são eleitos aqueles que recebem a maioria dos votos válidos. Esse sistema é utilizado para contabilizar os votos dos cargos de governador, senador e presidente da República, além de prefeitos, no caso de eleições municipais.

O que é voto em legenda?

O número de votos válidos daquele determinado cargo, em legenda, também vale na hora de contabilizar o quociente do partido ou federação. É possível, no momento da votação para deputado federal ou estadual, que o eleitor não escolha um candidato específico, mas sim o partido. Nesse caso, ele só precisa votar nos dois números que representam determinado partido ou federação.



Foto: Reprodução

BOLSA FAMÍLIA

Cidade berço de programa é excluída do Orçamento

Guaribas ficou conhecida por apresentar padrões de países pobres da África

André Shalders
Agência Estado

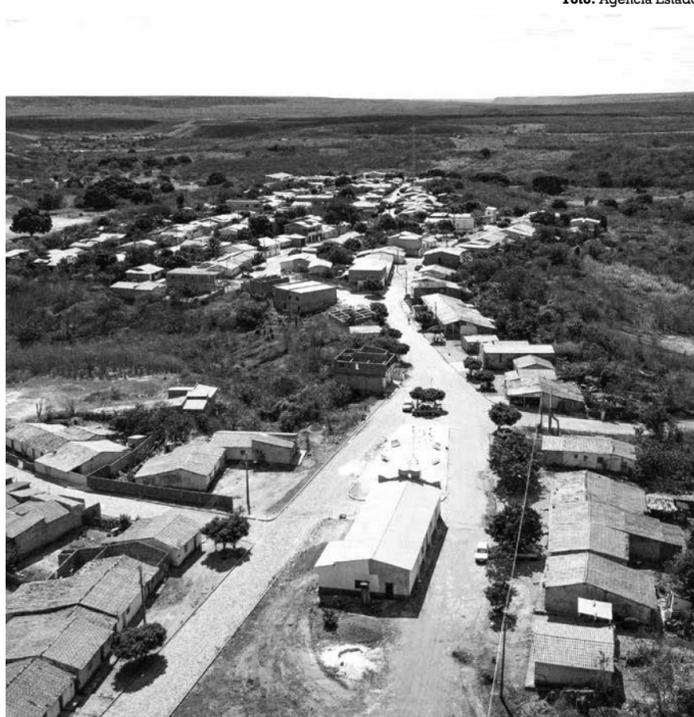
No sopé da Serra das Confusões, no Semiárido piauiense, Guaribas ficou conhecida nacionalmente por apresentar perspectiva de vida nos padrões de países pobres da África. A 660 quilômetros de Teresina, a cidade virou local de testes do programa Fome Zero, que mais tarde daria origem ao Bolsa Família.

Ao longo de quase 20 anos, o município conseguiu melhorar indicadores sociais, mas continua entre os 100 com o menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) do Brasil. Mesmo assim, seus 4,5 mil moradores - antes eram 4,2 mil - são esquecidos pelo Congresso na divisão de recursos federais.

Ao concentrar os votos num candidato a deputado federal derrotado nas eleições de 2018, Guaribas ficou sem parlamentar para defendê-la na partilha das verbas de Brasília - e terminou prejudicada na distribuição do dinheiro nos últimos quatro anos. Como mostrou o Estadão, o fenômeno dos “desertos políticos” é nacional. Guaribas é uma das 522 cidades penalizadas por concentrarem votos em candidatos não eleitos à Câmara. Nessas cidades vivem 13 milhões de pessoas.

Na mesma região de Guaribas, no sul do Piauí, há outros 17 municípios ignorados

■ Ao longo de quase 20 anos, o município conseguiu melhorar indicadores sociais, mas continua entre os 100 com o menor IDH-M



A 660km de Teresina, Guaribas virou local de testes do programa Fome Zero

no repasse de verbas. A “capital” do Fome Zero e do Bolsa Família é a última no traçado da PI-470, depois da cidade de Caracol. Em Guaribas, as principais ruas foram asfaltadas; outras são pavimentadas com paralelepípedos e todo o restante é de terreno arenoso. As casas são simples e têm reboco; aqui e ali se veem construções de tijolo de barro aparente.

Água

A moradora Raimundinha Correia da Silva Rocha,

de 61 anos, lembrou o tempo em que tinha de caminhar quilômetros todos os dias para buscar água, o que tornava a vida “trabalhosa”. A água chegou à torneira da casa dela e o benefício do Bolsa Família, hoje Auxílio Brasil, caiu na conta. Raimundinha disse, porém, que a saúde continua “ruim”. Para buscar atendimento, a família precisa ir a São Raimundo Nonato, a duas horas e meia de distância em estradas precárias.

Repases estão 33% abaixo da média

Nos últimos quatro anos, a Prefeitura de Guaribas recebeu 33% a menos de emendas parlamentares de todo tipo por morador, na comparação com a média das cidades pequenas (menos de 10 mil habitantes) do Piauí. Foram apenas R\$ 2,6 milhões, desde janeiro de 2019. O município também não recebeu nada do orçamento secreto, mecanismo criado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) que repassou aos parlamentares a decisão sobre onde alocar

dinheiro público sem seguir critérios técnicos, o que contraria a Constituição e as leis orçamentárias.

Em 2003, o Estadão esteve em Guaribas. O agricultor Germano Mariano da Silva, à época com 49 anos, foi entrevistado. “Aqui tem muita ‘carenteza’, mas pior que a da fome é a da doença”, disse na ocasião. Em junho passado, a reportagem reencontrou Germano. Os cabelos agora são grisalhos. A maioria dos oito filhos deixou Gua-

ribas. De lá para cá, a cidade ganhou calçamento, energia elétrica, água encanada e internet, mas o problema social persiste.

Guaribas avançou com a chegada da água encanada e do calçamento ao centro da cidade, mas ficou nisto. “Na oportunidade que eu fiz a entrevista, tem uns 20 anos, eu falei sobre a água. A ‘Guariba’ era pobre e ‘descoligada’ do Brasil”, lembrou. Na zona rural da cidade, as estradas continuam

precárias e o acesso à água encanada é intermitente, quando existe.

O comerciante Alaylido Dias de Miranda, de 33 anos, disse que os moradores enfrentam problemas de energia, precariedade das estradas e falta de renda. “As estradas municipais, que dão acesso às outras cidades, ainda é (sic) tudo de terra”, afirmou. “Na questão do emprego, a maioria vive da roça. Fora isso, só os aposentados e quem é concursado.”

Município fica fora do rateio de recursos

Os votos de Guaribas na eleição para a Câmara, em 2018, se concentraram nos ex-deputados Paes Landim (PTB) e Heráclito Fortes (União Brasil), que não conseguiram se eleger. Heráclito obteve quase 40% dos votos da cidade.

“Nesses municípios todos (do sul do Piauí), eu arumei algumas verbas de infraestrutura, calçamento. Mas depois o PT e o Ciro (Nogueira, ministro da Casa Civil) vieram para cima de maneira impiedosa”, queixou-se Heráclito. Atualmente, ele vive em São Paulo e não é candidato em outubro.

Guaribas é comandada pelo prefeito Joércio Matias de Andrade (MDB), li-

gado a Heráclito. O vice Joziel Alves (PT) tem na ponta da língua a explicação para a exclusão da cidade do rateio das verbas: os políticos locais são oposição a Ciro Nogueira. “Para os prefeitos que o apoiam, ele libera recursos. Ele é o dono da caneta. Para cá é nada”, afirmou Alves.

Líder do Centrão, o ministro ganhou de Bolsonaro o poder inédito de deliberar sobre o orçamento. Assim, João Costa (PI), sua base eleitoral, é a campeã nacional de verbas do orçamento secreto. Procurado, Ciro Nogueira não respondeu.

Crédito

Para os políticos, faz sen-

tido beneficiar prefeituras controladas por aliados, já que é mais provável que os recursos se transformem em votos, avaliou o cientista político Fernando Meireles.

“Eleito, o deputado procura em sua base onde tem um prefeito que possa mobilizar votos para ele. Você não tem como estar no município o tempo inteiro, mas tem alguém lá que pode fazer propaganda e dizer: ‘Foi o deputado tal que trouxe o dinheiro para a gente construir essa escola’”, disse Meireles.

Na Ciência Política, a prática é chamada de “credit claiming” - ou “obter créditos”. A Constituição, porém, exige que a distri-

buição siga critérios socioeconômicos, não eleitorais.

■ Para os políticos, faz sentido beneficiar prefeituras controladas por aliados, já que é mais provável que os recursos se transformem em votos, avaliou o cientista político Fernando Meireles

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Boneco de lata e bonecas de ódio

É com enorme insatisfação que apresento a crônica do paciente em sala de espera da proctologista. Estou agora pensando nesta narrativa que escreverei mais tarde. A sala é pequena, a TV de plasma é grande, ligada na Globo. O relógio marca pontuais noventa minutos de espera do paciente impaciente (perdão pelo jogo de palavras chinfrim). Por associação de ideias, lembrei-me do caso do paciente perturbado na sala do psiquiatra. Muito tempo esperando na recepção, sentiu-se rejeitado e tentou pular pela janela. A propósito, nesta sala não temos janelas.

Na salinha, sou o único homem a usar máscara. Na verdade, uma figura inusitada, elemento do sexo masculino manchando de azul o grupo cor de rosa, conforme a ideia sexista. Além de minha encabalada pessoa, aguardam a médica cinco mulheres chatas e um pirralho igualmente sacal, além da atendente. Como já informei, estou em consultório de médica proctologista, indicada por um amigo. Altamente recomendada. Suspeitava que ficaria deslocado no ambiente, mas não tanto como me sinto agora. Único homem, somente eu usando máscara e lendo um livro. E sem prestar atenção na TV e na tagarelice das mulheres presentes. Não que o falatório passasse despercebido. Tentava me concentrar no livro infanto-juvenil que trouxe, só pelo formato pequeno que cabe no meu saquinho de conveniências.

As madames mais comunicativas foram construindo amizades, troca de receitas, telefones e impressões comuns sobre o mundo delas e o submundo alheio. Uma senhora de saia jeans, coque e jeito de evangélica logo se entendeu com a professora de sotaque sulista. E haja receita para curar resfriado, dor nas costas e perigo comunista. A provável irmã aproveitou a inserção de propaganda política na TV para destilar um tiquinho de ignorância e preconceito: “Esses juízes ganham tão bem e acabam recebendo propina para liberar candidaturas de ladrões”. A professora lamentou, todas ajudaram a rolar as cabeças dos políticos “desonestos e desencaminhadores de crianças, enviados do capiroto”. A mestra garantiu que a tal ideologia de gênero rola mesmo nas escolas. “Quando Deus fez meninos e meninas, Ele sabia o que estava fazendo. Daí veio o Diabo e criou a ideologia de gênero”, explicou. Uma senhora lamentou que o povo não reconhecesse os bons políticos e “só vota em ladrão”. Lembrou o ex-deputado Toinho do Sopão, “homem tão caridoso, mas só teve um mandato”.

Foi quando aconteceu o inusitado. Do nada, uma senhora fez o apelo: “Alguém tem dez reais para minha passagem? Esqueci a carteira em casa, moro na praia e meu filho não pode trazer agora”. Instaurou-se aquele silêncio opressivo. Passados uns trinta segundos de puro constrangimento, a mulher ao meu lado catou sete reais na bolsa. “Só tenho isso em dinheiro, serve?” Servia. “Me dê seu pix”. “Não precisa, não tenho pix, dê uma oferta pra igreja”. Alívio! As demais madames voltaram a peneirar arroz, temperar a carne e ajeitar o bife. E me ignorar solenemente. Que diacho esse senhor faz numa sala de médica de senhoras?

Ecologicamente correto como sou, pensei em como seriam reaproveitadas essas figuras no mundo real. A professora certamente daria uma ótima ministra da educação conservadora atual. Por causa do incômodo corporal que me causava grande agonia, ainda mais preso naquele ambiente tóxico, desejei uma surdez momentânea para deixar de escutar aquelas vozes de ódio e obscurantismo doméstico. Acabei lembrando de duas pessoas do meu bem querer. Uma abelha que tem um zumbido no cérebro e o Boneco de Lata. A abelha não se acostuma com o zum-zum-zum incomodante nem com a mediocridade geral. Provavelmente seria uma voz feminina discordante naquela assembleia de madames reacionárias. O outro é o poeta Merlânio Maia, que faz trabalho voluntário animando crianças com câncer nos hospitais. É o Boneco de Lata, levantando a autoestima dos meninos, meninas e outras espécies do caleidoscópio humano. Desejei que estivessem aqui para mudar o tom desse ambiente fundamentalista com amor, humildade e bom senso. Sim, a espera foi pior do que o exame.

ARQUIVOS DO SENADO

Brasília: 150 anos para sair do papel

Plano inicial para construção de uma capital no centro do país data de 1808, quando da vinda de Dom João 6º

Ricardo Westin
Agência Senado

Foto: Divulgação/Projeto Memória

Em 1960, no feriado de Tiradentes, Juscelino Kubitschek cumpriu a sua ambiciosa promessa eleitoral e deu ao Brasil uma nova capital. O plano do presidente, no entanto, não era exatamente novo ou original. JK foi o executor, mas não o idealizador da transferência da capital para o centro do país.

Documentos históricos guardados no Arquivo do Senado mostram que, no decorrer dos 150 anos anteriores à inauguração de Brasília, sucessivos imperadores e presidentes tiveram nas mãos projetos bastante semelhantes ao de JK de trocar o Rio de Janeiro por uma cidade planejada, nova em folha, no coração do remoto Planalto Central.

A depender do projeto, a nova capital brasileira seria batizada de Imperatória, Cidade Tiradentes ou Cabralia, entre outros nomes aventados.

Os primeiros planos surgiram em 1808, quando Dom João 6º se mudou com a corte portuguesa para o Brasil, fugindo de Napoleão Bonaparte.

Argumentava-se que uma nova capital era necessária porque o Rio, uma simples cidade colonial, não tinha estrutura suficiente para ser promovida a cabeça do Reino de Portugal.

A localização costeira, além disso, deixava o Rio vulnerável a ataques estrangeiros pelo mar. Conselheiros de Dom João 6º lembravam que, no século 16, navios inimigos não tiveram dificuldade para conquistar a Baía de Guanabara e ali instalar a França Antártica.

Outro episódio traumático que servia de alerta era o dos corsários franceses que, no século 18, tomaram o Rio e só libertaram a cidade passados dois meses, após o pagamento de resgate.

A interiorização da capital ganhou o apoio do jornalista Hipólito José da Costa. Para ele, a nova cidade precisaria ser erguida na capitania de Goiás.

Na mesma época, circulou no Rio um discurso atribuído ao antigo primeiro-ministro britânico William Pitt que falava numa futura cidade chamada Nova Lisboa, “para corte e assento do rei”, também no Planalto Central.

O discurso, descobriu-se depois, era falso, provavelmente forjado por algum brasileiro interessado na mudança para o interior.

Além de não existir referência ao tal discurso nos arquivos de Londres, sabe-se que a Grã-Bretanha, ao contrário, agiu para que a corte Dom João 6º permanecesse no Rio, de modo a salvaguardar os interesses dos comerciantes britânicos que lucravam com o porto carioca.

Caso Nova Lisboa saísse do papel, outros portos do Brasil cresceriam e competiriam pela proeminência.



Como deputado, JK defendeu capital no Triângulo Mineiro

Constituição de 1891 transformou em lei a mudança da capital do Brasil

■ Dom Pedro 2º havia sido derrubado por uma minoria republicana, que não contava com respaldo popular

O tema voltou com força total na Assembleia Constituinte de 1891, logo depois da derrubada da Monarquia. Defensor da mudança, o senador constituinte Virgílio Damásio (BA) apresentou uma proposta para que a nova capital do Brasil se chamasse Cidade Tiradentes (em referência ao personagem histórico da Colônia que foi resgatado e alçado ao posto de mártir pela República). Ele disse que o Rio de Janeiro, já uma inchada cidade de 400 mil moradores, era um barril de pólvora que poderia

explodir a qualquer momento.

“Nesta cidade populosa, falemos a verdade, encontram-se muitos que vivem entre a ociosidade e manejos ou expedientes poucos confessáveis. Essa grande massa de homens é uma arma, uma alavanca poderosíssima em mãos de agitadores. Uma cidade populosa não convém para capital”.

O deputado constituinte Thomaz Delfino (DF) concordou:

“Uma capital não se sente muito bem no meio da multidão da vasta cidade, por sua natureza agitada e de vez em quando algum tanto revolucionária. É sabido que nos Estados Unidos da América do Norte os diferentes estados têm geralmente pequenas cidades por capitais. A sede do governo do estado de Nova York não é a riquíssima cidade desse nome, e sim a insignificante Albany. Quando a capital da União Americana foi fixada em Washington, era esta apenas uma pequena cidade de 70 a 80 mil habitantes”.

A preocupação era, mais especificamente, com o risco de explodir no Rio de Janeiro uma insurreição pela volta do Império.

Dom Pedro 2º havia sido derrubado por uma minoria republicana, que não contava com respaldo popular. A capital brasileira, habituada ao convívio com a família imperial, era francamente monarquista.

A proposta da Cidade Tiradentes foi derrubada, mas a previsão de um novo Distrito Federal passou e constou explicitamente da Constituição de 1891. Pela primeira vez, a capital no centro do Brasil se transformou em lei.

Sem perda de tempo, os dois primeiros presidentes da República, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, seguiram a determinação constitucional e tomaram as providências necessárias para a futura mudança.

Uma comissão de técnicos explorou o interior de Goiás e delimitou o quadrilátero do futuro Distrito Federal.

José Bonifácio de Andrada e Silva já havia sugerido a construção em 1823

Em 1823, logo após a Independência, o ministro e deputado José Bonifácio de Andrada e Silva (SP) propôs à Assembleia Constituinte a interiorização da capital. Para ele, uma nova cidade no Planalto Central — a ser batizada de Petrópole (em homenagem a Dom Pedro I) ou Brasília — permitiria um melhor controle sobre o imenso território brasileiro e impediria que ele se esfarelasse em pequenas nações naquele conturbado momento pós-Independência.

Na proposta, Bonifácio acrescentou: “Como essa cidade deve ficar equidistante dos limites do Império tanto em latitude como em longitude, vai-se abrir, por meio das estradas que devem sair desse centro como raios para as diversas províncias, uma comunicação e decerto criar comércio interno da maior magnitude. Vai-se chamar para as províncias do sertão o excesso da povoação sem emprego das cidades marítimas e mercantis”.

Dom Pedro 1º, contudo, dissolveu a Assembleia Constituinte, e o assunto acabou morrendo. Na Constituição logo depois imposta pelo imperador, em 1824, não houve nenhuma menção à mudança da capital.

No reinado de Dom Pedro 2º, a campanha por uma capital no centro do Império renasceu encabeçada por Francisco Adolfo de Varnhagen, o historiador mais renomado da época. Para ele, a permanência do governo no Rio



Integrantes da Missão Cruls, que demarcou o DF em 1890

■ Obcecado pela ideia, o próprio Varnhagen se embrenhou pelos sertões do Planalto Central em 1877

significava a continuidade do atraso colonial, e a entrada do Brasil na modernidade dependia dessa transferência como marco simbólico.

Obcecado pela ideia, o próprio Varnhagen se embrenhou pelos sertões do Planalto Central em 1877 para procurar a localização mais apropriada.

Após a expedição, ele sugeriu que se erguesse a cidade de Imperatória (nome em homenagem ao imperador Dom Pedro 2º) entre as lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas — a grande área dentro da qual hoje se situa Brasília.

O senador Holanda Cavalcanti (PE), inspirado por Varnhagen, apresentou um projeto de lei prevendo uma nova capital. Para o senador, o vazio do interior do Império teria boa utilidade se fosse ocupado por plantações de café, o motor da economia nacional.

“O Brasil deve, em minha opinião, ser mais uma nação agrícola do que comercial. Ora, o desenvolvimento da agricultura em vasta escala não poderá conseguir-se senão promovendo-se a formação de grandes estabelecimentos no centro do Império. O meio mais óbvio que se antolha para realizá-los é a criação da capital nesse centro”, argumentou.

Cavalcanti estimou que a cidade poderia ficar pronta em 10 anos. Embora não tenha tocado na questão da mão de obra, o senador certamente contava com os escravos negros como os operários da grande construção. A proposta acabou adormecendo nas gavetas do Senado do Império.

Prudente de Moraes engavetou o projeto

Sucessor dos dois militares, o civil Prudente de Moraes logo engavetou o plano. Ele se explicou dizendo que os cofres públicos não tinham dinheiro para tão cara empreitada. O real motivo, segundo os historiadores, era o risco de a mudança geográfica do poder federal destruir o frágil equilíbrio entre as oligarquias estaduais que sustentava a Primeira República.

Enquanto isso, o Rio convulsionava. Nos governos de Deodoro e Floriano, a cidade foi bombardeada pelos navios de guerra dos insurgentes da Revolta da Armada. Prudente de Moraes escapou por pouco de ser assassinado num atentado a espada na cerimônia de boas-vindas às tropas que haviam massacrado a população de Canudos. E, no governo Rodrigues Alves, a capital foi praticamente arrasada pelos cariocas na Revolta da Vacina.

Em 1905, o senador Nogueira Paranaçuá (PI) redigiu um projeto de lei que buscava tirar do papel a determinação da Constituição de 1891.

E dava prazo: a mudança da capital precisaria ocorrer até 1921, a tempo para as comemorações dos cem anos da Independência do Brasil. Paranaçuá justificou o projeto dizendo que o Rio não conseguia espelhar o Brasil: “Esta é uma cidade cosmopolita por excelência. Aqui há o elemento português, o italiano, o alemão, o espanhol e muitos outros. Os estrangeiros têm força

preponderante. Os interesses desta cidade são muitas vezes antagônicos com o interesse nacional. Eu quero uma capital tranquila, verdadeiramente nacional, em que o brasileiro seja predominante.

O clima. Neste momento, estou a sentir um calor senegalesco. Eu estou transpirando apesar destes ventiladores. Nós vemos que o próprio presidente da República se retira da capital durante alguns meses do ano por não poder ficar neste clima asfixiante.

A cidade foi construída num ponto do litoral brasileiro não só excepcionalmente abafado, mas também rodeado de pântanos.

O ambiente era propício para a disseminação de doenças mortais como cólera, peste bubônica e febre amarela, que repetidamente reduziam a população da capital. Nogueira de Paranaçuá classificou o Rio de “necrópole [cemitério] do Brasil”.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs. kenoby.com/tess.”



Elton Rabelo Honfi, Geisa Galvão, Roselma Virgulino, Oriel Farias, Rebecca Lisbia, Rui Galdino e Zilma Navarrete são os aniversariantes da semana.



O escritor Severino Ramalho Leite, acadêmico que ocupa a Cadeira nº 7 na Academia Paraibana de Letras, tomou posse como presidente da entidade cultural que também é conhecida como "Casa de Coriolano de Medeiros". Na solenidade, registrei a Mesa Diretiva, que foi composta pelo conselheiro Arnóbio Viana, pelo escritor Thélío Queiroz Farias, pelo desembargador Marcos Cavalcanti, pelo presidente Ramalho Leite, pelo secretário de Estado Cláudio Furtado e pelo escritor Marcus Alves.



Durante visita ao município de Cabedelo, quando levamos, minha amiga Marluce Almeida e eu, um grupo de senhoras a Cabedelo, visitamos a bela Fortaleza de Santa Catarina. De parabéns o presidente da Fundação Fortaleza de Santa Catarina, Osvaldo Carvalho, pelo zelo com tão importante equipamento histórico.



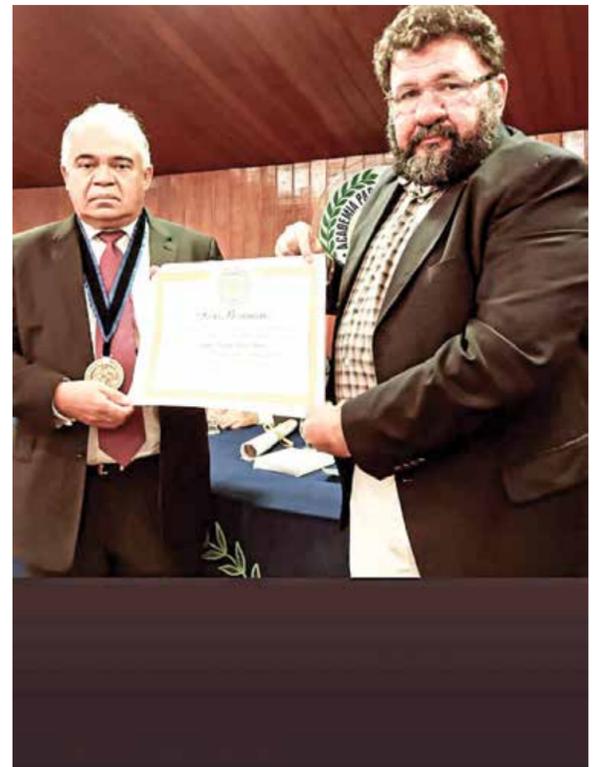
A esposa do novo presidente da Academia Paraibana de Letras, Marta Ramalho, a filha Viviane e o neto Lorenzo, prestigiaram a solenidade de posse da nova diretoria, que aconteceu na sede da APL, no dia 16 deste mês.



Socorro Brito, que dirige com maestria a loja Dress, homenageou a amiga Ione Fernandes (foto). Entre as convidadas para o seleta evento, registrei as presenças de Regina Rodrigues Botto Targino e Valmirinha Queiroga.



Narciso Palmeira (na foto, ao lado da noiva, Thayssa Rodrigues), empreendedor pernambucano que dirige a rede de lojas Narciso, empresa fundada na capital pernambucana no ano de 1837, em Recife, me concedeu entrevista durante visita que fiz à loja instalada no Manaira Shopping.



Na solenidade de posse da nova diretoria da APL foram homenageados Leonel Freire, Lucas de Brito Pereira, Marcus Alves, Cláudio Furtado (foto) e Adalberto Targino.

Luiz Tananduba prestigiou a exposição de seu pai, Alexandre Filho, pintor e grande mestre da pintura naïf no Brasil, que foi realizada na Academia Paraibana de Letras.



IMOBILIÁRIA PARAIBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
FONE: (83) 3204-0423 / 98708-8189
DOUTOR HERNIA

Selic

Fixado em 21 de setembro de 2022

13,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.212

Dólar \$ Comercial

+2,62%

R\$ 5,249

Euro € Comercial

+1,13%

R\$ 5,089

Libra £ Esterlina

-0,75%

R\$ 5,702

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Agosto/2022	-0,36
Julho/2022	-0,68
Junho/2022	0,67
Mai/2022	0,47
Abril/2022	1,06

Ibovespa



PEQUENOS NEGÓCIOS

Juros elevados impedem empréstimos a empresas

Ao menos 36% dos empresários nordestinos reclamam das taxas de crédito

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

O Indicador Nacional das Micro e Pequenas Indústrias, realizado pelo Datafolha, aponta que 36% dos empresários nordestinos do setor reclamam da taxa de juros como maior impeditivo na aquisição de empréstimos. Outro fator, com 29% das menções, é a falta de linhas de créditos adequadas ao tamanho do negócio. O Boletim Regional do Banco Central do Brasil indica que o estoque de crédito para pessoas jurídicas na Paraíba foi de R\$ 8 bilhões, no trimestre encerrado em junho. Mas o empresário precisa pesquisar e elaborar um plano de investimentos, antes de contratar um financiamento.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep), Buega Gadelha, comenta que as queixas dos micro e pequenos empresários é antiga. Ele afirma que uma das questões que encarece o crédito para investimento, no Brasil, é a questão da garantia. “Quando não há garantia do devedor, a taxa de juros sobe. Geralmente, as micro e pequenas empresas não possuem imóveis para dar em garantia”.

Conforme o Indicador da Datafolha, entre as regiões do país, a reclamação sobre a falta de linhas de créditos adequadas ao tamanho do negócio é maior no Nordeste. O menor índice é na região Sul (19%). Outros obstáculos citados pe-



Foto: Veneziano Medeiros/Arquivo pessoal

Plano de negócios é ideal para que empresas menores tenham acesso aos recursos que precisam

los empresários nordestinos são garantias exigidas por bancos ou instituições financeiras (14%), restrições por causa de outras dívidas (9%) e prazo para pagamento (1%).

De acordo com assessora especial do Centro Integrado de Apoio à Gestão (Ciage), Gricélia Pinheiro, mais de 90% das indústrias na Paraíba são de micro e pequeno porte. E por conta desta condição, há falta de assessoramento e informação, o que limita o acesso ao crédito. O Ciage é um órgão de consultoria da Fiep.

“O crédito existe, contudo, é preciso pesquisar as melhores condições, no que se refere à taxa de juros, prazo de carência e período total de financia-

mento. O que ocorre é que muitos empresários contratam as primeiras ofertas que recebem”, comenta a gestora. Ela indica as linhas regionais de investimento, por apresentarem condições mais favoráveis.

Projeto

Gricélia Pinheiro destaca que, antes de buscar os recursos para investimento, o empresário deve elaborar um projeto de negócios bem definido, demonstrando como o investimento será aplicado para que gere os recursos necessários ao pagamento do empréstimo. “É muito importante indicar a viabilidade e a liquidez da operação. Se o crédito for para a compra de um maquinário, deve

indicar como vai impulsionar a produção, o período e os valores resultantes de sua utilização para garantir o retorno do investimento”.

Segundo a assessora do Ciage, é nesse ponto que muitas MPE erram, por não conseguir executar um plano de negócios eficaz. Isto ocorre porque, geralmente, não há um setor nas empresas destinado a esse planejamento, que é feito terceirizado.

Por não conseguir o acesso ao crédito, muitas empresas recorrem ao cheque especial para obter recursos de capital de giro. O Indicador Nacional das Micro e Pequenas Indústrias mostra que 13% dos empreendimentos nordestinos recorreu a essa modalidade de crédito.

Crédito impulsiona projetos de expansão

O empresário Veneziano Medeiros é proprietário de uma microindústria de alimentos que produz doces e salgadinhos para empresas e eventos. Com sede na cidade de Soledade, na Paraíba, a empresa conta com crédito público para expansão. Conforme o empresário, já foi adquirido maquinário industrial a partir de contratos de créditos e agora ele planeja a expansão da empresa com a continuação de uma obra parada no início da pandemia de Covid-19.

“Eu acabei de terminar de pagar um empréstimo de R\$ 100 mil, que me ajudou a manter a empresa aberta no ano de 2020. O recurso, contratado pelo Banco do Nordeste, foi para realizar uma obra de ampliação do prédio e instalação de painéis de energia solar. Mas a obra acabou ultrapassando a ideia original e demos uma pausa”, explica.

Ele afirma que pesquisa antes de contratar empréstimos e verifica se há cobrança de altas taxas de juros pelos bancos, em geral. Outra questão observada por ele é o que chama de burocracia, com a necessidade

de apresentação de um projeto de aplicação de recursos. “É caro contratar um engenheiro para fazer o projeto para ainda solicitar o crédito, correndo o risco de não ser aprovado”.

Outro fator apontado pelo empresário é o cuidado com as condições de pagamento ao contrair empréstimo. “Tenho colegas que assinaram contrato tendo como indexador a taxa Selic, que, na época, estava baixa. Agora, eles quase não estão conseguindo cumprir sua obrigação por conta disto”. A taxa Selic é de 13,75%, atualmente.

R\$ 750 mi na Paraíba

O Banco do Nordeste aplicou aproximadamente R\$ 750 milhões, no primeiro semestre deste ano, para a indústria paraibana, entre empresas de todos os portes. O BNB oferece crédito de longo prazo – de até 20 anos em algumas linhas – com taxas diferenciadas – chegando a menos de 10% ao ano, em muitas delas.

Conforme a instituição, há linhas específicas para inovação, saúde e energias renováveis. A prioridade é para

as micro e pequenas empresas, mas são atendidos os empreendedores informais com o Crediamigo e também as grandes e médias empresas.

Inovação

Gricélia Pinheiro, da Ciage, afirma que as empresas que investem em inovação conseguem obter condições melhores de financiamento. “Por exemplo, se uma empresa quer investir em um processo produtivo que ninguém faça ou em um produto inovador, poderá conseguir taxas menores de juros”. Outra opção é a busca por editais específicos das agências de fomento ao crédito, que concedem ampliação do prazo de carência ou redução das garantias necessárias.

Para que o micro e pequeno empresário tenha as melhores condições ao seu negócio, a gestora recomenda procurar a orientação dos especialistas do Núcleo de Acesso ao Crédito (NAC), da Fiep.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) habilitou, em agosto, 40 instituições financeiras para operação do Pro-

“

O crédito existe, mas é preciso pesquisar as melhores condições de taxa de juros e prazo de financiamento

Gricélia Pinheiro

grama Emergencial de Acesso ao Crédito (FGI PEAC), entre agências de fomento, bancos de montadoras, cooperativas de crédito, bancos cooperativos, bancos privados e bancos públicos. A projeção é de garantir mais de R\$ 22 bilhões em crédito até o final de 2023.

As operações são para investimento ou capital de giro, entre R\$ 1 mil a R\$ 10 milhões.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

João Pessoa registra saldo positivo de empregos pelo sexto mês consecutivo

Apesar do aperto monetário que elevou a taxa de juros da economia para 13,75% ao ano, o emprego formal em João Pessoa continua crescendo. Na prática, quando a taxa básica sobe, os juros cobrados em financiamentos, empréstimos e no cartão de crédito ficam mais altos e isso desencoraja o consumo, reduzindo a atividade econômica.

Mesmo com os impactos da inflação no início do ano, o mercado de trabalho na capital paraibana registrou saldo positivo pelo 6º mês consecutivo em julho, com alta de 2,74% sobre o estoque do primeiro dia deste ano, acima da média da Paraíba (2,53%). No acumulado de janeiro a julho, João Pessoa acumula saldo positivo de 4.779 postos, diferença de 43.126 admissões contra 43.126 desligamentos. Além de julho (+461), os meses de fevereiro (+912), março (+569), abril (+863), maio (+1.122) e junho (+991) também registraram saldo positivo.

O desempenho positivo da capital paraibana segue em linha com o resultado nacional. Todos os setores tiveram saldo positivo, exceto o comércio (-127) que continua com dificuldade para reverter o saldo negativo acumulado (-601) de janeiro a julho de 2022. Sob o cenário de alta dos juros e inflação elevada, ficou evidente a perda do poder aquisitivo da população, que reduziu o consumo, afetando diretamente o comércio local. Com a queda da inflação acreditamos que a economia desse setor será reacendida, alcançando as demais atividades econômicas.

O setor de serviços registrou saldo positivo (+318), liderando o saldo de vagas do mês de julho. Com base nos dados do PIB municipal de 2019, divulgados pelo IBGE, aproximadamente 60% do valor adicionado bruto corresponde ao setor de serviços. Os outros três setores também criaram postos de trabalho em julho, a construção (+200), a indústria (+67) e a agropecuária (três).

Até julho deste ano, João Pessoa acumula um estoque total de 179.136 empregos formais, que representa o número total de vínculos com carteira assinada ativos contabilizados a partir da declaração do Novo Caged. Comparando com julho do ano passado, houve evolução de 8,36%. Esses números do estoque não incluem servidores públicos e trabalhadores autônomos mesmo com CNPJ. Vale destacar que o estoque atual é o maior registrado, desde o início da série histórica do Novo Caged, em janeiro de 2020.

A perspectiva para o fim de ano é positiva, com a chegada do Sol e as datas comemorativas, possivelmente, haverá elevação da demanda, aumentando a necessidade de mão de obra. Outro grande destaque é a copa do mundo, que, segundo o levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), deve movimentar R\$ 20 bilhões na economia brasileira.

GALERIA GAMELA

Espaço de encontro das artes na PB

Há mais de quatro décadas, a ousadia de um casal transformou-se num local respeitado da cena cultural paraibana



Thaden Rodrigues
thaden.rodriguez@gmail.com

Gamela. Uma vasilha de madeira ou de barro cujo formato tem o diâmetro maior que o fundo. Uma gamela armazena alimentos ou objetos. Devido à arquitetura do teto de um imóvel outrora existente na Rua Desembargador Souto Maior, no Centro de João Pessoa, Gamela foi o nome escolhido pelos idealizadores de uma galeria de arte que perdura mais de quatro décadas, cuja história se entrelaça e abarca a de diversos artistas paraibanos, contribuindo para a divulgação cultural da Paraíba para o mundo.

A Galeria de Arte Gamela foi inaugurada em maio de 1980 pelo casal Roseli e Altermir Garcia, recém-casados e amantes das artes visuais. A ideia sobre a criação da galeria ocorreu por acaso. Na segunda metade dos anos 1970, Roseli trabalhava como marchand (negociadora de arte) na galeria Expo Matex, que também vendia itens de decoração como tapetes, cortinas e lustres. Ela era noiva de Altermir, jornalista e estudante de psicologia na UFPB e, juntos, participavam da vida cultural de João Pessoa.

Foto: Ortilio Antônio



Ao lado do filho, Emi Garcia (esq.), Roseli Garcia lembra o início do sonho vivido com o marido, Altermir Garcia (acima), que deu origem à galeria



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Ortilio Antônio

“

A sobrevivência é uma incógnita. Esse amor pela arte e a educação que demos para nossos filhos é o melhor que temos a oferecer

Roseli Garcia

Quando a loja onde trabalhava mudaria de local e extinguiria o segmento de arte, a jovem ficou desolada. Já casada com Altermir e com um filho ainda bebê, Roseli sai de uma aula do curso de computação, em 1979, num sábado pela manhã, passa em frente a uma bela casa em reforma e o proprietário, seu conhecido, propôs alugar o imóvel para ela montar a galeria, em sociedade.

O imóvel com telhado em forma de gamela a encantou, e a marchand convenceu o marido da empreitada. O ambiente teria um bar, uma casa de chá e a galeria. “O aluguel era muito caro, mas aceitamos a proposta. Pedi demissão do meu trabalho e já começamos a planejar o ambien-

te e a visitar os ateliês dos grandes artistas”, conta Roseli, entusiasmada.

Foi o pintor Raul Córdola quem deu assessoria sobre quais artistas convidar para a exposição inaugural. Já o ceramista e pintor Miguel dos Santos fez a logomarca da galeria - a qual continua até hoje, e deu de presente ao casal. Sete artistas expuseram seus trabalhos: Flávio Tavares, Miguel dos Santos, Chico Santos, Crisólido, Chico Dantas, Roberto Lúcio e Sandoval Fagundes. A União esteve presente e fez a cobertura jornalística.

Paixão da infância

O amor pela arte vem desde a infância de Roseli Garcia. Entre

oito irmãos, ela cresceu em Barra de Santa Rosa, na Paraíba, em meio à casa de farinha do pai e a criação de animais. O grupo escolar onde estudava era em frente à praça, onde havia árvores podadas no formato de animais, o que a encantava.

“Minha mãe dizia que quem fizesse as tarefas escolares poderia escolher algo da feira. Eu sempre escolhi uma peça artesanal”, comenta. Ela afirma que a educação que recebeu foi graças à mãe. “Como não havia escola que ensinasse o que hoje é o Ensino Fundamental II, minha mãe foi visionária e teve a ideia de ir para Campina Grande, onde também achou pequeno, até que viemos para a capital”.

Locais mudam, mas sonho de divulgar a arte permanece

Três meses após a inauguração, os negócios não iam bem. Altermir e Roseli decidiram procurar outro lugar para a Galeria Gamela. “Subimos no Parque Solon de Lucena e vimos uma casa linda e centenária, na Avenida Almirante Barroso”, recorda Roseli. O aluguel também era caro e o proprietário não queria alugar para um casal de 20 e poucos anos. Mas o filho dele, Regis Cavalcante, que era artista plástico e arquiteto, garantiu que, se os inquilinos não pudessem pagar o aluguel, ele mesmo pagaria.

Nesta nova fase, o casal deci-

diu empreender por meio de consórcios. Era uma prática corrente da época em que as senhoras da sociedade iam aos ateliês dos artistas em turmas de 10 pessoas. O grupo pagava todo mês uma nota promissória e, ao final do prazo, a obra era sorteada entre o grupo.

A marchand começa a estudar artes visuais na UFPB e assistia às aulas com os dois filhos: “Um do lado e outro na barriga”, brinca ela. “Eu levava uma banheirinha para colocar o mais novo e o cobria. Quando tinha movimento cultural na cidade, eu ia com

os meninos, empurrando o carrinho de bebê”.

O reconhecimento do trabalho impulsionou os convites para realizações de exposições em outros estados. A fase áurea da galeria foi do final da década de 1980 e começo de 1990. Nesta época, foi inaugurada uma filial no Tropical Hotel Tambaú.

Roseli Garcia relembra uma exposição de um artista plástico alemão chamado Dieter Ruckhaberle, montada na Gamela. Com o sucesso, houve o convite para levar a exposição ao Museu de Arte Pierre

Chalita, em Maceió. “Eu fui dirigindo o carro, meu marido estava no carona e Dieter, no banco de trás”.

Para Roseli, o recebimento dos convites é um prêmio ao seu trabalho. “Levamos exposição para inauguração de galeria no Ceará e no Rio Grande do Norte. Nesta situação específica, convidamos o artista João Câmara para expor. Ele não pôde enviar obras porque estavam expostas em São Paulo, mas ele foi a Natal apenas para prestigiar nosso trabalho”.

A marchand recorda uma história inusitada envolvendo o ar-

tista plástico, Flávio Tavares. Ele estava com uma exposição na Gamela e levaria o trabalho para a Alemanha. Em razão da importância daquela viagem, Roseli acionou uma emissora de TV de alcance nacional, mas que ainda não tinha afiliada em João Pessoa. “A equipe veio de Recife fazer a cobertura, mas Flávio, nervoso, saiu da galeria quando a equipe chegou com toda a parafernália de equipamentos”, diverte-se Roseli, lembrando da situação. Em seguida, ela o convenceu sobre a entrevista e tudo correu bem.

Família e parcerias consolidaram uma entidade cultural

Quando Roseli ingressou no curso de Artes Visuais da UFPB, ela descobriu que muitos alunos não sabiam o que era uma galeria de arte e convidou um dos professores para levar os alunos a conhecer a Gamela. A partir daí, ela e o marido iniciaram um trabalho de arte e educação, divulgando a galeria nas escolas.

Neste contexto, o casal criou os três filhos no ensino da arte. O mais novo, Emi Garcia, começou a trabalhar na galeria aos 14 anos, e recentemente concluiu sua graduação em Artes Visuais, apresentando como trabalho de conclusão, as contribuições da Galeria Gamela na Paraíba. Atualmente, ele é marchand e curador do local.

Emi afirma que além de ajudar a desenvolver a carreira de diversos artistas, cujas trajetórias se misturam a da Gamela, há investimento

na educação e cultura, por meio de parcerias com museus e centros culturais, poder público, fundações e empresas privadas. “Nos tornamos uma entidade cultural e não apenas uma empresa. Acumulamos uma expertise nesse 42 anos e lidamos com nossos clientes e artistas de uma forma orgânica e parceira”.

O curador destaca que outras galerias abriram antes e depois da Gamela e fecharam em poucos anos. “Muitas galerias surgiram. Havia empresários com dinheiro para investir. Mas não se mantiveram. É preciso saber a arte de vender arte”, enfatiza. Ele comenta que a galeria chegou a ter 13 funcionários, no auge, um número obtido por poucas galerias Brasil.

Exposições e prêmios

Ao longo de 42 anos, a Galeria

de Arte Gamela realizou mais de 363 exposições e recebeu milhares de visitantes e clientes. Segundo Emi Garcia, o público médio é composto por profissionais liberais de classe média alta, mas ele garante que o local está aberto a todos.

A proprietária da galeria comenta que recebe clientes de diversos estados e países. “Há poucos dias, uma senhora canadense veio com seu filho comprar alguns quadros e me recordou que já havia visitado a Gamela há oito anos e que pretende voltar. Eu fiquei muito feliz”. Há pouco mais de 20 anos, Altermir e Roseli participaram de um festival organizado pelo governo do Estado de São Paulo para promover a cultura paraibana. “Fizemos contato com gente do mundo todo e houve quem viesse conhecer a Paraíba por conta desse evento”,

comenta Roseli. Desde então, a experiência da família já foi tema de reportagem de programa de TV sobre negócios, ao que ela reforça ser “a paixão pela arte”.

Homenagens

Em 2009, a galeria recebeu o Diploma de Honra ao Mérito da Assembleia Legislativa da Paraíba, pelos relevantes serviços prestados ao estado. Também recebeu da Casa de Epitácio Pessoa a Medalha Augusto dos Anjos.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), por meio do programa Cidades Criativas, gravou um documentário com a galeria, que será divulgado em breve. Já o Sebrae convidou os curadores para uma palestra sobre empreendedorismo no segmento da arte.

Em meio a tantos projetos e manifestações artísticas, a Gamela perdeu seu fundador, o senhor Altermir Garcia, que faleceu em 2019. A galeria ficou nas mãos de Roseli e seu filho, Emi. Para ela, a dedicação, o amor, a perseverança e a ligação com a arte continuam vivas.

“Tudo para mim tem sido de uma tremenda velocidade nesses 40 anos. A sobrevivência é uma incógnita. Esse amor pela arte e a educação que demos para nossos filhos é o melhor que temos a oferecer. Quero continuar fazendo meu trabalho de arte-educadora. Continuamos recebendo alunos e, às vezes, chegam uns bem novinhos. Uma vez, um me perguntou sobre Picasso e eu respondi que na Gamela não tem Picasso, mas que há artistas paraibanos e falei sobre cada um deles”, afirma Roseli Garcia.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Parque traz solução a demandas locais

De empresas abrigadas no PTHI podem vir caminhos para a transformação digital de serviços na Paraíba

Renato Félix e
Márcia Dementshuk
Assessoria SECVT

O 1º Simpósio de Governo Digital, realizado na terça-feira passada, em João Pessoa, mostrou estratégias e ações do Governo do Estado em direção a uma transformação digital sobretudo no atendimento ao cidadão. E como o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação pode contribuir com soluções gestadas dentro dele, através das empresas abrigadas, que tanto podem oferecer produtos e tecnologias que resolvam problemas que elas mesmas detectem ou desenvolver estas soluções a partir de demandas do próprio Governo.

“O Governo Digital é uma expressão para dizer que o governo vai buscar ferramentas contemporâneas para melhorar a sua gestão. ‘Ferramentas contemporâneas’ significa ferramentas ligadas à tecnologia de informação e comunicação”, conta Rubens Freire, secretário executivo de Ciência e Tecnologia, que apresentou uma comunicação sobre o Parque à plateia do evento. “O Parque abrigará empresas que têm esse perfil. E o que acontecerá? Essas empresas poderão ser contratadas ou demandadas pelo Governo para atender a essa demanda que o Governo tem”.

■ Simpósio mostrou estratégias e ações do Governo do Estado em direção a uma transformação digital, sobretudo no atendimento ao cidadão



O secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, participou do evento no Sebrae



O secretário executivo Rubens Freire destacou o Parque Tecnológico e a importância do Governo Digital

Fotos: Renato Félix

I Simpósio de Governo Digital

Acelerando caminhos digitais

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO GOVERNO DA PARAÍBA

“O Parque Tecnológico Horizontes de Inovação é muito importante porque ele vai trazer para João Pessoa plêiades que podem dar soluções para vários problemas, vários gargalos na área da transformação digital”, afirma Cláudio Furtado, secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia.

Assim, a própria empresa pode perceber que há um problema no atendimento de um serviço público qualquer e propor ao Governo uma solução. “O Governo pode concordar e querer comprar e adquirir. E outra coisa é o Governo demandar. O Preço da Hora, por exemplo, foi uma demanda do governo”, lembra o secretário executivo.

Essas soluções possíveis não se limitam ao horizonte do Governo Digital, mas podem resolver problemas nas mais variadas áreas. “Nós temos várias escolas que ficam em regiões de difícil acesso à água, que dessalinizam as águas de poços, entretanto ela ainda não é potável”, conta Freire. “Aí você precisa ter um sistema que torne aquela água potável. Isso é uma solução que uma empresa tem para um problema do Governo. O Governo compra ou não. Uma empresa dessas pode abrigar no âmbito do Parque Tecnológico uma unidade de pesquisa e desenvolvimento”.

■ O 1º Simpósio do Governo Digital foi realizado no auditório do Sebrae, em João Pessoa, pela Secretaria de Estado da Administração

Investimento estatal ajuda desenvolvimento

Para Rubens Freire, a presença do Estado demandando e inspirando nas empresas a busca por soluções que otimizem o funcionamento dos próprios governos é uma maneira de desenvolver as tecnologias, as empresas e o mercado – e que isso acontece no mundo todo. “Uma das formas de você alavancar uma empresa ou fazer com que ela prospere é garantindo o mercado. E nesses ambientes de parque tecnológico, empresas de risco, é comum o governo ser o garantidor do mercado. De que maneira? Contratando produtos e serviços”, explica.

Ele dá como exemplo uma das mais poderosas empresas aéreas do mundo. “Por exem-

plo, empresas aéreas como a Boeing vendem para quem?”, pergunta. “Para as forças armadas americanas. Com isso elas têm garantias de que o investimento feito trará algum retorno. Inovação é negócio de risco. E quem paga risco? Capital não corre risco, o Estado é quem corre risco”.

Os benefícios do investimento tecnológico para o Estado são facilmente perceptíveis através de dois temas na ordem do dia: o Programa Nacional de Imunização e o sistema de votação brasileiro. “O Programa Nacional de Imunização é padrão para o mundo, e isso demonstra que há um modelo de gestão sofisticada e contemporânea

para atender também necessidades da cidadania. O processo de eleição do Brasil é padrão para o mundo. É uma dimensão do Estado em que ele se aperfeiçoou, aplicando em desenvolvimento científico e aporte técnicos”.

Para ele, isso fez com que empresas brasileiras atingissem maturidade. “Quando o Estado brasileiro resolveu comprar urna eletrônica, ele comprou numa empresa. Quando resolveu comprar ventiladores pulmonares, ele comprou a uma empresa brasileira. Isso fez com que a empresa consolidasse seu portfólio técnico”, avalia. “A China fez isso, os EUA e a França fazem isso”.

“

Uma das formas de você alavancar uma empresa ou fazer com que ela prospere é garantindo o mercado

Rubens Freire

Objetivo é otimizar e agilizar a comunicação

O 1º Simpósio do Governo Digital foi realizado no auditório do Sebrae, em João Pessoa, pela Secretaria de Estado da Administração. Em 2019, foi publicado o decreto 41.507/21, estabelecendo os fundamentos do Governo Digital da Paraíba, um marco importante nesse processo. “A partir daí, sim, a gente criou normas, planos e estratégia de uma transformação digital de fato”, explicou Jaqueline Gusmão, secretária de Estado da Administração.

Ela conta que, antes, haviam ações isoladas, sem um acompanhamento central. “Cada órgão tinha um entendimento do que precisava fazer e hoje nós temos uma visão macro da coisa, acompanhamos através da Diretoria de Modernização da Gestão, que foi criada também recentemente. Essa diretoria é que vai acompanhar todos os planos de transformação digital dos órgãos”, conta ela.

Os técnicos dos órgãos receberão orientação dessa diretoria para consolidar os seus pla-

nos de transformação digital para, numa segunda etapa, colocar os planos em prática. “Então é um outro conceito”, avalia. “Hoje a gente tem um planejamento, sabe onde quer chegar. Sabe que precisa a melhoria dos processos para que a gente não só digitalize o que já tinha. Então a gente precisa estudar os processos, eliminar os gargalos para, a partir daí, tornar digital essa comunicação com o cidadão, que é o nosso maior objetivo. Que o cidadão tenha uma comunicação com o Governo facilitada e agilizada”.

A ideia é chegar ao ponto em que o cidadão que precise de algum serviço do Governo entregue sua demanda e receba sua resposta em precisar ir ao órgão. “É um processo bastante trabalhoso, mas a gente tem consciência de que é necessário fazer”, diz a secretária. “E isso é um processo contínuo, não termina nunca, porque a cada dia novas tecnologias e novos serviços surgem.”

Compartilhamento de informações no governo

“Esse simpósio é muito importante para, primeiro, ver boas práticas que existem em outros locais”, avalia Cláudio Furtado. “E fazer uma interação para que a gente possa cada vez mais melhorar nessa direção do Governo Digital. Nós temos que ver e aprender com o que está sendo feito para ou mantermos o rumo, ou corrigir a direção de algum projeto”.

Para ele, o evento tam-

“

Esse simpósio é muito importante para ver boas práticas que existem em outros locais

Cláudio Furtado

bém foi importante para que as informações sejam distribuídas dentro do próprio Governo. “É também uma maneira de você socializar dentro do próprio Governo ações que estão sendo desenvolvidas. Às vezes alguma secretaria ao lado precisa daquela solução e não sabe que aquilo está à mão e desenvolvida por um parceiro do próprio Estado”.

No âmbito da educação,

além de equipar as escolas, há também a preparação dos servidores. “Nossa preocupação, além do ponto de vista da infraestrutura, é também o investimento na questão da formação, do letramento digital dos próprios servidores da educação – no caso, os professores e técnicos administrativos. Para que cada vez mais a gente possa dar resposta e diminuir esse hiato”.

ANIMAIS SILVESTRES

Tráfego diminuiu, mas ainda preocupa

Ibama, Sudema e secretarias municipais fazem trabalho conjunto de resgate e apreensão de animais na PB

Sara Gomes
saragomesreporteraniao@gmail.com

O furto de 13 animais silvestres no Parque Zoológico Arruda Câmara (Bica), ocorrido na madrugada do dia 1º de setembro, no bairro do Róger, em João Pessoa, trouxe à tona o crime ambiental relacionado ao tráfico de animais silvestres. O hábito de retirar animais silvestres de seu habitat natural, no entanto, começou na colonização do Brasil, quando os portugueses levavam animais da fauna brasileira como *souvenir* para a Europa. Essa prática se popularizou e passou a ser comercializada. O tráfico de animais silvestres tornou-se um dos negócios ilegais mais lucrativos do mundo, movimentando US\$ 2 bilhões por ano.

O Brasil se destaca nesse tipo de tráfico pela grande biodiversidade que possui. Na Paraíba foram resgatados 3.639 animais silvestres e apreendidos 2.563 em 2021. Já no primeiro semestre de 2022, 1.383 animais foram resgatados e 885 apreendidos pelo Batalhão de Polícia Ambiental da Paraíba (BPAMB).

As aves são as mais visadas por este comércio, especialmente os psitacídeos (papagaios, maracanãs, araras e afins). No entanto, também são vítimas do tráfico peixes ornamentais, répteis (cobras e lagartos), primatas (macacos e saguis). Já algumas espécies de aranhas também são muito procuradas no tráfico internacional porque liberam substâncias que são utilizadas em insumos farmacológicos. Em menor escala, felinos e outros mamíferos. De maneira geral, as espécies que interagem com humanos, mais raras e ameaçadas de extinção são as mais cobiçadas no tráfico internacional.

De acordo com o superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Dallys Henrique de Andrade, o tráfico de animais silvestres tem diminuído nos últimos anos devido ao trabalho em conjunto dos órgãos ambientais Ibama, Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) e secretarias municipais. “O trabalho em parceria tem apresentado um resultado bastante positivo no combate a crimes de tráfico de animais silvestres, desmatamento ilegal e outros”, analisou. O Ibama tem feito um trabalho de fiscalização e apreensão de animais silvestres que, muitas vezes, estão em situação precária. O superintendente afirma que o órgão realiza um trabalho de educação ambiental por toda a Paraíba a fim de coibir o comércio ilegal de animais. “Sobre os animais silvestres, o Ibama, em parceria com o Batalhão ambiental, tem realizado um trabalho fechando várias feiras clandestinas por toda a Paraíba”, declarou.



Foto: Arquivo pessoal/Andreza Amaral

Algumas famílias criam ou até colecionam animais silvestres, prática que é uma herança cultural europeia e que já deveria estar extinta, prega ONG

Penas para infratores são brandas, queixa-se bióloga

Em cidades do interior é muito comum visualizar gaiolas com aves silvestres penduradas nas varandas das casas e até mesmo em comércios. A bióloga Andreza Amaral, que também é integrante da Animallia Ong Ambiental, afirma que, na maioria das vezes, não são aves legalizadas e, se são, não

tem permissão de passeio. “Falta educação ambiental nas pessoas, por isso o trabalho dos órgãos ambientais e ongs é tão necessário. Colecionar animais silvestres é uma herança cultural europeia, um ciclo que já passou do tempo de ser quebrado. A ambição do homem por dinheiro trouxe e ainda trará prejuízos

ambientais incalculáveis”, lamentou.

Em vários pontos da legislação brasileira, a caça e o comércio predatório de animais silvestres são tipificados como crime ambiental (art. 1º da Lei nº 5.197/67; art. 29 da Lei nº 9.605/98; Decreto 6.514/08; e os arts. 23 e 225 da Constituição Federal de 1988). No

entanto, conforme relatório da Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (RENCTAS), cerca de 38 milhões de animais são retirados da natureza por ano no Brasil.

Na opinião da bióloga Andreza Amaral, especialista em aves, mesmo com toda essa legislação, as penalidades ainda são muito

brandas para os infratores, o que acaba permitindo a perpetuação da prática. “Quando os órgãos competentes pegam em flagrante um cativado de animais, por exemplo, muitas vezes, conseguem dar perdimento dos bens móveis ou imóveis relacionados ao crime. Isso já é um avanço”, informou.



Fotos: Arquivo pessoal/Andreza Amaral

Atuação do Batalhão Ambiental da Paraíba envolve captura e resgate

■ Não importa se o animal está sendo bem tratado. A lei proíbe o cativado de qualquer forma

No que se refere a animais silvestres, o trabalho do Batalhão Ambiental da Paraíba envolve duas vertentes: a captura e o resgate. A captura ocorre quando os animais estão fora do seu habitat natural, mas soltos. Um

exemplo são os répteis, que têm o sangue frio. Em tempos menos ensolarados saem de seu habitat natural e vão para locais mais quentes para se aquecer.

Outra vertente do Batalhão é o trabalho de resgate. Ele ocorre quando o animal está preso, sem chance de fuga. A descoberta deste crime é feita quando há denúncia ou através de busca e levantamento realizados pela equipe do Batalhão. Tanto para o caso da captura quanto para o de resgate a população pode acionar o número 190.

Mesmo que o animal silvestre seja bem tratado em um domicílio, o chefe do se-

tor de comunicação social do Batalhão Ambiental, capitão Ítalo Fernandes esclarece que se o responsável pelo animal não tiver registro do órgão ambiental, está cometendo crime. “Não importa se o animal está sendo bem tratado. Se estiver ilegal, seguimos o que diz a lei. As multas podem variar de R\$ 500 a R\$ 50 milhões”, declarou.

Após o resgate, a equipe avalia a condição de cada bicho. Os saudáveis são soltos na natureza, mas os machucados ou em cativeiro por muito tempo são levados para o Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) para serem reabilitados.

Denuncie

■ Como denunciar um crime ambiental?

O Linha Verde é o telefone de denúncia do Ibama. É dele que vem a maior parte das denúncias. Em muitos casos, são confirmados crimes de cativado de animais silvestres. A população pode ajudar denunciando através do telefone 0800 061 8080.

■ O que fazer se encontrar um animal silvestre?

Se alguém encontrar um animal silvestre em zona rural ou urbana deverá ligar para o 190 da Polícia Militar. O Centro Integrado de Operações (CIOP) encaminhará a demanda para o Batalhão da Polícia Ambiental.

A orientação da Polícia Ambiental é que o solicitante evite qualquer contato físico com o animal, para não causar estresse e ocorrer um acidente. Outra dica é sempre manter sob vista o animal para indicá-lo à guarnição, quando esta chegar ao local para fazer o resgate mediante o uso de instrumentos e técnicas apropriados.



Foto: Myles BA

Pássaros estão entre os animais preferidos para o



Foto: Myles BA

Muitas das aves morrem em cativeiro por maus-

EM SAPÉ Inclusão social pelo futebol

Escolinha de futebol integra crianças, adultos e até pessoas idosas em Sapé com o Instituto Avançar



Foto: Divulgação/Instituto Avançar

Escolinha formada por dois cariocas que “adotaram” a cidade de Sapé atende crianças e adolescentes carentes

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Há cerca de cinco anos, dois cariocas em Sapé estavam em dúvida se retornariam ao Rio de Janeiro, quando decidiram permanecer na Paraíba e iniciar um trabalho de inclusão social, que hoje serve de referência, não só para o estado, mas também para o próprio país. Nascia ali o Instituto Avançar E.C, que hoje já atende a cerca de 250 crianças e 70 adultos, através de uma escolinha de futebol para garotos carentes dos 2 aos 18 anos e aulas de funcional para adultos de todas as idades.

O trabalho começou com o treinador Admilson, que veio à Paraíba dirigir o time sub-19 do Botafogo, em João Pessoa, onde foi campeão paraibano em 2016. Logo depois, ele recebeu o convite para dirigir o Confiança em Sapé, onde também foi campeão paraibano. Lá, o treinador via sempre alguns garotinhos carentes pedindo para treinar também.

“Eu nunca tive facilidade para dizer não, e resolvi dar uma bola para quatro garotinhos que pediam para brincar, durante o treino do Confiança. Quando terminou o treino, eles pediram para ser treinados por mim. Aí decidi treiná-los antes do treino do clube. No outro dia, eles trouxeram mais três garotos, e em três dias, apareceram 20 garotinhos. Pouco tempo depois resolvi fundar o instituto e chamar o excelente fisioterapeuta David para me ajudar. Ele tinha vindo para a Paraíba com a família, que

retornou ao Rio, e ele ficou para estudar na universidade. Já o conhecia e sabia do seu caráter e da grandeza de ser humano que ele era. Eu queria ir embora, mas as crianças insistiam para eu continuar este trabalho e novamente não soube dizer não, mesmo que isso não trouxesse nenhuma vantagem financeira. O amor à cidade e ao próximo falou mais alto”, disse o treinador.

“

Nós não queremos apenas formar bons atletas, mas também, e principalmente, formar cidadãos

David Júnior

Atualmente, os dois prosseguem com o trabalho no Centro de Convivência, cedido pela Prefeitura Municipal de Sapé. A garotada treina nas terças, quartas e quintas, nos dois expedientes, e no sábado pela manhã no Estádio Tadeuzão. O trabalho vai muito além de apenas ensinar futebol para a garotada. O Capes de Sapé também envia garotos especiais com problemas como autismo, por exemplo, para um processo de inclusão social com os outros meninos.

“Nós não queremos apenas formar bons atletas, mas também, e principalmente, formar cidadãos. Tudo é de graça, mas para participar os garotos têm de estar estudando, ter boas notas e bom comportamento em casa com a família. Além do futebol, nós temos a ajuda de duas professoras, Nelvira e Célia Regina, que dão reforço escolar e aulas

Apesar da grandeza do trabalho, que tira as crianças da marginalização, da violência das ruas e das drogas, num processo de inclusão social, Admilson e David não têm, até o momento, nenhum apoio financeiro e tiram do próprio bolso para pagar as despesas com bolas, uniformes, material de treinamento, etc. A ONG já está toda regularizada para

mente o Robinho, como é conhecido aqui em Sapé, para o Barcelona do Rio de Janeiro e ele vai estreiar este mês na equipe sub-20, no Campeonato Carioca. Mandamos também outras crianças para o São Gabriel do Rio Grande do Sul. Porém quero deixar claro que não somos empresários e não ganhamos nada com isso. Apenas encaminhamos os garotos para que tenham um futuro melhor na vida e tentem vencer no futebol. Estamos inclusive em contato com Marcão, pai de Gerson que jogou no Flamengo e está no futebol da França, para enviar novos talentos para o Rio de Janeiro”, adiantou David.

No momento, os times formados na escolinha participam apenas das competições disputadas em Sapé, mas a partir do próximo ano, a ONG vai se inscrever na Federação Paraibana de Futebol, para disputar os campeonatos paraibanos sub 13, sub 15 e Copa Paraíba.

Trabalho com os adultos

Além do trabalho com as crianças, o Instituto Avançar também atende a muitos adultos. Segundo o fisioterapeuta David Junior, esse trabalho começou porque alguns pais dos alunos se queixavam muito de dores articulares, obesidade, pressão alta, diabetes e outros problemas de saúde. A partir daí, o instituto iniciou um trabalho de funcional voltado principalmente para os mais idosos. De início, participaram sete pais, hoje esse número passou para 70, incluindo aí alguns



Foto: Divulgação/Instituto Avançar

Técnico Admilson, o atleta Robinho e o fisioterapeuta David

de inglês, on-line. Além disso, estamos fazendo lives com treinadores e personalidades importantes do esporte nacional, que fazem palestras para a garotada. Numa delas, tivemos recentemente a participação do técnico do Flamengo, Dorival Junior, que falou para eles sobre como é o mundo do futebol”, acrescentou David.

receber apoios privados ou públicos, mas até agora, isso não aconteceu.

Revelação de talentos

Do ponto de vista técnico, o trabalho com as escolinhas de futebol já começa a colher os primeiros frutos e alguns garotos foram encaminhados para clubes de futebol de outras regiões do país. “Enviamos recente-

mais jovens. As aulas são sempre no início da manhã, e alguns inclusive participam de reforço escolar, para aprender o que não aprenderam na infância.

Parceria

O fisioterapeuta da equipe multiprofissional do Município de Sapé, David Junior, de 32 anos, e o professor de Educação Física da Escola Municipal Catharina Giralde, Admilson Faustino, de 64, se encontraram em um ônibus, que ia com destino a João Pessoa. Logo o papo entre o então técnico do Confiança e o ex-jogador do Madureira do Rio fluiu sobre uma paixão de ambos, o futebol. Aí começaram as coincidências, com ambos sendo do Rio de Janeiro e um dos filhos do treinador, que hoje joga na Alemanha, tinha jogado com David no futebol do Mato Grosso do Sul. A partir desse papo, surgiu uma amizade que culminou com uma parceria e depois uma sociedade, que fundou e transformou o instituto em uma ONG.

“Foi uma grande coincidência, porque o ônibus em que vinha Admilson quebrou e ele teve de apanhar o ônibus em que eu vinha, e o único lugar vazio era justamente ao meu lado. São as coisas de Deus, que começava a nos preparar para uma missão. Estamos juntos, e apesar das dificuldades, não pensamos em largar nosso trabalho de amor ao próximo. Pelo contrário, pensamos em conseguir apoio e aumentar ainda mais o número de pessoas que hoje ajudamos”, disse David.

NOS ESTÁDIOS

Tecnologia contra ação dos cambistas

Clubes buscam modernizar sistema de ingressos para diminuir falhas nos sistemas e dificultar irregularidades

Agência Estado

Problemas envolvendo venda de ingressos irregulares e dificuldades de acesso aos estádios, principalmente em jogos de grande apelo, fazem parte da realidade do futebol brasileiro. Para combater a atuação de cambistas e melhorar a entrada dos torcedores, os clubes apostam no desenvolvimento de novas tecnologias, capazes de diminuir falhas nos sistemas e dificultar ações ilegais.

Neste mês, o Palmeiras divulgou um comunicado sobre a venda irregular de ingressos no entorno do Allianz Parque. Na nota, o clube disse que estuda soluções tecnológicas para combater práticas ilegais, como biometria, reconhecimento facial e modernização do ticket eletrônico. O Alviriverde também anunciou que expulsou 200 cambistas que se passavam por sócios-torcedores do programa Avanti, ao investigar que eles obtinham vantagens na compra e revenda dos bilhetes.

Corinthians, Palmeiras e São Paulo já possuem o bilhete digital e permitem a entrada de torcedores por meio das carteiras de sócio e QR Codes. Contudo, ainda há relatos de problemas envolvendo a comercialização de ingressos por parte dos próprios sócios, que “emprestam” as suas carteirinhas, além de dificuldades envolvendo a identificação dos torcedores nas catracas dos estádios.

Nos últimos dias, o Flamengo também deu um passo importante para dificultar a prática do cambismo no futebol. Em reunião com o Ministério Público, demonstrou interesse em



Palmeiras divulgou um comunicado sobre a venda irregular de ingressos no entorno do Allianz Parque e segue buscando alternativas para coibir práticas ilegais

voltar a utilizar e-ticket em vez do ingresso físico, prática que vinha sendo adotada até então.

No Rio Grande do Sul, o Internacional migrou do ingresso holográfico para o digital, um e-ticket com QR Code estático, aumentando a praticidade na aquisição dos bilhetes. Apesar de facilitar a vida da torcida, o clube identificou um aumento no índice de falsificação e precisou desenvolver mecanismos tecnológicos para bloquear ações criminosas, como o repasse por valores

bem mais acima dos praticados no mercado.

“Migramos para o ingresso digital e, infelizmente, constatamos um aumento significativo no número de falsificações. Com isso, passamos a barrar muitas pessoas nas catracas, o que ocasionou um retardamento grande na vazão dos torcedores ao interior do Beira-Rio. Alertamos a torcida por meio das nossas redes sobre os riscos de comprar ingressos fora do sistema de vendas oficial, e a nossa equipe de TI montou uma

operação para bloquear essas ações criminosas. Uma das medidas foi a de cruzar os dados do comprador com os da Receita Federal no momento da emissão dos E-tickets”, afirma Victor Grunberg, vice-presidente de administração e patrimônio do Internacional.

Ainda de acordo com o dirigente, mesmo com a facilidade para falsificações, o objetivo do clube gaúcho é aprimorar a segurança em relação aos ingressos digitais e modernizar cada vez mais o processo de entrada

dos torcedores. “Acreditamos que o QR Code dinâmico nos permitirá uma maior segurança em relação a aplicativos e ao digital, e este recurso, junto com a carteira digital, é o que teremos em um futuro bem próximo no Beira-Rio”, completa.

Na opinião de René Salviano, especialista em gestão esportiva e CEO da Heatmap, empresa que tem realizado algumas iniciativas focadas em arenas, a venda digital é mais segura do que bilhetes em papel e ajuda a combater práticas

cambistas. “Papel facilita o cambismo, enquanto a venda digital traz segurança, reduz custos, ajuda a operação e obviamente gera dados automáticos e rápidos, que podem trazer muitos benefícios aos administradores das arenas e instituições desportivas”, defende. “A tecnologia pode ser utilizada inclusive com o foco em segurança, auxiliando na identificação dos indivíduos presentes no evento com o intuito de diminuir os índices de violência nos estádios”.

Para empresário, é preciso garantir “boa experiência”

De acordo com Samuel Ferreira, CEO da Meep, empresa de soluções tecnológicas para meios de pagamento que prestou serviços ao Allianz Parque, ao Mineirão, e será responsável por todo o sistema de atendimento e pagamentos da Arena MRV, futuro estádio do Atlético-MG, facilitar o consumo em um negócio é essencial para fidelizar clientes e atrair novos consumidores. É por isso que, mais do que nunca, as instituições precisam garantir que o processo de venda seja seguro e eficaz, além de lícito.

“Antes de tudo, é necessário conhecer as opções que melhor se adaptam às necessidades do cliente, o torcedor. Já surgiram inúmeras novidades no mercado que garantem segurança tanto para o consumidor quanto para o empresário. Garantir uma boa experiência na hora da compra é tão importante quanto o evento em si”, ressalta Samuel.

Para o executivo, cada evento tem sua particularidade, exigindo estratégias diferentes. “É possível criar

soluções exclusivas que atendam à demanda do projeto. Com tantas facilidades digitais hoje, o público tende a deixar antigos hábitos de lado para aderir a soluções mais práticas, inovadoras e, sobretudo, seguras”.

No Recife, o Sport tem promovido algumas mudanças estruturais e de inovação relacionadas a entrada dos torcedores no estádio, e isso já tem trazido efeito prático com agilidade de acesso aos jogos do time na Série B. “O torcedor é o nosso cliente e temos de facilitar sua ida ao estádio. Essa é uma preocupação constante da nossa gestão e a tecnologia pode ajudar. Precisamos tratar o torcedor bem para que ele sinta prazer de ir ao estádio, volte outras vezes e o clube até possa ter uma previsibilidade de sua chegada. A vida é muito corrida, então poder utilizar um app, por exemplo, para pagar um estacionamento, comprar um ingresso ou um lanche, com certeza torna a ida ao estádio mais agradável e prática”, analisou Yuri Romão, presidente do clube pernambucano.



O presidente do Sport Recife, Yuri Romão, defende o uso da tecnologia para conter a ação dos cambistas e ingressos falsos

Foto: Anderson Stevens/Sport

JOGOS SUL-AMERICANOS

Brasil com time forte em Assunção

Delegação brasileira no Paraguai conta com oito medalhistas olímpicos e, ainda, 21 em campeonatos mundiais

“

O objetivo sempre foi formar a delegação mais forte possível diante do calendário internacional

Sebastian Pereira

Os Jogos Sul-americanos Assunção 2022 começam no próximo sábado, e o Time Brasil já está formado. Ainda é possível fazer alterações por questões médicas, mas uma análise dos 464 atletas na lista atual permite afirmar que a delegação organizada pelo Comitê Olímpico do Brasil (COB), junto com as Confederações Olímpicas de cada modalidade, está muito forte. Serão nada menos que oito medalhistas em Jogos Olímpicos e 21 em campeonatos mundiais.

“O objetivo sempre foi formar a delegação mais forte possível diante do calendário internacional das modalidades. E a inscrição final permite dizer que cumprimos o objetivo. O Time Brasil vai muito bem representado para retornar ao topo do quadro de medalhas, um dos nossos objetivos na competição”, disse Sebastian Pereira, chefe da missão.

Dentre os oito medalhistas olímpicos, Felipe Wu (tiro esportivo), Bárbara Seixas (vôlei de praia), Arthur Nory e Arthur Zanetti (ginástica artística) e Erlon Souza (canoagem velocidade) estiveram no pódio na Rio 2016 e Ana Marcela Cunha (águas abertas) e Abner Teixeira (boxe) conquistaram suas láureas em Tóquio 2020. Isaquias Queiroz (canoagem velocidade) é o único a conquistar medalha nas duas últimas edições.

“Daqui uns dias estarei em Assunção, vai ser muito bom competir com os atletas sul-americanos e ajudar a estimular o nosso esporte. Sei que teremos muitos atletas que serão destaque no futuro assim como eu sou. Então, acho legal participar e transformar a nossa competição em uma boa festa na água”, disse Isaquias, dono de quatro medalhas olímpicas.

Foto: Ricardo Bufalini/CFB

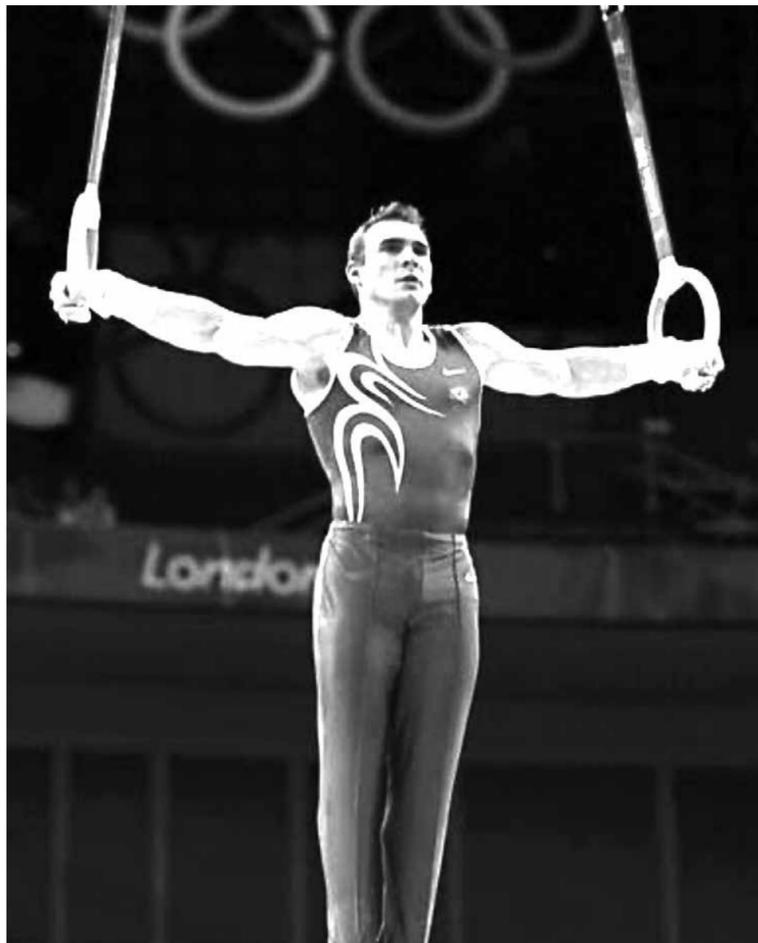


Foto: Miriam Jeske/COB

O ginasta Arthur Zanetti e Ana Marcela (águas abertas), medalhistas olímpicos, são esperanças de pódio nos Jogos Sul-Americanos

Espaço para a nova geração do esporte

Os medalhistas em campeonatos mundiais são 21, 17 deles em provas olímpicas: Ana Marcela Cunha (águas abertas); Leticia Oro (atletismo); Carol “Naka” Almeida (boxe); Ana Sátila e Pepê Gonçalves (canoagem slalom); Isaquias Queiroz e Erlon Souza (canoagem velocidade); Nathalie Moellhausen (esgrima); Arthur Nory e Arthur Zanetti (ginástica artística); Ana Paula Rodrigues (handebol); Gabriel Santos (natação); Milena Titoneli (taekwondo); Marcus D’Almeida (tiro com arco); e Ana Patrícia, Bárbara Seixas e Duda Lisboa (vôlei de praia). Keno Marley (boxe), Felipe França (natação), Paulo Ricardo e Icaro Miguel (taekwondo) são os medalhistas mundiais em provas não olímpicas que estarão em Assunção 2022.

“Estou feliz de estar participando, porque eu nunca lutei essa competição. Sou líder do ranking mundial, mas é um título que me falta. Venho de grandes eventos, do Campeonato Pan-americanos que fui ouro, de várias participações no Circuito esse ano. Me sinto feliz pela participação, pela convocação e em polgado por acreditar que é pos-

sível trazer um bom resultado”, disse Icaro, número um do mundo na categoria até 87kg.

Mas além dos grandes nomes, há espaço também para a nova – e para a novíssima geração – do esporte brasileiro. Os mais novos da delegação são Laura Silva, do squash, e Hussein Daurich, do tiro esportivo, com 14 anos. Alguns dos mais jovens em Assunção, já tiveram destaque nos pan-americanos júnior Cali 2021 e estão com as vagas garantidas em Santiago 2023, como são os casos dos nadadores Stephanie Balduccini e Breno Correia e do patinador de velocidade Guilherme Abel Rocha. Agora buscam dar o próximo passo numa competição adulta.

“Estou com grandes expectativas para a competição, me sentindo muito bem fisicamente e acredito que vai ser mais um grande passo nesse período de transição da categoria Junior para a Principal. Será um campeonato muito forte, mas estou fazendo uma excelente preparação e sei que tenho grandes chances de alcançar bons resultados”, disse o jovem de 19 anos.

“Correr um evento grande com grandes atletas me parece ser bem desafiador, mas, com certeza, será uma experiência muito positiva. Estou disposto a dar o máximo de mim pra disputar com os melhores”, completou Guilherme, classificado para Santiago 2023 nos 200m contra o relógio e nos 500m.

Histórico

Assunção 2022 será a 12ª participação brasileira em Jogos Sul-Americanos, que está presente desde a primeira edição, em La Paz 1972, quando a competição ainda era chamada de Jogos do Cruzeiro do Sul. O COB levará 468 atletas de 45 modalidades para a capital paraguaia. Essa é a maior delegação do Time Brasil no ciclo olímpico. A expectativa é voltar a liderar o quadro de medalhas, depois de ter ficado na segunda colocação, atrás da Colômbia, na edição de Cochabamba, na Bolívia, em 2018.

O Brasil liderou o quadro de medalhas, na edição do Brasil em 2002, e em Santiago 2014. Na edição realizada em Belém, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo há 20

anos, o Time Brasil conseguiu o recorde de ouros: 146. Já o recorde de medalhas, foi conquistado na edição de Medellín 2010, com 355. Fora de casa, esta edição também foi a que o Brasil conquistou mais ouros: 133. Na última edição, em Cochabamba, a delegação brasileira faturou 204 pódios (90 de ouro, 58 de prata e 56 de bronze) e ficou na segunda colocação no quadro de medalhas.

“

Estou feliz de estar participando, porque eu nunca lutei essa competição, é um título que me falta

Icaro Miguel

Foto: Divulgação/CBV



Foto: Wikipédia

Bárbara Seixas, no vôlei de praia, e Isaquias Queiroz, na canoagem, chegam a Assunção como favoritos nas suas modalidades e podem ajudar o Brasil a liderar quadro de medalhas

SELEÇÃO BRASILEIRA

Tite tem 85% do grupo que vai ao Catar

No total, 45 jogadores estão no radar e 26 serão convocados dia 7 de novembro para buscar o sexto título mundial

Ricardo Magatti
Agência Estado

A menos de dois meses para o início da Copa do Mundo, Tite tem cerca de 85% do grupo que embarca para o Catar definido com o propósito de buscar o hexa, segundo contou ao Estadão recentemente. Embora parte significativa da lista esteja encaminhada, com nomes garantidos como Neymar, o craque dessa geração, há vagas importantes a serem preenchidas, sobretudo no ataque, setor em que a briga é mais acirrada.

Hoje, são 45 jogadores no radar de Tite. Destes, 26 serão convocados no dia 7 de novembro. A maior parte do elenco já está definida, mas ele tem de quebrar a cabeça para escolher, principalmente, quais serão os convocados para a zaga, laterais e ataque, setores em que moram as principais dúvidas por motivos diferentes. Nas laterais, são poucas as opções. No ataque, sobram alternativas.

Daniilo está garantido de um lado e Alex Sandro, do outro. Resta, portanto, um lugar para a lateral-direita e outro para a esquerda. Daniel Alves e Emerson Royal lutam para serem escolhidos na direita e Alex Telles e Renan Lodi são os oponentes pelo posto na esquerda. O canhoto Guilherme Arana era outro forte candidato, mas sofreu lesão grave e só volta a jogar em 2023.

Na defesa, resta um zagueiro para se juntar a Marquinhos, Thiago Silva e Éder Militão, este que também pode atuar na lateral direita. Lucas Veríssimo era o favorito para ocupar o posto, mas tem de provar para Tite que está plenamente recuperado da grave lesão do joelho direito, cujos ligamentos ele rompeu em novembro de 2021. No cenário atual, Gabriel Magalhães, dada a frequência nas convocações, é quem tem mais chances de subir no avião rumo à primeira Copa no Oriente Médio.



Fotos: Lucas Figueiredo/CFB

No sistema defensivo residem as maiores dúvidas para o técnico Tite, do lado direito e esquerdo, antes do anúncio da lista final em novembro

Ampliação da lista é alento para o técnico

“

Têm muitos atacantes, outros que chegaram agora e foram convocados pela primeira vez, mas isso é uma concorrência boa

Antony

A ampliação da lista de 23 para 26 nomes permitida pela Fifa foi um alento para Tite, que avisou que vai privilegiar o ataque, convocando dois atletas a mais para o setor. A outra vaga pode ser ocupada por um defensor ou um meio-campista. Nem mesmo o treinador tem essa resposta até porque ele e sua comissão técnica estão abertos a surpresas, positivas, como o surgimento de uma nova promessa, ou negativas, em caso de lesão.

“Ninguém sabe o que vai acontecer nos dez dias de preparação. Às vezes um atleta tem uma lesão ou se apresenta num condicionamento que não é o melhor. Eles sabem disso e a coisa rola naturalmente”, explicou ao Estadão Cléber Xavier, auxiliar de Tite, do qual é parceiro há mais de duas décadas.

Hoje, Gabriel Martinelli, Matheus Cunha, Pedro e Roberto Firmino correm por fora para preencher essas duas vagas a mais no ataque. Dos cinco, Matheus Cunha está, no momento, no fim da fila, considerando seu desempenho no Atlético de Madrid. Martinelli vive boa fase no Arsenal, Pedro está em seu auge no Flamengo e Firmino reconquistou seu espaço no Liverpool.

Antony, Gabriel Jesus, Neymar, Raphinha, Richarlison e Vinicius Junior viajarão ao Catar. É muito improvável que algum deles fique fora da lista final. Todos mostraram evolução durante o ciclo para o Mundial e quatro deles - Antony, Gabriel Jesus, Raphinha

e Richarlison - mudaram de clube nesta temporada.

Vinicius Junior continua sua jornada de destaque, com gols, passes, dribles e danças na Espanha, dando resposta aos ataques racistas que tem sofrido. A tendência é de que Rodrygo, companheiro de Vini no Real Madrid, também esteja na relação final.

“Têm muitos atacantes, outros que chegaram agora e foram convocados pela primeira vez, mas isso é uma concorrência muito boa, a gente sabe que não tem cinco, seis ou sete atacantes, mas, sim, vários”, constatou Antony, que trocou o Ajax pelo Manchester United.

Meio de campo

O meio de campo está praticamente definido. É certo que Casemiro, Fabinho, Fred, Bruno Guimarães, Lucas Paquetá e Philippe Coutinho estarão na Copa. No entanto, a comissão técnica não descarta convocar mais um atleta para o setor.

Éverton Ribeiro, do Flamengo, tem sido convocado com frequência e corre na frente nessa disputa. Daniilo, jovem do Palmeiras, vive declínio técnico justamente depois de ter tido uma chance na seleção, mas também é um nome cogitado. Os outros são Arthur, agora no Liverpool, e Douglas Luiz, do Aston Villa.

Neymar

Neymar começou a temporada pelo Paris Saint-Germain em grande fase, com o brilho que não mostrou na temporada anterior, e pretende liderar o Brasil no Catar. O craque brasileiro tem 11 gols e oito as-

sistências em 11 partidas. Ele é o artilheiro do campeonato francês, com oito bolas na rede, uma à frente de Mbappé, além de ser o atleta com mais participações decisivas (15).

“Está jogando muito”, resumiu Tite sobre o astro da seleção. “Desempenho técnico de atletas extraordinários e profissionais são de quando tu rapidamente pensas e executas. Rapidez e execução têm de estar em sintonia. E ele está”, completou.

A jornada positiva de Neymar tem a ver com sua mudança de comportamento ao focar no futebol e até se preparar fisicamente quando estava de férias. “Parabéns, Neymar! Parabéns, Ricardo Rosa (preparador físico do jogador). Parabéns, PSG! Parabéns, Fábio. Talvez nessa escala de importância depois chega a gente. Ele é fruto de toda essa preparação para que tenha desempenho”, pontuou.

Programação

A CBF tem de enviar uma relação com 55 nomes para a Fifa até 21 de outubro. O anúncio da lista final, com 26 jogadores, será feito no dia 7 de novembro. Esse grupo pode ser modificado até o dia 14, quando o elenco se apresenta em Turim, na Itália, para começar a preparação para o Mundial. O Brasil ficará cinco dias na Itália.

No dia 19, a delegação viaja a Doha, capital do Catar. Os atletas fazem quatro treinamentos até a estreia contra a Sérvia, marcada para o dia 24. No dia 28, enfrenta a Suíça e no dia 2 encerra a primeira fase contra Camarões.



Tite segue observando, ainda, alguns jogadores e está feliz com o bom futebol que Neymar vem jogando pelo PSG



Nordeste colonial teve primeiro caso de espionagem de guerra

No século 17, Adriaen Verdonck era o agente duplo que levantava informações sobre a campanha militar holandesa e as levava para os portugueses

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O historiador holandês Ambrosius Richshoffer escreveu, em 1677, a história do que seria, segundo a análise dos cronistas atuais, o primeiro caso de espionagem de guerra registrado em escrita no Brasil, citando a atuação de agente duplo do batavo Adriaen Verdonck, cujo relato feito a WIC – West-Indische Compagnie (sigla em holandês da Companhia das Índias Ocidentais), permitiu que os neerlandeses tivessem sucesso na invasão de Olinda, Recife e Itamaracá, em 1630, aí incluindo dicas estratégicas sobre as frágeis defesas militares da Paraíba.

O espião deu-se mal. Reconhecido num acampamento militar português, por um índio batedor tarairiú, colaborador dos holandeses, ele perdeu toda a confiança que gozava junto ao general holandês Jonkheer Diederick van Waerdenburch e acabou executado a mando da Companhia das Índias Ocidentais. Até o momento da segunda invasão holandesa ao Brasil, Verdonck passou a privar do convívio íntimo deste general, sendo figura de proa nos passeios e mesmo à mesa do militar. Desta forma, levantava informações sobre a campanha militar holandesa em Pernambuco e as levava para os portugueses e seus aliados da Insurreição Pernambucana; e colhia dos portugueses os planos de batalha para combater os holandeses.

De conduta leviana, ele foi recompensado com 10 mil florins, por ter oferecido aos holandeses, o documento hoje conhecido como “Memória aos dirigentes da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais,” onde assinalou a localização, situação de lu-

Holandeses tiveram acesso a informações estratégicas sobre o Brasil, que ajudaram durante os conflitos pela ocupação do território



Foto: Batalha dos Guararapes, 1879. Museu Nacional de Belas Artes. Victor Meirelles

Disputa luso-holandesa pelo território do Brasil durou anos e teve a participação de figuras importantes na vitória portuguesa

Prisão e morte em Pernambuco

Cartas de Verdonck aos portugueses, eram enviadas de três em três dias, comunicando os planos de guerra dos holandeses

gares, aldeias, comércio e fortificações militares, além das áreas menos vigiadas pelos luso-espanhóis, de fácil acesso para um ataque por terra ou pela água.

Neste documento, o espião também citou os pontos nevrálgicos do Rio Grande do Norte, que embora não produzisse muito açúcar, ainda dispunha de um estoque razoável de pau-brasil e já embrionava no comércio do algodão. Verdonck ignorava que os dirigentes da WIC ordenaram “vigia-lo com muita atenção”.

Em seus escritos históricos, Richshoffer conta que um escriba da WIC, acionando sua rede de espiões e batedores, fez denúncia comprometedor e verdadeira sobre Verdonck ao Comando Militar Holandês em Recife, destacando, inclusive, sua periculosidade como agente duplo, no dia 26 de dezembro de 1630. A denúncia:

“Passou-se para o nosso lado (neerlandês) um mouro (escravo africano) do inimigo (portugueses e brasileiros) que referiu haver entre a nossa gente um traidor, que diariamente vai ter com os nossos adversários na floresta, e lhes dá notícia da força que guarnecem todos os nossos postos, dos navios que chegam da pátria, e quantos soldados, víveres e munições trazem”.

A denúncia se espalhou e foi novamente comprovada em 15 de janeiro do mesmo ano, quando um escravo de Verdonck foi reconhecido por um indígena, que também se passou para o lado neerlandês, confessando ser ele o portador das cartas destinadas a Matias de Albuquerque. As cartas de Verdonck para os portugueses, eram enviadas de três em

três dias, comunicando aos lusos detalhadamente, os planos de guerra traçados pelos holandeses, para combatê-los, em Recife, Itamaracá, Olinda, Paraíba e Rio Grande do Norte. Richshoffer observou que os neerlandeses, com aquelas missivas apreendidas, dispunham das provas que necessitavam para denunciar Verdonck, a quem eles tinham como amigo.

Verdonck foi preso de imediato, “com ferros nas mãos e nos pés”. Depois, mais acusações vieram pesar contra ele. Desta vez por um português do Norte, cujo nome não é revelado por Richshoffer. Mesmo assim, Verdonck conseguiu ser libertado pelos neerlandeses. Mas, numa análise detalhada do conjunto e da natureza das denúncias leva os maiores da WIC a deduções comprometedoras. Assim, a partir de 3 de abril de 1630, Verdonck é preso novamente e passa a ser torturado. Nos interrogatórios, usaram recursos do “potro” e da “prancha,” ambos de aplicações dolorosas e contundentes. Numa dessas sessões, Verdonck veio a confessar. Em desespero, Verdonck tentou o suicídio, atirando-se por um pe-

queno buraco “que havia junto à prisão com o propósito de quebrar o pescoço”, mas sofreu apenas um pequeno corte na cabeça, vindo a ser ainda mais severamente torturado e melhor vigiado.

Por causa das lesões corporais provocadas pela tortura, Verdonck morreu na noite do dia 9 de abril de 1631. Sua execução estava marcada para o dia seguinte. Em 9 de abril deste ano registrou-os 391 anos de sua morte. A narrativa de Richshoffer complementa:

“Não se conformando com a morte de Verdonck, as autoridades holandesas determinaram que fosse o seu cadáver retirado da prisão e arrastado pelas ruas até ao local marcado para a execução. Ali, em virtude da condenação, foi estrangulado, sendo-lhe cortados dois dedos e a cabeça. Em seguida foi esquartejado. Colocaram sua cabeça num alto poste do Forte do Brum, e as pernas e tronco além dos braços, pendurados num mastro do Forte de Cinco Pontas, em Recife. Outras partes de seu corpo enviaram para serem penduradas em uma forca, em Olinda”.

Foto: Batalha naval. In Caspar van Baerle/Biblioteca Nacional



Nascimento em Brabante e vida em Lisboa

Segundo o historiador José Antônio Gonsalves de Mello, na obra “Fontes para a História do Brasil Holandês: a economia açucareira”, Adriaen Verdonck era da região dos Países Baixos. Foi autor de um valioso documento oferecido ao governo holandês de Pernambuco em 1630. Nascido no Brabante (atual Bélgica) cerca de 1589, Verdonck viveu por algum tempo em Lisboa (por volta de 1611), passando-se a Pernambuco onde estava pelo ano de 1618. “Em 1630 tendo servido por algum tempo aos invasores, na verdade conservou-se fiel aos luso-brasileiros (provavelmente era católico) mas, descobertas suas ligações com estes, foi justificado pelos holandeses em 1631”, descreve o historiador.

Ainda segundo Mello, conheceu larga parte do território pernambucano e na “Memória” recolheu informações importantes acerca da área açucareira e das de policultura e de pecuária que abasteciam aquela, voltada exclusivamente para a sua atividade monocultora.

Por causa das lesões corporais provocadas pela tortura, Verdonck morreu na noite do dia 9 de abril de 1631

José Bezerra da Silva

Admirado e respeitado, era fotógrafo de eventos oficiais na Paraíba

Lucilene Meireles
lucilene@uniao.com.br

“Meu nome é trabalho”. Assim se definia José Bezerra da Silva, que foi chefe do setor de fotografia da Secretaria de Comunicação da Paraíba (Secom). Falecido há cerca de duas décadas, deixou saudades entre os colegas e familiares, além das boas lembranças do homem extrovertido e bem humorado, mas que também era exigente, extremamente organizado e detalhista no trabalho. Em família, era carinhoso e dedicado aos três filhos e à esposa, que hoje vivem no exterior. Segundo os colegas, foi vítima de um câncer.

“Quando entrei na Secom, como repórter, ele já era chefe do setor de fotografia. Na época, Werneck Barreto era o chefe. Depois, quando Werneck saiu, eu assumi a chefia e tive a oportunidade de trabalhar com José Bezerra da Silva. Era um profissional muito competente no que fazia, era exigente com ele mesmo e com as pessoas com as quais trabalhava. Exigia qualidade no trabalho, disciplina e ordem”, destaca a jornalista Cleane Costa, diretora de Jornalismo da Secretaria de Comunicação (Secom) da Paraíba.

Ao mesmo tempo em que era assim, ela recorda que ele também era uma pessoa muito extrovertida. “Era espontâneo, conversador. Mesmo quando alguém sentia uma raivinha dele por levar um grito aqui, outro acolá, daqui a pouco passava e todo mundo começava a rir. Ele também tinha um lado de ensinar às pessoas o ofício da fotografia”, ressalta.

Bezerra batalhava muito pelo pessoal dele, tanto em relação ao ambiente de trabalho, como também no aspecto financeiro chegando, inclusive, a ir até o governador para pedir aumento. Geralmente conseguia,

conforme Cleane Costa. Ela conta que, naquele tempo, havia uma data fixa de se dar aumento que era no dia do servidor, e todos esperavam muito por isso. “Mas, às vezes, acontecia de não sair para todas as categorias e, quando isso ocorria, ele ficava batalhando por fora. Ele era muito justo nesse sentido. Exigia, porque sabia que o pessoal trabalhava bem”, constata.

Naquela época, os servidores tinham condições difíceis de trabalho se comparado a hoje, quando se conta com câmeras digitais, computadores. Era a época das câmeras com filmes, negativo que precisava ser revelado. José Bezerra foi o responsável por implantar o laboratório de fotos coloridas e conseguiu o material para revelar lá mesmo. Cleane lembra que houve um tempo em que, quando a foto era colorida, tinha que ser revelada fora, já que não existia o laboratório de revelação colorida.

“Quando ele faleceu, em decorrência de um câncer, já estava aposentado. Foi uma comoção em geral. Embora ele não estivesse mais lá, grande parte das pessoas que ainda estavam tinham sido da época dele, e todos lamentaram bastante, principalmente por ele ser essa pessoa que, ao mesmo tempo em que era exigente, era legal com os amigos, preocupado, principalmente com os que trabalhavam diretamente com ele. Era de defender a causa”, diz.

O jornalista José Alves também trabalhou com José Bezerra da Silva e lembra que o colega era muito brincalhão. “Era uma pessoa que gostava das viagens com os governadores, fotografava tudo. Passou muito tempo como coordenador do setor de fotografia do Palácio da Redenção. Bezerra era forte, alto e gostava muito das viagens, fotografando os lugares por onde passávamos”, lembra.



Ilustração: Paulo

Exigente, era crítico do próprio trabalho, gostava de ensinar o que sabia e se preocupava com os colegas de Redação

angelicalucio@gmail.com



Foto: Arquivo/A União

Na Secretaria de Comunicação, onde trabalhou até a aposentadoria, organizava os arquivos fotográficos

Tornou-se uma referência para os colegas

Para o fotógrafo Evandro Pereira, que começou a trabalhar com Bezerra em 1981, o amigo era uma pessoa muito boa. “Tinha o coração grande demais e sempre dizia que seu nome era trabalho. Fazia os arquivos de fotografia, escrevia nos envelopes de qual governo eram as fotos e anotava quem era o fotógrafo. Era um arquivo muito organizado”, afirma.

Em razão desse cuidado, também era exigente e detalhista. Às vezes, conforme Evandro, ficava bravo com os colegas de trabalho, mas logo as coisas se resolviam e lá estava ele chamando todo mundo carinhosamente de “neguinho”.



Foto: Arquivo/Secom-PB

Bezerra (centro) com o ex-procurador Geral do Estado, Luciano Maia

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

A programação das emissoras de rádio e nossa memória musical

Antes do advento dos processos atuais de audição, com todas as suas variantes, a programação musical das emissoras de rádio estava baseada na boa música interpretada pelos pioneiros do cancionero da Música Popular Brasileira, com destaque para alguns já citados em Coluna anterior.

A título de curiosidade, uma elucidação: as músicas, após serem executadas, tinham que ter os nomes dos respectivos intérpretes e criadores delas (compositores e letristas) devidamente divulgados, como, aliás, continua acontecendo nos rótulos das gravações. Infelizmente, não nos restou esse respeito relativo aos “criadores” dos sucessos. Uma pena!...

Já havendo lhes relatado, anteriormente, os primórdios do nosso cancionero musical, reperto-me agora à nossa memória musical que, conforme é voz corrente e que acontece com quase todas as outras reminiscências, é por demais sabida a ideia de que o “povo brasileiro não tem memória” ou, talvez, que tenhamos uma “memória curta”. E não estou falando nas tais doenças naturais do envelhecimento como, por exemplo, o malfadado Mal de Alzheimer ou da moderna ansiedade que tem predominado, sobretudo, entre crianças e adolescentes: o tal de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Mas a tal falta de memória a que queremos

nos reportar é aquela que diz respeito à nossa história, com relação à qual tem prevalecido o desinteresse, quando não a sua própria desvalorização que chega ao absoluto desconhecimento ou à total ignorância.

Se assim acontece, o que dizer de nossa sobre e dita memória musical? Obviamente, não estamos falando de um processo de revisionismo de qualquer natureza, mas tão somente da preservação daquelas lembranças que nos são mais caras e que nos conduzem à revivência de coisas, fatos e músicas que, de certa forma, nos são agradáveis e benéficas aos nossos momentos de enlevo e satisfação individual ou mesmo coletiva. As consequências do esquecimento dessas lembranças ou da pouca relevância que atribuímos a elas, levando-as a um segundo plano, são desprezíveis, pois um povo que desconhece o seu passado, em quaisquer circunstâncias ou aspectos e que não se liga às suas referências, perde a oportunidade de consolidar sua própria história.

Tais considerações nos vêm a propósito do universo musical que envolve o período chamado pelos teóricos musicais de Velha Guarda. E falando dela que, em breve, iniciaremos uma série de Colunas que irão sendo publicadas de maneira não sistemática, mas aleatória.

Em um universo em que circularam João da Baiarna, Pixinguinha, Sinhô, Donga, Vadico (pianista e maestro paulista), Bide, Ismael Silva, Cartola, Nelson Cavacinho, fulgura como estrela de primeira grandeza, mais como compositor (inspiração melódica e, sobretudo, construção de textos mais bem elaborados) de sambas antológicos do que propriamente como o seu próprio intérprete, embora também o fosse, e de certo brilho.

Estamos falando de Noël Rosa, descendente de família de razoável cultura, a quem os compositores incipientes recorriam em busca de “letras” que se adequassem às suas inspirações melódicas. Aliás, diga-se de passagem, por essa época, o mesmo acontecia, em paralelo, com o baiano Assis Valente, fonte de inspiração a serviço de “criadores” musicais.

A partir de inspirações direcionadas a amores mal resolvidos ou mal sucedidos, Inteligente, letrado, culto, poeta, mas,

sobretudo, irônico, Noël soube, por meio de sua música, criar o gênero sambacrônica, com ironia e humor, tornando-se para os pósteros uma espécie de cronista musical do dia a dia carioca, nos mesmos moldes do que já vinha fazendo o jornalista, cronista e teatrólogo paulista-carioca João do Rio (1881-1921).

A verve poética de Noël fez com que ele fosse cognominado, com todos os méritos líricos, de o Poeta da Vila. Já desde os seus primeiros textos, ele fazia jus à admiração dos observadores de plantão. Com domínio sobre os versos, criou composições que chamavam a atenção, a partir do próprio nome desses textos poéticos: A. B. Surdo; Marcha da prima... Vera; Não faz, Amor; Você só ... mente. Algo que, talvez, tenha feito escola. O próprio Chico César, no mesmo estilo, nos deu o emblemático “Respeitem meus cabelos, brancos”. (Qualquer semelhança terá sido mera coincidência).



Na ilustração, o autógrafo de Noël Rosa

Angélica Lúcio

Muito prazer, meu nome é “Lead diluído”

Lead (lide), conforme consta no renomado “Dicionário de Comunicação”, de Carlos Alberto Rabaça & Gustavo Barbosa, é a abertura de uma notícia. Deve trazer, de forma sucinta, o assunto principal da matéria ou o fato essencial. “O lide torna possível, ao leitor que dispõe de pouco tempo, tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo”, ensinam Rabaça & Barbosa.

Do lead, aprendi nos livros e nas redações, é que iremos escolher as informações que irão compor a manchete e o subtítulo (linha fina/subtítulo) da notícia. Quanto mais atraentes esses dois elementos, maior a possibilidade de firmarmos a atenção do leitor.

Pois bem. Há algumas semanas, em um curso ministrado pelo professor Fabiano Ormanezze (“Produção de textos para comunicadores do setor público”), aprendi que um novo tipo de lead está sendo estudado pela academia e praticado por alguns veículos de comunicação. Trata-se do “lead diluído”, do qual até então nunca tinha ouvido falar nada. Mas bem que gostei da proposta. Considerado uma novidade em termos



Ilustração: Pixabay

estilísticos, o lead diluído nasceu a partir de uma certa crise de identidade do texto jornalístico. Conforme Ormanezze, a evolução dos meios de comunicação e o imediato impulsionado aos meios digitais criaram outros formatos. “Também influenciaram

nesse processo a portabilidade da informação e seu acesso de dispositivos móveis e o fato de que o acesso à notícia hoje se dá de maneira incidental por boa parte dos leitores”.

Citando a pesquisadora Kira Goldenberg, que estuda o tema, Ormanezze lembra que, por pelo menos um século, a pirâmide invertida reinou inveterada no jornalismo, com algumas exceções, como as correntes que defendiam o formato literário. Atualmente, porém, tal formato “não condiz mais com as plataformas digitais que o público vem usando para ler (ou não ler, o que é mais comum) notícias”, avalia Kira Goldenberg.

E é aí que entra o lead diluído. Para não cansar quem lê notícias em suportes digitais e em veículos com textos mais curtos, a saída para manter a atenção do leitor é não repetir informações do lead nos chamados elementos supratextuais, como o título e o subtítulo (linha fina).

Ao optar pela NÃO repetição, no título e antetítulo, de elementos textuais já existentes na abertura da matéria, ou seja, ao fazer o lead diluído, o repórter produz um texto que torna a leitura mais dinâmica.

E, como bem pontua Ormanezze, mais condizente com o leitor típico da internet, que dificilmente permanece numa página por mais de alguns segundos, principalmente, se perceber que as informações estão repetidas.

“Essa é também uma estratégia a ser valorizada em função do uso de hiperlinks ou de postagens em redes sociais digitais. Em resumo, nesse tipo de construção, título, linha-fina e primeiro parágrafo trazem, de modo diluído, o que, no formato mais tradicional, comporia o lead clássico”, explica Fabiano Ormanezze.

Acredito que o lead diluído não funciona para um release, por exemplo. Mas pode ser adotado muito bem em redes sociais, blogs, portais de notícias e também em textos com foco em comunicação interna. E, cá entre nós, para quem está acostumado a redigir textos no formato clássico do jornalismo, optar pelo lead diluído pode ser difícil no início. É preciso saber dosar bem a quantidade de informação que deve vir no título, subtítulo e corpo do texto. Você é jornalista? Faça um teste com o lead diluído e depois me conta se deu certo!



Casa especializada em frutos do mar acabou de abrir as portas em João Pessoa trazendo novas experiências a paladares exigentes

CAPTAIN JACK

Boa gastronomia em diferentes ambientes

Inspirado pela paixão que nutre pela gastronomia marítima, o empresário André Barros se uniu às irmãs Adriana e Alessandra e ao “amigo irmão” Fernando Cunha para embarcar em um projeto com o intuito de proporcionar uma nova experiência aos amantes da boa gastronomia vinda do mar. Foi dessa forma que nasceu o Captain Jack, nova casa gastronômica especializada em frutos do mar, que acaba de abrir as portas em João Pessoa.

O ambiente é um equilíbrio entre sofisticação, conforto e uma decoração com traços rústicos que espelham o conceito *sea food* da casa. “Queremos proporcionar novas aventuras gastronômicas e conquistar cada vez mais um público apaixonado por frutos do mar”, revela André Barros.

Dois ambientes em um para tornar a experiência ainda mais completa, o Captain Jack dispõe de dois espaços com propostas distintas. No térreo, se encontra o bar que possui uma deliciosa variedade de petiscos, drinks e bebidas. O local conta com um *happy hour* que funciona de ter-



Casa traz um equilíbrio perfeito entre sofisticação e conforto

ça a domingo das 17h às 20h, com 50% off em petiscos e bebidas selecionadas, inclusive o Captain Blue, drink autoral da casa.

Já no primeiro andar, funciona o restaurante que apresenta aos clientes com um menu sofisticado e pratos feitos cuidadosamente para os amantes da cozinha sofisti-

cada. O salão amplo tem vista para a cozinha totalmente aberta, onde é possível conferir o trabalho cuidadoso da equipe na elaboração dos pratos. O Captain Jack também é um dos primeiros espaços em João Pessoa à vontade com um aquário vivo e servir ostras frescas de altíssima qualidade aos clientes.

Além do bar e restaurante, o Captain Jack também dispõe de um espaço privado para quem deseja realizar eventos corporativos, casamentos ou aniversários no local.

Programação

No Captain Jack, os clientes contam com música ao vivo de quinta a sábado no restaurante, e nas terças, a partir das 19h, durante o Rolha Free - momento em que os clientes podem levar um vinho de casa para saborear e harmonizar com o menu do restaurante. No bar, a música ao vivo acontece de quinta a domingo.

O Captain Jack fica localizado no Holanda's Prime Shopping Residence - Av. Antônio Lira, 536, loja 28 - Tambaú. O horário de funcionamento do restaurante é de terça a quinta das 12h às 15h e das 18h às 23h, de sexta a sábado das 12h às 23h e domingo das 12h às 22h.

O bar funciona de terça a domingo das 12h às 23h. Para outras informações ou para realizações de reservas, entre em contato pelo número (83) 9136-5028 ou pelo instagram @captainjackseafood

PRATO DO DIA

Filé de tilápia na crosta de farofa de dendê

Ingredientes

- 500 g tilápia
- 200 g de farinha de mandioca fina
- ½ cebola branca cortada em cubos pequenos
- 30 ml de azeite de dendê
- 150 ml de leite de coco
- 500 g batata inglesa
- ½ repolho verde
- ½ limão siciliano
- 10 ml de azeite de oliva
- Sal e pimenta a gosto

**Modo de preparo:**

■ Coloque as batatas para cozinhar em água quente. Tempere o filé de tilápia com sal, pimenta e sumo do limão, reserve.

Em uma panela, aqueça metade do azeite de dendê e doure a cebola, acrescente a farinha de mandioca, corrija o sal e reserve.

Coloque papel manteiga em uma forma e unte com azeite, posicione os filés de tilápia já temperados na assadeira e cubra com a farofa os filés individualmente.

Corte o repolho em fatias de aproximadamente 1,5 cm e

tempere com sal, pimenta e azeite, coloque em uma assadeira com papel manteiga untado com azeite.

Leve ao forno pré aquecido a 180°C por cerca de 15 minutos.

Com as batatas já cozidas, retire a pele e amasse (com o garfo ou um espremedor). Para um purê mais fininho o ideal é passá-lo na peneira, em seguida leve o purê ao fogo com um fio de azeite de dendê (o suficiente para dar uma cor amarelada ao preparo) acrescente o leite de coco e cozinhe até todos os ingredientes estarem incorporados e com a textura de um purê suave e aveludado.

Walter Ulysses

Walter Ulysses
| Colaborador

Consultor gastronômico

O consultor gastronômico atua em restaurantes e está envolvido com diversas funções, desde o processo de abertura do restaurante, contratação de funcionários, escolhas de cardápios a serem servidos, o treinamento dos funcionários, além do acompanhamento de todo o processo de abertura.

Quando um restaurante está com problemas de faturamento, não está gerando lucro, esses profissionais diagnosticam o problema e procuram amenizá-lo até reerguer o estabelecimento. Para isso, implantam-se mudanças, seja no cardápio, ambiente, maneira de atendimento e até valores.

Alguns requisitos para ocupar a vaga de consultor gastronômico são:

- Acompanhar todos os indicadores de performance/vendas;
- Garantir a qualidade, disponibilidade e acessibilidade dos produtos ao consumidor;
- Acompanhar atuação da concorrência no mercado food service e fornecer esses dados para o setor responsável além de propor ações para oportunidades;
- Realizar a venda de produtos alimentícios ou ingredientes.

Walter Ulysses - Chef formado no curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) com especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

PITADAS A GOSTO

Foto: Reprodução



No dia 23 de setembro houve a abertura do Festival do Queijo, em Soledade. Esta é a segunda edição do evento, realizado no Cariri paraibano.

A PBTur e a Prefeitura de Soledade promoveram um fampress que contou com a presença de jornalistas, influenciadores, chef de cozinha e pessoas ligadas ao turismo paraibano.

A intenção do evento é mostrar que Soledade tem potencial para contribuir não só para a culinária, mas no lazer, na cultura e na história do estado.

A programação foi bem agradável e teve como assunto principal o queijo produzido na Paraíba.

Na próxima semana trago todos os detalhes do evento.

Confira a programação

- 7h30 - Saída da PBTur
- 11h - Visita a Igreja de Soledade
- 12h - Fazenda Pendência - Visita e Almoço
- 16h - Saída p/ cidade
- 17h - Início do Festival
- 19h - Retorno JPA
- 22h - Chegada PBTur